Antologia Mitografias Vol. II

MITOS DE ORIGEM

Leonardo Tremeschin Andriolli Costa Lucas R. Ferraz (Orgs.)

Antologia Mitografias

vol. II

Mitos de Origem

Organização:

Leonardo Tremeschin
Andriolli Costa
Lucas Rafael Ferraz

Copyright © Mitografias, 2018

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Organização: Andriolli Costa, Lucas Rafael Ferraz e Leonardo Tremeschin
Edição: Andriolli Costa, Jana P. Bianchi, Lucas Rafael Ferraz, Leonardo Tremeschin
Revisão: Rodrigo Rahmati
Diagramação: Rodrigo Rahmati e Lucas Rafael Ferraz
Capa: Mikael Quites
Autores: AJ Oliveira; Andriolli Costa; Anna Fagundes Martino; Caio Henrique Amaro; H. Pueyo; Isa Prospero; Jana P. Bianchi; Leonardo Tremeschin; Lucas Rafael Ferraz; Rafael F. Faiani; Rafael Marx; Rodrigo Ortiz; Simone Saueressig; Tiago Rech.

Este livro é uma obra de ficção. Todos os locais, empresas e pessoas, vivas, mortas ou mitológicas, tiveram origem e são produtos da imaginação dos escritores. Qualquer semelhança com esta realidade é mera coincidência.

Agradecimentos

Após o sucesso do primeiro volume, dedicado aos Mitos Modernos, a equipe do Mitografias traz para você essa segunda antologia. São contos de 14 autores que mergulharam nos Mitos de Origem das mais diversas culturas, dando forma a obras únicas e criativas.

Agradecemos:

A todos os autores que enviaram seus contos para esse mítico projeto;

Aos padrinhos e madrinhas que apoiam financeiramente o site Mitografias, tornando possível todo projeto do site;

A toda equipe do Mitografias, que vem guiando esse site e seus podcasts por mais de 9 anos;

Ao ilustrador Mikael Quites, pela criação da capa da antologia;

Ao Andriolli Costa e ao Lucas Rafael Ferraz, que ajudaram na organização da antologia;

À Jana P. Bianchi, por ajudar a selecionar e editar os contos;

Ao Rodrigo Rahmati, pelo seu auxílio na revisão dos contos;

E principalmente a você, leitor, que nos ajuda e incentiva sempre ao acessar o site, ouvir os podcasts, divulgar nossas matérias e enviar seu feedback.

Leonardo Tremeschin, 2018.

Apresentação do Mitografias

www.mitografias.com.br

Criado em 2009, o Mitografias é um site que, ao longo desses anos, vem apresentando mitologias do mundo todo. Desde textos introdutórios até artigos acadêmicos. Abrangendo os mitos, crenças e religiões de toda e qualquer cultura atual e antiga. Psicologia, história, antropologia e diversas outras áreas humanas são também o foco do site.

Não se prendendo apenas a textos, o Mitografias possui diversos podcasts — o Papo Lendário, com conversas sobre mitos, lendas e religiões; o Horrores Urbanos, uma narrativa reflexiva sobre os horrores que assombram a humanidade; o Religare, que apresenta breves análises de livros com temática mítica e como foi a ligação do leitor com a obra literária; o Manual dos Monstros, que une a narrativa e a descrição dos principais monstros da mitologia; e o Papo Cético, que desdobra os detalhes do pensamento científico e cético.

Após uma premiada edição em ebook, a *Antologia Mitografias Volume I: Mitos modernos* foi publicada pela editora Penumbra Livros em 2018. Foi um marco, onde o Mitografias deixou de ser apenas um site com podcasts e textos e se tornou o Projeto Mitografias, com objetivos que vão muito além do site, incluindo novas publicações como essa, o segundo volume desta série de antologias.

Este *Volume 2* foi realizado graças ao apoio dos nossos Padrinhos e Madrinhas. Convidamos você também a contribuir com o Mitografias e, assim, viabilizar novos projetos como este. O Padrim é um sistema de financiamento coletivo, no qual a partir de R$ 1,00 você ajuda o Mitografias a crescer. Basta acessar www.padrim.com.br/mitografias e selecionar o valor com o qual pode colaborar.

Apresentação da Equipe

Andriolli Costa (organizador)
Jornalista sul–matogrossense, explora a ficção folclórica como escritor após anos de pesquisa acadêmica. Desde 2015 é editor do site *O Colecionador de Sacis* e realiza diversas ações organizador de divulgação folclórica, como mostras de curta metragem, exposições, aulas, palestras e cursos de formação para uso de folclore entre mediadores de leitura. Apresenta os podcasts *Popularium* (no Mundo Freak) e *Poranduba*. Foi um dos organizadores da *Antologia Mitografias vol. I: Mitos modernos*.

Leonardo Tremeschin (organizador)
Criador e diretor do Mitografias, idealizador, host e editor dos podcasts *Papo Lendário*, *Religare* e *Manual dos Monstros*, também participa e auxilia na produção do podcast *Papo Cético*. Formado em Audiovisual e Análise de Sistemas. Leonardo é entusiasta e pesquisador de mitos há mais de 15 anos. É atraído pelo aspecto antropológico e histórico das mitologias e religiões, e como tais podem ser comparadas tanto entre si quanto com obras de entretenimento. Foi um dos organizadores da *Antologia Mitografias vol. I: Mitos modernos*.

Lucas Rafael Ferraz (organizador)
Engenheiro de computação, escritor e podcaster. Participa do podcast *Perdidos na Estante* no site Leitor Cabuloso, onde também atua como co–editor de contos. Fascinado por mitologia desde a adolescência, teve um site chamado *Templo do Conhecimento*, cujo conteúdo hoje integra o Mitografias, onde participa do podcast *Papo Lendário*. É editor–assistente na revista *Trasgo*, da qual participa desde a edição número 6. Teve contos publicados nas antologias *Sentimentos à flor da pele*, *Retrônicos*, *Realidades Cabulosas: Ano 1* e *Trasgo: Ano Um*. Foi um dos organizadores da *Antologia Mitografias vol. I: Mitos modernos*. Eventualmente escreve no site lucasferraz.com e pode ser encontrado no Twitter e no Instagram como @ferraz_lucas.

JANA P. BIANCHI (editora)
É engenheira, escritora, viajante, editora–chefe da *Revista Mafagafo*, hostess dos podcasts *Curta Ficção* e *Desafio Ex Machina*, colaboradora do jornal satírico *Tempos Fantásticos* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e os contos "Analogia" (Revista *Trasgo* #09) e "Dois ou Um" (coletânea *Aqui quem fala é da Terra*, Plutão Livros). Pode ser encontrada no site janabianchi.com.br e no Twitter e no Instagram como @janapbianchi.

RODRIGO RAHMATI (revisor)
Formado em Gestão Ambiental, servidor público e editor–chefe da Editora Nocaute. Além disso, é escritor, revisor, fotógrafo, desenhista, dançarino de folclore árabe, karateka e derbakista. Tem vários contos publicados — quase todos com elementos de fantasia, ficção científica e terror, em maior ou menor grau, na Amazon, pela editora Draco e em antologias diversas — e dois romances: *O arquivo dos sonhos perdidos*, de 2016, e *Nefelibata ou O fotógrafo*, de 2017. Além disso, é co–editor e revisor dos contos do site Leitor Cabuloso e foi revisor da *Antologia Mitografias vol. I: Mitos modernos*.

MIKAEL QUITES (capista)
Concept artist e ilustrador natural de Porto Alegre que atua há mais de 7 anos. Trabalhou nos mercados publicitário, editorial e de games, já foi gerente em um estúdio de ilustração e procura unir 3D com 2D em muitas de suas artes. Apaixonado por cultura e folclore brasileiro, atua hoje como freelancer. Foi o capista da *Antologia Mitografias vol. I: Mitos modernos*. Para conhecer mais o trabalho dele, acessem www.mikaelquites.com.

Índice

Agradecimentos 04
Apresentação do Mitografias 05
Apresentação da Equipe 06
Introdução 09
Lua que mingua • *H. Pueyo* 12
Folhas de outono • *Rafael F. Faiani* 17
O hidromel da sinfonia • *Caio Henrique Amaro* 28
Omelete galáctica • *Tiago Rech* 52
Mitomania • *Andriolli Costa* 64
Dona das cores • *Rafael Marx* 79
Argaz e Lucia • *Anna Fagundes Martino* 83
Kalpa • *Rodrigo Ortiz* 105
As trevas do coração da tucumã • *Simone Saueressig* 112
A nova arma do rei • *Leonardo Tremeschin* 133
GOD Talks • *AJ Oliveira* 142
Tudo que se planta dá • *Jana P. Bianchi* 149
Carpe Corporem • *Lucas Rafael Ferraz* 165
As três mães de Roma • *Isa Prospero* 177

Introdução

Andriolli Costa

Vamos agora acompanhar o morto
e conhecer novamente a amargura.
Vamos dançar outra vez e afugentar os demônios.
Se não se sabe de onde vem a dança
não se deve falar a respeito.
Se se ignora a origem da dança
não se pode dançar.

Xamã Na–Khi, citado por Mircea Eliade

No princípio era o verbo, a palavra criadora que deu forma ao não–pensado. Era o som primordial, *Tupã Tenondé*, que ribombava no infinito ecoando a existência. Era a eclosão do ovo cósmico, o Big Bang da matéria em eterna expansão. E assim tudo teve início.

Acostumados que estamos à cronologia, muitos podem acreditar que para algo tão único e precioso como o existir, caberia apenas uma origem singular — sendo as restantes, por eliminação, essencialmente falsas. Não poderiam estar mais incorretos. É que o tempo do mito é o não–tempo, onde criação e destruição acontecem simultaneamente e em potências de variação infinitas.

Tudo é verdade.

Séculos de mau uso da palavra tornaram *mito* sinônimo de mentira. Ou, ainda, de um sub–conhecimento, a caducar tão logo o povo alcance a iluminação por uma forma única de acesso ao conhecimento verdadeiro. Tolice. O mito não é apenas uma verdade contingente, daquelas que moram apenas nos discursos. Não, não. O mito é a *grande verdade* possível. A existência é sua grande prova.

Os mitos, e agora sim podemos trabalhar com o plural, não fornecem respostas para o que não entendemos. São as próprias respostas, formam e deformam tudo que nos cerca, atravessam nossa vida. Se hoje aqui nascemos, sentimos, vivemos, amamos e morremos, é porque um mito assim explica. É pela ação de seres fabulosos, heróis ancestrais, deuses e mortais divinizados.

Interessante pensar na quantidade de mitos que explicam origens dos nossos modos de fazer, e seria uma ingenuidade entender sua riqueza apenas pelas proximidades e não pelas diferenças. Com eles, aprendemos como plantar, como pescar, como colher ou, o mais básico de todos, como fazer fogo. Se na mitologia grega clássica é Prometeu quem rouba o fogo de Zeus, oferecendo–o ao homem e, com isso, tornando–se o pai da técnica, no Brasil ameríndio esse papel é representado pelos animais. O portador do fogo, com frequência, é a onça, e o homem recebe a chama graças à bondade de diversas espécies de pássaros.

É pela técnica que o ser humano separa–se da natureza no Ocidente — passando a dominar o mundo natural e a moldá–lo para seu habitar. Entre os povos indígenas, entretanto, uma surge a partir da outra. O fazer foi ensinado pelos bichos. Isso impacta em profundidade o próprio modo como um povo se relaciona com o ambiente.

Perceba que não se trata de pensar as origens de um mito. Como ele surgiu — seja na sua própria meta–narrativa seja a partir de suposições historiográficas — não nos interessa neste volume. O que buscamos são os mitos de origem, narrativas sagradas que dão forma à nossa própria experiência de estar no mundo. Lévi–Strauss já alertava: não pretendia escrever sobre como o homem pensa os mitos, mas como os mitos pensam o homem. E tudo isso, frisava, *à sua revelia*.

Mas não são eles nossas criações? Simplório. A morte de um indivíduo não encerra o poder de um mito. O extermínio de todo um povo não impede que uma crença ressurja séculos depois. Diferente, com toda certeza, mas não é sempre assim? O mito também se transforma e até muda de nome. Mas nosso desejo de conexão, nossos sentimentos, medos e inspirações permanecem os mesmos.

Os Mitos vivem.

•

Buscamos as pulsões dessa vida ancestral neste segundo volume da *Antologia Mitografias*. No primeiro, *Mitos modernos*, lançado de maneira independente em 2017 e impresso em 2018 pela Editora Penumbra, tiramos os seres encantados de seu tempo mítico. Por sua vez, em *Mitos de origem*, buscamos esse tempo originário — seu eterno retorno à criação.

As narrativas que habitam este livro recuperam mitos sobre o surgimento de tudo. Falam da passagem do tempo, da criação dos astros, das terras em que vivemos, dos sentimentos que nos guiam e da essência que nos une. Falam sobre como mitos nascem e, de certa maneira, como morrem. Criação e destruição, afinal, são indissociáveis, como as duas faces de Janus, *Coincidentia oppositorum*.

Mas não pense que aqui nos limitamos ao recontar. Cada história aqui contada é única, carregada de personalidade e autoria. Ao mesmo tempo, essa história também é a mesma. Falar da origem é também falar do hoje. Passado e presente se encontram no tempo mítico, e nele podemos eternamente nos encontrar.

Na capa de nossa antologia, a loba capitolina rosna e protege sua cria adotada. É ela que servirá de mãe mitológica para os fundadores de Roma, sendo, de certa maneira, a matriarca do próprio Ocidente. Ela nos amamenta com histórias fantásticas que, cabe sempre repetir, não dizem sobre seres encantados, mas sobre nós mesmos.

Mergulhe no tempo das origens. Quem sabe nele você descobrirá mais sobre o mundo. Mais sobre você.

Boa leitura!

Lua que Mingua

H. Pueyo

Fazia quatro noites que a lua não aparecia. Jacobo Zilberstein não era um homem supersticioso, muito menos impaciente; era o tipo de pessoa que não cogitava reclamar se um pacote fosse extraviado, se uma carta se perdesse, ou se a comida demorasse uma hora a mais para chegar. Tinha sido assim desde menino, mas agora não deixava de sentir um certo nervosismo ao olhar para a janela do hospital, e ver que não havia nada do outro lado.

— Enfermeira Lucero, a senhorita poderia me dizer uma coisa?

— Marta.

— *Enfermeira* Marta, a senhorita poderia me dizer uma coisa? — ele insistiu, com muita certeza de que a irritaria. A moça teria que aguentar, porém, já que era a coisa certa a se fazer: se ela era enfermeira, precisava usar o título adequado.

Mas Marta Lucero não se irritou, apenas sorriu.

— Sim?

— Veja bem… — Jacobo começou, fazendo um esforço enorme para se sentar na ponta da maca. A janela mostrava parte do céu, com direito a estrelas, nuvens e a sombra de postes e fios elétricos, mas nada da lua aparecer. — Já viu uma coisa assim antes? Quatro dias sem lua. Nem minguante, nem crescente, muito menos cheia… Se duvidar, não é nem lua nova! Acha isso normal?

A enfermeira se aproximou do parapeito da janela e colocou a cabeça inteira para fora.

— Bom — Marta disse, seu cabelo escuro e muito liso caindo sobre os ombros redondos —, se é normal ou não, não sei dizer, mas acho que não é coisa pra ficar se preocupando quando se está acamado.

Marta tinha razão. Ele não estava em condições de se incomodar com pouca coisa: todos os médicos já tinham lhe dito que precisava de

repouso e conforto, só. "Nada dos estresses do dia a dia, Sr. Zilberstein", tinha dito a médica, uma mulher de meia idade com um forte sotaque portenho. "Se tiver alguma dúvida, é só falar com a sua enfermeira."

O problema é que ele nem se lembrava mais com o que tinha se estressado antes, a ponto de ter um acidente vascular. Seria trabalho? Àquela idade, já deveria estar aposentado. Família? Ninguém tinha visitado. Esposa?

Jacobo olhou para a mão esquerda, sentindo uma pontada no peito. Tudo o que sabia era seu nome, e que tinha passado mal enquanto viajava de Salta para Chaco.

— Eu acabei de falar, mas você foi lá e fez de novo. — Uma risada rouca interrompeu seus pensamentos. — Se estressando de novo, né? Entrou por um ouvido e saiu pelo outro, Jacobo?

— Você sabe como é, enfermeira...

— Marta.

— São essas notícias catastróficas todo dia na televisão. Essas coisas de aquecimento global, bom, elas entram na cabeça da gente. — Ele franziu o cenho branco e enrugado, juntando as sobrancelhas grossas em uma careta preocupada.

Marta sorriu de novo. A moça parecia achar graça, como se tudo que ele falasse fosse uma piada.

— Isso me lembra muito uma história que meu marido me contou uma vez — disse Marta. — Uma lenda do povo Wichí, aqui do Chaco.

— Você, casada? Com essa idade?

— Quarenta anos — ela respondeu, sentando ao seu lado para descascar uma laranja.

— *Quarenta?*

— Está tentando me distrair, Jacobo?

— É choque, apenas isso! — Jacobo sacudiu a cabeça, tentando encontrar algum sentido na informação. — Suponho que alguns de nós envelheçam melhor que os outros.

— Muito gentil da sua parte. — Marta ergueu o garfo com um pedaço de laranja na ponta, convidando-o a comer. — Quer ouvir a história ou não quer?

— Que impaciente! — O homem pegou o prato, vendo sua mão esquerda tremer ao se aproximar da fruta. — Lógico que quero. Especialmente com a lua nesse estado. Talvez acalme um pouco esse meu coração, que está ficando nervoso tão fácil…

— Eu ouvi essa história da minha mãe, quando criança, e depois dele, ao conhecê–lo. Como que ele tinha ouvido falar dessa lenda antiga eu não sabia, mas a reconheci assim que as palavras saíram de sua boca. — Marta sorriu, sua pele castanha mostrando duas linhas entre o nariz e os lábios cheios. — Já ouviu falar do homem–lua e sua mulher?

Jacobo olhou para a janela. O céu continuava vazio, mas ele não pensava mais nisso. Tudo o que queria era lembrar de algo, de poder dizer: sim, ouvi! Mas sua mente continuava oca, como se uma névoa se espalhasse por trás de sua testa rosada até as pontas de seus dedos dormentes, enchendo–o de nada.

— Não. Nunca.

— Então feche os olhos.

— Fechados.

— Pois bem. Era noite quando o viu pela primeira vez, como tinha sido desde o princípio, e continuaria sendo por muito tempo depois. — A voz de Marta preencheu seus sentidos, sobrepujando as buzinas dos carros e o tique–taque do relógio. — Não havia nada nem ninguém além deles: ele, a lua, ela, ali. Ele era lua e era homem, nunca deixando de ser um ou o outro. Ela, apenas humana, mas o único ser que conseguia vê–lo, tocá–lo, entendê–lo.

Jacobo apertou os olhos. Na escuridão forçada, quase conseguia vê–los. O homem de pé na terra. Um pé de *guayacaú* negro e retorcido, um cactus pálido e alto, várias pedras. A mulher diante dele, seu cabelo preto escorrido, seus braços abertos, sua pele cintilando sob as estrelas.

— Por muito tempo, os dois foram felizes, à sua maneira. Tão felizes quanto dois seres que não são iguais podem ser, isto é. Felizes até o homem–lua aparecer devagarinho e murmurar na orelha dela: *chega o dia em que devo morrer.*

— Morrer? Não era ela que era humana?

— A mulher também não entendeu. Acho que, naquele então, as pessoas ainda não morriam, mas o que eu sei?

Ele, a lua, afagando o rosto largo e suave dela. Ela, trêmula, seus joelhos ralados contra a terra batida.

— Vendo a esposa dolorida, acamada e contorcida, o homem–lua anunciou que morria, sim, mas que voltaria em três dias. — Ela falava baixo, como se seu conto fosse uma canção de ninar, e, ele, uma criança na cama. — A mulher aguardou; ele voltou, e a lua apareceu no céu, da cor do breu. Ao ver a lua nova, a mulher encheu–se de alegria e jogou–se nos braços do marido. Foi aí que ele disse: *em algumas semanas, morro de novo, mas dessa vez, volto para ficar.*

— Pobre mulher — Jacobo comentou, sentindo que Marta sorria mais uma vez.

— Pobre mulher — a enfermeira concordou. — Ela, que achou que morreria junto, que não seria capaz de suportar outra morte assim. O homem–lua beijou–lhe a face, e disse que ela teria que ir até sua tumba e lavar com água a terra que pudesse encontrar ali. *Mas sem medo,* o homem falou. *Sem sentir medo de mim.*

Jacobo não sabia como eram tumbas antigamente, mas imaginou uma caverna de terra clara, longe da sombra das árvores. Teve pena da mulher, lenda ou não, esgueirando–se para entrar no buraco, carregando consigo um balde escorrendo água.

— Depois de três dias, a mulher foi até lá, onde o encontrou agachado. Mas ao vê–lo assim, inerte, seu corpo manchado de terra, ela foi acometida por um terror profundo e absoluto…

— Não…

— A mulher jogou–lhe água e saiu correndo, assustada. No dia seguinte, o homem voltou ao céu, de novo como a lua nova. O ciclo recomeçara.

— E o que aconteceu então?

Houve um pequeno silêncio antes de ela continuar. Jacobo sentiu as têmporas latejando, as pálpebras pesando e o rosto formigando, do jeito que se sentira ao chegar no hospital.

— Aconteceu que ela não conseguiu aceitar viver com a perda semana após semana. Talvez fosse muito jovem para esperar. Talvez ficasse muito só naquele mundo que antes era apenas deles. — Marta suspirou. — Seja como for, ela foi definhando, até virar só osso e lágrimas, e seu

corpo não aguentou mais. Foi a vez do homem–lua de lidar com essa dor, da forma que ela tinha lidado sozinha todo esse tempo.

— Mas…

— Calma — Marta disse. — A história não acabou.

— Pois me diga o fim de uma vez, ou sou eu que morro!

— Que impaciente… Você não costumava ser assim.

— Não?

— O homem–lua tomou sua esposa da morte, e a transformou em alguém como ele: na estrela d'alva, que ficaria lado a lado com a lua, fosse como fosse. Até hoje os dois voltam para cá, vivendo vidas diferentes, mudando de rosto, de terra, de nome; estão sempre juntos, como a lua e sua estrela. Pode abrir os olhos.

Jacobo olhou para ela. Marta sorria ao seu lado, perto de seu rosto, o cabelo fazendo cócegas em seu nariz protuberante. Ele sorriu de volta.

— Lembrou agora?

— Graças a você. Infelizmente, já é hora de eu ir. — Jacobo beijou sua testa, sua boca, a ponta de seu nariz. Marta tirou a aliança que guardava no bolso, escondendo–a na palma da mão dele. — Nos vemos em breve.

Marta fechou os olhos, pressionando a bochecha contra o braço dele. Não queria vê–lo partir. Sentiu o peito de Jacobo sacudir, seus dedos envelhecidos estremecendo com espasmos breves. Não havia nada nem ninguém além deles, como tinha sido desde o começo, e continuaria sendo para sempre: ele, a lua, ela, ali.

• • •

H. PUEYO é escritora, roteirista e tradutora. De mãe brasileira e pai argentino, nunca passou muito tempo em lugar nenhum, e trabalha atualmente com quadrinhos. Seus contos já apareceram na *Trasgo*, na *Mafagafo*, e em algumas antologias em inglês. Pode ser encontrada online no Twitter (@hachepueyo), mas só de vez em quando.

Folhas de Outono

Rafael F. Faiani

[Aviso de gatilho: Tema — Suicídio]

— Você me ama?

— É claro que te amo.

— Então vamos?

Sobre a mesa, os convites aguardavam o toque das digitais para a confirmação de presença, as letras maiores em destaque sob a luz do abajur. Fernanda fitou–me com seus olhos amendoados e beijou–me sem esperar uma resposta. Era a tática que sempre usava para me convencer. Só que desta vez eu não precisava ser convencido.

Aquela era a oportunidade perfeita.

•

A peça aconteceu no teatro de arena do Parque do Carmo. Ainda me recordo de cada detalhe: as imagens holográficas que irrompiam do palco, as flores de cerejeiras formando um tapete nos arredores e a cara de espanto que Fernanda fez quando viu a aliança.

Dois dias depois, o desejo de vê–la me revisita no banco do metrô. Fiz o turno da noite e estou retornando para casa. Semicerro os olhos, deixando o movimento embalar o sono. Antes que encontrasse a escuridão das pálpebras, uma mensagem de áudio cobra a minha atenção. É dela.

A gravação está baixa, mal consigo ouvir a sua voz. Um som estranho vem do fundo. Não perco tempo e aplico o filtro para refinar a qualidade do áudio, mas ele não elucida a mensagem; parece que a deturpa ainda mais. Retorno a ligação, mas Fernanda não atende. Ligo, então, para Marina, sua melhor amiga. A voz de sono que chega me faz perceber que a acordei.

— Vagner?

— Desculpe por ligar a essa hora, mas estou procurando a Fernanda.

— Já olhou na sua cama?

Acho a piada sem graça, porém…

— Estamos meio que… brigados — não quero dizer *separados* e verbalizar o que temo. — Você não sabia?

— Não, ela não me falou nada. Não a vejo desde o show de domingo, mas se ela me ligar…

— Sim, por favor, me avise.

Desligo apressadamente e tento não pensar em como tudo ruiu à minha volta. Não deveria tê–la pedido em casamento. Estaríamos juntos, se não tivesse cruzado aquela linha. Quando chego ao prédio, seguro–me para não chamar um táxi e procurá–la. Digito a senha para liberar o leitor ótico. Minha íris é escaneada. Encaro por um segundo o porteiro, um droide de vigilância. Ele diz "boa noite" com sua voz metalizada, mas o ignoro. Já no apartamento, desabo na cama e olho para a foto de Fernanda na cabeceira. Ela ligaria quando estivesse pronta. Coloco os óculos e ativo o módulo de sono guiado. Um céu estrelado surge no meu campo de visão e não demoro a dormir.

Como é meu dia de folga, na manhã seguinte acordo mais tarde que o habitual. A primeira coisa que faço é olhar o celular. Há três chamadas perdidas. Respiro aliviado e ligo de volta. Embora seja uma voz feminina, não é Fernanda quem atende.

•

Encontro a detetive Rodrigues em uma cafeteria próxima do IML. Ela usa uma farda verde–oliva da corporação e um droide protetor posta–se ao seu lado.

— Parece mentira — digo, contendo as lágrimas.

Aguardei um milagre até o momento em que vi o corpo de Fernanda estirado na maca, um dos braços revelando a tatuagem de borboleta que fez no início do nosso namoro.

A detetive me analisa, enquanto olho para a rua, para os prédios, para aquele céu azul que Fernanda nunca mais veria.

— Sei que é difícil, mas eu precisava lhe fazer algumas perguntas.

— Quando vão liberar o corpo? Tenho que avisar a família dela.

— Os pais já foram avisados. Não se preocupe.

Uma garçonete nos serve café e se afasta.

— Há quanto tempo vocês namoravam?

— Quase um ano.

— Notou algo diferente nela nestas últimas semanas?

— Não, tudo normal, a não ser… — Noto que a detetive ergue a sobrancelha de forma inquisidora. — No último domingo. Eu a pedi em casamento, mas ela não me deu uma resposta.

— Foi a última vez que a viu?

— Acha que teve algo a ver com…?

— Difícil dizer — ela me corta.

— E o áudio da mensagem? Conseguiu restaurá–lo? — quero saber.

A detetive confirma com um gesto e envia o arquivo para o meu celular. Ao ouvir a voz de Fernanda, não consigo mais controlar as lágrimas.

— Sinto muito. Você sabe a que luzes ela se refere?

Dou de ombros. Não fazia a mínima ideia.

— Isso significa algo para você? — Ela mostra uma imagem no celular.

— Não — respondo de imediato. — Mas… Parece uma letra japonesa.

— É um ideograma. Ela sabia escrever em japonês?

— Não, acho que não. Pelo menos, não que eu saiba.

— Estava pintado numa folha de cerejeira. Encontramos no terraço do prédio, de onde ela se jogou. Não é a primeira vez que vejo isso acontecer.

— O que quer dizer?

— Ocorreram outros suicídios, Sr. Vagner. Infelizmente, não posso lhe dar mais informações.

— Sério?! — bato na mesa e meu café ensopa a toalha de linho. O droide se move para frente, mas a detetive faz sinal para que ele pare. — Não me venha com essa! Não vai me dizer o que está acontecendo?

— Obrigada pelo seu tempo.

Ela se levanta e me deixa sem uma resposta. Sozinho, peço outro café e escuto mais uma vez a mensagem de áudio.

•

— Você viu?

Fernanda se referia ao giro que a atriz executou no palco. Suas formas se alongaram, como se o próprio holograma fosse uma espécie de avatar gigante. A plateia aplaudiu. Atores, interpretando guerreiros, surgiram para enfrentá–la com espadas. O holograma do último se projetou na forma de um dragão. Marina deu um gritinho de surpresa ao lado e Alberto, seu namorado, revirou os olhos. Parecia pouco à vontade ali, tanto que não tardou a convencê–la a irem embora.

— O que achou da peça? — Fernanda indagou no final.

— A história é boa, mas não gostei que a personagem principal morreu.

— Você não sabia?

— O quê?

— Nem todos os finais são felizes.

Ela riu e me puxou pela mão.

Andávamos em direção às cerejeiras do parque, e comecei a sentir um frio no estômago ao perceber que me aproximava do grande momento.

•

O táxi para em frente ao prédio de Fernanda.

Se meu pai estivesse vivo, ficaria decepcionado com o fato que, mesmo em 2042, os carros continuam sobre quatro rodas e o homem não fez uma base na lua — nem mesmo voltou a pisar nela. Apesar de certos avanços tecnológicos, o futuro era mais cinzento do que bordavam seus sonhos coloridos.

Uma faixa amarela da polícia delimitava o local da queda e um drone rondava o perímetro. Parte da calçada estava rachada e havia resquícios de sangue. Não me aproximei mais. Era doloroso estar ali. Acessei

o leitor ótico do portão de entrada, mas minha íris não foi reconhecida. Tentei a liberação de emergência, um código de 6 dígitos que também foi recusado.

Sentei no chão, abracei os joelhos e fitei o vazio. Marina ligou no meu celular. Ela chorava. Devia ter recebido a notícia do suicídio de Fernanda. Em meio aos soluços, compreendi o que dizia: Alberto estava morto. E, por uma terrível coincidência, ele também havia se jogado do alto de um prédio.

•

Pesquiso na web sobre suicídios na cidade de São Paulo. Leio atentamente cada matéria online e anoto pontos que considero comuns a mais de um caso. Quando me dou por satisfeito, amplio a pesquisa para outros estados e depois para outros países.

Acho um fato interessante: o Japão passou a ser o país com o menor índice de suicídios devido ao projeto *4ever*. Tinha lido uma vez sobre o assunto numa revista científica. Parecia irreal que a imortalidade estivesse finalmente ao alcance da humanidade. Segundo o artigo, bastava assinar um termo de responsabilidade para alojar seu cérebro em um corpo cibernético. No Brasil, como na grande maioria dos países ocidentais, ainda não havia uma previsão de aprovação para o projeto.

— A fonte da juventude — murmuro. Intimamente, pensava que aquele oásis no meio do deserto talvez não passasse de uma ilusão.

Continuo a busca e me deparo com um blog chamado *Estação das folhas caídas*. No canto superior direito, um contador anuncia que faltam dois dias para o término do outono. Clico no tópico *A beleza da vida*.

— *Mono no aware. The gentle sadness of things* — leio o subtítulo em voz alta.

Percorro algumas páginas até me pegar dizendo:

— A vida só é bela porque é passageira, efêmera como as flores das cerejeiras.

Há uma citação que desperta a minha atenção. É de um escritor do século XIX chamado Edgar Allan Poe.

Não há na natureza paixão tão diabolicamente violenta como a do homem que, tremendo sobre as arestas dum precipício, sente passar–lhe pelo espírito a ideia de se lançar nele. Deter o pensamento nessa ideia, um instante que seja, é estar inevitavelmente perdido; porque então o raciocínio ordena–lhe que fuja, e é exatamente por isso que não pode deixar de ficar. Se não está ali um braço amigo para o segurar, ou se não é capaz de um esforço repentino para se arrojar longe do abismo, atira–se… Está perdido.

Fico hipnotizado pela imagem de uma cerejeira logo abaixo da citação. Era desenhada à mão, alternando tons de vermelho em cada flor. Não era a primeira vez que via aquela imagem. Imprimo o ideograma da palavra ENIGMA e resolvo sair. Com um pouco de sorte, encontraria a resposta que procurava no bairro da Liberdade.

•

Fernanda apanhou a folha de cerejeira que flutuava em nossa direção. Aproveitei sua distração e tirei a aliança do bolso.

— Mas… por quê?

— Porque eu te amo, é por isso. E sei que você também me…

— Vagner, eu não… Eu não sei o que dizer. Me deixa pensar um pouco…

Ela deu dois passos para trás, como se estivesse acuada.

— Aonde você vai? — pergunto, sem entender aquela atitude.

— Eu te ligo. — A voz era fria, distante.

Parecia outra pessoa. Não era mais a Fernanda que eu conhecia. Os olhos buscavam outra direção, evitavam me olhar. Então ela se afastou de mim.

Fiquei sem reação, enquanto via a mulher da minha vida partir.

•

O mestre Seishiro medita sobre o tatame. O droide mordomo deixa o galpão e fico esperando em silêncio até que ele note minha presença.

— Sente–se! — fala, com os olhos ainda fechados.

Tiro o tênis e me aproximo dele, fazendo uma reverência.

— Obrigado por me receber, mestre.

À exceção dos cabelos grisalhos, suas feições são exatamente as que recordava, da época das aulas de judô.

— Sempre tenho tempo para os amigos.

— Pensei que o mestre poderia me ajudar a…

Estendo a folha impressa.

— A traduzir esse kanji?

— Não, na verdade, já sei o que significa.

O mestre balança a cabeça em tom de aprovação.

— Lembro de minha mãe se ajoelhar na areia e escrever esse kanji. Ela dizia que a vida era um enigma dentro de vários enigmas. Bons tempos… — Ele parece perdido em pensamentos, até que continua: — Mas, me diga: a que devo a visita?

Aponto para uma pintura na parede do dojô. Cerejeiras.

A mesma imagem do blog.

— Sakuras?

— Sim, mestre. Estou tentando entender a ligação que há entre o suicídio e essas árvores.

O mestre Seishiro fica em silêncio. O droide mordomo deixa sobre o tatame uma bandeja de chá e se retira.

— É perigoso falar sobre esse assunto, Vagner.

— Perigoso? Perigoso por quê?

Noto que a xícara treme ligeiramente na sua mão.

— Os últimos dias de outono são dias de tributo. No Japão, temos a proteção da deusa Konohana, mas sua bênção não se estende para outros povos.

— Deusa?

— Não procure a lógica, Vagner. Há muitas lendas no Japão. Uma delas fala que as sakuras ligam o mundo dos vivos e dos mortos. A vida era para ser eterna, sabia? Tão duradoura quanto as rochas. Mas, devido a uma escolha, ela se tornou breve.

Ele beberica o chá e eu faço o mesmo.

— Já falei demais.

— Por favor, mestre! Estou desesperado. Minha namorada se jogou de um prédio. Como é possível? Ela tinha tanta vontade de viver… Por

quê? Por que as pessoas que amamos têm que partir? Só estou procurando respostas, sejam elas quais forem.

O mestre Seishiro abaixa a cabeça. Respira profundamente antes de falar.

— Ninigi no Mikoto era o neto de Amaterasu, a deusa do sol. Ele se apaixonou por Konohana, a filha mais nova do deus regente das montanhas. Mas, por tradição, a filha mais velha tinha que se casar primeiro. Ninigi no Mikoto recusou a oferta e insistiu por Konohana.

— Mas o que isso tem a ver com...

— Tem tudo a ver.

Ele vai até a escrivaninha e escreve num papel. Depois, abre a gaveta e pega uma caixa de madeira.

— A resposta que procura está dentro desse karakuri. Mas ouça o meu conselho, Vagner: abandone a busca enquanto ainda há tempo. Ela... Ela pode vir em sonhos.

•

Não suporto mais, Vagner... Se estiver ouvindo essa gravação, saiba que estou pensando em você. Mesmo agora, estou pensando em você... Só não posso mais continuar... São as luzes. São elas... Desculpe, eu não sei... Não sei mais o que fazer.

Naquela noite, ouço a mensagem de Fernanda enquanto olho para o quadro que ganhei dos meus pais quando criança. Um garoto está em cima de um pequeno planeta regando uma rosa. Há uma frase acima da imagem:

L'essentiel est invisible aux yeux. Le Petit Prince. Antoine de Saint–Exupéry.

— O essencial é invisível aos olhos. Talvez a vida seja mesmo um enigma dentro de vários enigmas.

É quando resolvo descobrir a resposta dentro do karakuri.

Demoro horas para encontrar a combinação correta. Ouço um estalido quando o compartimento secreto é revelado. Ali está a resposta e também a responsabilidade de assumir as consequências pelos meus atos. O mestre Seishiro havia deixado isso claro, embora eu não imaginasse qual seria o seu receio.

Encontro um nome rabiscado no papel.

Ywanaga Hime.

•

Ao se afastar, Fernanda cruzou com uma mulher. Era de ascendência japonesa e de uma beleza estonteante. Ela aproximou–se de mim vagarosamente e falou numa língua que não compreendi. Sua imagem desapareceu da minha mente logo depois. Mas ainda ouço sua voz.

Na verdade, é uma canção.

•

Um passo.

É tudo o que preciso.

Estou no topo do prédio. As luzes da cidade me atraem, parecem me chamar e ainda escuto a canção. Como se o vento a trouxesse. Como se sempre existisse. Não há como voltar atrás. Ali é onde tudo termina. Agora eu finalmente entendo. A última folha a cair. É o que sou.

Eu sou o escolhido.

Ela precisa de mim.

Do meu sangue.

Do meu sacrifício.

As luzes…

•

Acordo no hospital. A detetive Rodrigues me encara. Está com um droide diferente, um modelo mais antigo.

— Droide novo? — pergunto com a voz entorpecida.

— Pois é. O último foi danificado por você.

— Por mim?

— Isso mesmo, quando ele salvou a sua vida.

Ainda estou tonto por efeito das medicações.

— O que aconteceu?

— Você teve algumas fraturas, mas vai sobreviver. Não se lembra que se jogou do prédio?

Fico sem palavras. Tudo tinha parecido um sonho.

— Deixei o droide de prontidão para protegê–lo. Ele foi seu escudo na queda.

— Mas como você sabia que…

— Como lhe disse, houve outros casos. Não só aqui em São Paulo, mas também em várias partes do país. Sempre no fim de outono.

— E Marina? — A possibilidade me ocorre. — Ela pode…

— Não se preocupe. Um droide a está vigiando. Desculpe não ter lhe dito nada, mas a maioria das pessoas não acreditaria nesse tipo de coisa. Você a viu também, não é mesmo?

Eu sabia a quem ela se referia.

— Acho que sim.

— Minha irmã foi uma das primeiras vítimas. Eu consegui sobreviver. Foi em Joinville, há cinco anos. Desde então tento evitar mais mortes. Por isso me aproximei de você.

A detetive me estende um diário.

— Era da Fernanda. Acho que ela gostaria que você ficasse com ele.

•

Há uma linha tênue entre amor e ódio.

Isso me faz pensar na deusa rejeitada e no amor não correspondido. Parece até conto de fadas. O príncipe escolhe a irmã mais nova para se casar e a irmã mais velha lança uma maldição que afeta a todos.

É assim que vivemos.

Sob uma maldição, sem nem mesmo perceber.

No fundo, creio que seja o amor de outras pessoas que a incomode, enquanto ela vaga por entre as cerejeiras, perdida entre dois mundos. Talvez o projeto 4ever tenha sido o catalisador para ela vir para o Brasil. Quando a caça diminui, o caçador amplia sua busca. Por uma infelicidade do destino, cruzamos com a tragédia. No final, somos apenas folhas à espera do outono, suscetíveis a uma maldição.

A brevidade da vida.

•

Vagner me pediu em casamento.

Entrei em pânico e fugi. Não sei explicar por que agi dessa forma. Me casar com ele é tudo o que sempre sonhei. Acho que o magoei profundamente… Será que um dia ele vai me perdoar?

Fecho o diário de Fernanda e o guardo no bolso da jaqueta.

A detetive Rodrigues se aproxima, com seu droide protetor. O primeiro suicídio já tinha acontecido, e ela pediu o meu auxílio na investigação. Faltavam cinco dias para o fim do outono.

— Quer mesmo fazer isso? — ela pergunta.

— Vou ajudar.

— Como tem lidado com a dor?

— Bem.

Ela sabia que eu estava mentindo. Não era possível enganar uma pessoa que havia passado por aquilo. Quem diz que a dor da perda diminui com o tempo não sabe de nada. Um ano pode ter se passado, mas a ferida continua a mesma. Não cicatriza. Sonhos se despedaçam tão facilmente. Só os cacos permanecem. Justamente para ferir.

Penso em Fernanda todos os dias. Penso em tudo o que poderia ter sido e não foi. Penso especialmente na última vez que a vi no parque. Queria voltar no tempo e ficar aprisionado naquele instante. Ela me olharia e diria que nem todos os finais são felizes. Eu concordaria, porque saberia que era verdade. A aliança continuaria no meu bolso e sua mão ainda seguraria a minha.

• • •

RAFAEL F. FAIANI é escritor, engenheiro e cinéfilo. Nasceu no dia da mentira, em Cravinhos/SP. Apesar de não ser mentiroso, inventa histórias o tempo todo. Tem contos espalhados pela Internet e em antologias no Brasil e Portugal. Está finalizando a revisão de seu primeiro romance. Contatos: twitter.com/rffaiani e medium.com/@rffaiani.

O Hidromel da Sinfonia

Caio Henrique Amaro

MOTIF

Um deslizar contínuo e em escala ascendente nas teclas de um piano sem fim; esse é o som de escorregar pela Bifrost, a ponte arco–íris que liga os nove mundos.

O nome dessa técnica é glissando. O jovem compositor sabia muito bem disso ao aterrissar para fora, caindo na segunda raiz de Yggdrasil, onde fica Jötunheim — e, mais precisamente, Mímisbrunnr. Mas isso ocorrera duas horas antes, e ele já tinha entendido onde estava — ou melhor, onde sonhava estar; afinal, podia sentir o corpo dormindo em seu quarto enquanto imaginava aquele poço de pedra crua, aquela cabeça falante e toda aquela neblina. Posicionou as mãos à frente e pressionou o ar, tocando o piano invisível naquele plano, mas palpável na realidade onde estava a dormir. O dó maior preencheu todo o ambiente.

— Não abuse das minhas velhas orelhas, rapaz — avisou Mímir, despertando de um novo cochilo.

— Esse tal de Heimdall não disse mesmo quando voltaria?

— Não, não disse.

— Você pode ter se esquecido. Talvez a falta de membros te afete de alguma forma…

— Eu lembraria. Esta velha cabeça apenas caiu no sono. Ele estava aqui antes de eu cochilar. Quando você chegou me acordando, percebi que ele se fora, levando consigo a Gjallarhorn.

— Gjallarhorn?

— O chifre que será soado quando o Ragnarok tiver início.

— O fim dos tempos, não é? Essa parte você já contou. Duas vezes — suspirou. — Olha, eu não sei há quanto tempo já estou aqui, e acho que Heimdall não vem. Você poderia me dizer por que ele me traria para este mundo? Ou será que você não sabe?

— Questiona o guardião da sabedoria? Pois saiba que eu estou aqui muito antes do seu primeiro antepassado, midgardiano. — Fechou os olhos em uma longa pausa. — Pois bem; se é tão sabido, diga–me qual seu grande propósito, que te direi o de Heimdall.

— Eu quero encontrar a minha música.

— E foi isso que te trouxe até nós — afirmou Mímir.

Em Midgard, mais precisamente em Viena, era fevereiro de 1795, e o corpo de Ludwig Van Beethoven repousava, sentado em um pequeno assento com o tronco estirado sobre o piano. As mãos firmes sobre o teclado. O ronco alto afastava algumas folhas nas quais ele tentava, havia semanas, escrever novas partituras. Essas caíam pela calda do fortepiano, desviando de restos de comida, e chegavam ao chão, encontrando tantas outras, rabiscadas e rasgadas. No meio da sala havia apenas o instrumento, cercado pelas tentativas.

Embora estivesse em um sonho vívido como nunca tivera antes, no quarto havia apenas paredes brancas, nuas, e alguns baús fechados. Era melhor para a sonoridade. Mas a quem queria enganar? Não conseguia um som que o satisfizesse. Talvez nunca conseguisse. Por isso, no aposento, também havia garrafas. O ronco trazia junto um forte hálito de vinho, e parte da sujeira de suas roupas eram manchas bordô. Se acordasse, provavelmente não conseguiria dar um passo sem cair. Talvez já tivesse caído. Não conseguia mexer a cabeça ou abrir os olhos, apenas as mãos sobre as teclas; e, quando o fazia, o som reverberava pelos mundos que agora habitava.

— Escute, rapaz! Eras atrás, Heimdall cortou uma de suas orelhas. Meu poço aceitou o sacrifício e hoje ele é aquele que a tudo ouve, o deus de nove mães. Ele tem um certo apreço pelos midgardianos que nunca entendi. Algumas vezes, vinha aqui comentar sobre algum dos humanos que não foram amaldiçoados pelo mijo de Odin, e você era alguém que ele sempre citava. Porém, tinha percebido seus… digamos, problemas recentes, e resolveu presenteá–lo com o hidromel da poesia. Embora esteja atrasado.

— E se eu quisesse esse hidromel agora, para onde deveria ir?

— Eu aconselharia esperar por ele, mas, visto sua impaciência, sugeriria morrer em combate e ser carregado pelas valquírias até

Valhala. Esse caminho, todavia, vai ser trilhado por outro midgardiano daqui a algum tempo… — Diminuiu o ritmo da fala ao receber uma visão. — A você, que tem uma ambição gigantesca, talvez o destino reserve algo mais próximo.

— Como o quê?

— Veja, há uma possibilidade remota de existir uma última gota do hidromel da poesia aqui em Jötunheim. Tem algo a ver com a origem dele.

— Sou todo ouvidos.

— No passado, os deuses Aesir e Vanir decidiram parar de guerrear e selaram um acordo, criando vida a partir de suas salivas. Assim nasceu Kvásir, o sábio, a criatura mais coerente que já habitou os nove reinos. Ele optou por uma vida pacata e levou conhecimento a todos os cantos do universo, até que, um dia, foi morto. Seus assassinos fermentaram seu sangue e criaram um hidromel tão incrível que era capaz de inspirar até o mais tolo dos tolos. Após muitas intrigas, tal líquido parou nas mãos do gigante Suttung e de sua filha Gunnlod na montanha Hnitbjorg, aqui em Jötunheim. Sabendo disso, Odin entrou na fortaleza do gigante por um buraco minúsculo, enganou sua filha e tomou todo o hidromel. Na sua fuga em forma de pássaro, peidou parte da bebida nos olhos de Suttung, que partira em seu encalço, e o resto ele despejou nos tonéis de Asgard. Ocorre que um pouco do hidromel podre de Odin respingou justamente em Midgard. — Fez uma breve pausa. — Por que acha que vocês, projetos de artistas, se embebedam tanto?

— E você acha que restou algum hidromel em Hnitbjorg?

— Existe essa possibilidade.

— Então é pra lá que eu vou.

Mímir indicou a direção e Beethoven caminhou à frente, enfrentando a neblina. O vento bagunçou seu cabelo e o fez ajeitar o cachecol ao redor do pescoço. O momento de cegueira, aos poucos, deu lugar a uma paisagem predominantemente branca. Sabia que o sol estava no céu, mas não conseguia encontrá–lo em meio à parede clara que se confundia com os picos das enormes montanhas. Aliás, tudo era gigante naquele novo mundo. As colinas pareciam cordilheiras, e as cordilheiras pareciam não ter início ou fim. A neve derretida cobria o chão e escondia a

vegetação rasteira. O caminho à sua frente era nítido, cercado por uma alta floresta de coníferas.

Ele apertou o casaco e prestou atenção no assobio do vento, que insistia em empurrá–lo de volta para Yggdrasil.

TEMA

O deus Loki sabia o poder das primeiras impressões. Tratou de manter uma postura firme, fazer movimentos suaves, e, como era de seu feitio, fingir–se preocupado com a situação de quem queria tirar vantagem. Ao pôr os olhos no compositor em sua rota, procurou identificar todos os detalhes, como de praxe: o andar apressado, impaciente; um espasmo, que pareceu dor no estômago; o queixo erguido, ressaltando as marcas do rosto, provavelmente resquício de alguma doença de Midgard. Mostrava–se imponente, mesmo sendo tão baixo e desleixado na maneira de se vestir. Era aquele mortal de bochechas rosadas, tal qual um porco, que Heimdall decidira ajudar?

— Ora, ora! Se não é um homem andando sozinho na terra dos gigantes? — disse, ao sair de trás de uma grande rocha no caminho.

Beethoven puxou o casaco com sua mão, como que escondendo algo. Após recompor–se, ergueu e abaixou a cabeça analisando a figura à sua frente: como pôde não notar esse sujeito, vestido de laranja, no meio desse mundo congelado?

— Não se preocupe. Antes que se pergunte: se está comigo, está seguro. Deixe–me apresentar–me: meu nome é Loki.

O compositor não pode deixar de notar a beleza de seu novo conhecido, apesar das cicatrizes nos lábios.

— Me chamo Ludwig. Ludwig Van Beethoven.

— Beethoven? Ora, então estou diante de um corajoso camponês?

— Mas é claro que não. Sou músico. E corajoso.

— Músico? Um músico de Midgard? Só pode ser brincadeira de Heimdall. Até hoje só vi uns dois ou três que conseguiram desviar do hidromel podre que Odin peidou neles.

— Poucos sabem apreciar a boa arte — disse Ludwig. — Não tenho tempo para os outros. Na verdade, não tenho tempo como um todo. Vou continuar minha caminhada, se me dá licença.

Ao invés de se enfurecer, Loki pensou por alguns segundos e voltou a sorrir.

— Perdão, Ludwig. Saiba que sou um grande apreciador de arte, principalmente da boa música. Adoraria poder ouvi–lo tocar.

— Quer que eu toque minhas canções só para você ouvir? Acha que sou artista que faz apresentações particulares?

— Bom, se plateia é um problema, eu posso resolver.

Antes que Beethoven pudesse falar algo, o estranho à sua frente assobiou e, dentre os vários morros de neve branca, animais começaram a surgir. Eram lobos, raposas, coelhos e doninhas. Na sua casa em Midgard, os dedos do Ludwig adormecido começaram a arrastar–se sobre as teclas do piano.

Os animais sentaram–se ao lado de Loki e fizeram silêncio. O compositor fechou os olhos. O vento soou. E Beethoven tocou.

Um som inusitado saiu diretamente de suas mãos, que se mexiam tocando um piano imaginário, real somente em Midgard. Sua música retumbava, os pinheiros dançavam em movimentos tais quais os de um maestro. Os animais pareciam estátuas. O próprio Loki maravilhou–se com a performance, e pensou finalmente ter compreendido o já não tão tolo Heimdall.

E então — só então — um dos maiores desrespeitos foi cometido. Vindo do céu acobertado, um brilho amarelou toda a imensidão de neve, seguido de um estrondoso barulho: RASTA TA BUMMM!

A terra tremeu, Ludwig caiu ao chão e os animais correram, desaparecendo na neve. Loki esgueirou–se de joelhos para trás da pedra de onde aparecera, atrapalhado, preocupando–se em não deixar nenhum dos pertences que carregava nos bolsos cair.

Aquela força descomunal interrompia qualquer composição e tudo parecia nada perto dela. Os ouvidos atentos de Ludwig foram capazes de

captar o som que ecoava acima deles e sumia aos poucos: um cavalgar duplo se afastando, sendo seguido por rodas de madeira.

— E eu lhe apresento as figuras mais rudes de Asgard: Thor e Mjolnir — afirmou Loki, ao sair vagarosamente de trás da rocha, já recomposto.

— Quem são eles? — O compositor ergueu–se, arrumando o casaco e a postura.

— O deus do trovão e seu martelo mágico. Ele gosta de se mostrar enquanto cruza os céus.

— Para onde estão indo?

— Não se preocupe, foram para o outro lado. Rangedor e Rosnador estavam puxando sua carruagem com mais afinco hoje. Tenho pena do Jötunn que estão indo encontrar.

— E você tem medo dele? — Beethoven perguntou despretensiosamente, procurando pelos animais fugidos.

— Eu? — o deus alterou a voz. — Mas é claro que não. Esqueceu que me chamo Loki? Sou irmão por jura de sangue de Odin, que é pai de todos e pai de Thor. E, bom — sorriu —, já viu um tio temer o sobrinho? Se isso não ocorre em Midgard, com certeza não ocorre aqui também.

— Odin? Então você deve conhecer o caminho para Hnitbjorg, não?

— Conheço Jötunheim como a palma da minha mão. Mas me questiono: o que procura em um lugar tão perigoso?

— Não me preocupo com perigo. Nada pode me afetar aqui: meu corpo está dormindo no lugar de onde venho.

— A música que é capaz de gerar, então, vem de algum canto de Midgard? — O vento parou enquanto o deus coçava o queixo. — Interessante. — E então passou a gesticular, enquanto se aproximava do jovem. — Obviamente você está certo. Nada te machucaria aqui enquanto seu corpo repousa em Midgard. E eu não seria um bom deus se não o guiasse por esta terra inóspita; afinal, é tudo branco, não? Quais as chances de você perder–se na floresta?

Os ouvidos treinados de Ludwig nunca deixariam passar aquela mudança de tonalidade.

— E qual a condição?

— Ora, condição? — Loki fingiu esboçar surpresa, mas logo sorriu, satisfeito. Pôs a mão no ombro de Beethoven. — Você é muito inteligente pra quem viveu tão pouco, Ludwig. Eu gosto disso. E gosto da sua música também. Esse poder que flui pelos seus dedos. São poucos os que conseguem calar o latido de lobos com algo que não seja a força bruta. E esse é o problema desse lugar. Você deve ter conhecido Mímir, não é mesmo?

— Sim, conheci sua cabeça.

— Bom, e hoje aquele velho é só uma cabeça porque é assim que as coisas funcionam por aqui, na traição e na violência. Ele deve ter comentado com você sobre os deuses, guerras, sobre alguma peripécia de Odin ou Thor, porque é só isso que eles valorizam aqui. — Loki virou–se e fitou o caminho pela floresta. — Por anos eu tento ser relevante entre eles. Mas um filho de gigantes em meio aos grandiosos e poderosos Aesir? Eles nunca entendem, assim como as pessoas do seu reino não entendem.

— E existem pessoas que acreditam em vocês?

— Elas costumavam adorar os deuses anos atrás. Com certeza um dia ainda voltarão. Muito do poder de Asgard vinha dos sacrifícios em nome dos Aesir. Mas adivinhe só quem nunca teve um cordeiro morto em seu nome ou uma construção em volta de uma estátua sua?

— E você quer uma música?

— Certeiro, como só um escolhido de Heimdall pode ser! Uma música que honre meu nome! — Alcançou o jovem e, ao seu lado, apontou para o horizonte. — Eu vejo um futuro promissor em você, Beethoven. Vejo crianças cantarolando suas composições e chorando ao assistir suas apresentações quando adultas. E eu as vejo sabendo o nome do deus que você resolveu ajudar. Eu vejo todos em Midgard cantando histórias sobre Loki.

Incomodado, Ludwig afastou–se do deus.

— Pois eu digo que é uma pena; não sou a melhor pessoa para concretizar seu sonho. A minha música deve ser pura, minhas sinfonias devem bastar por si sós.

Loki chegou ao seu ouvido, uma cobra destilando veneno:

— Quais sinfonias? Que eu saiba, você ainda não compôs nenhuma.

— Como ousa? — exclamou, encarando o deus.

— Eu consigo entender as pessoas, Ludwig. Eu olho para você e sei das suas frustrações, suas ânsias, sei o que te perturba. Eu sinto o seu bafo de bebida. Você estava há dias sem dormir e por isso está dormindo tão profundamente; o vinho só contribuiu para isso. Você não consegue compor. Não consegue ter amores correspondidos. Você passou a vida provando que não é um substituto do seu irmão morto.

— Cale sua boca!

— Eu vejo uma chama em seu olhar. Você tem um futuro brilhante pela frente. Você é como eu. Não pertencemos ao lugar em que nascemos e precisamos provar nosso valor para sermos reconhecidos. Nós podemos ser reis.

— Eu não quero ser rei.

— Quer ser o quê, então? — Levantou o queixo, esperando a resposta.

— Quero ser como Mozart, como Haydn…

— E você pode ser melhor que eles. Basta entrarmos em acordo que eu lhe darei o hidromel. Posso até poupá–lo da viagem.

Ludwig tentou puxar da memória o nome que a velha cabeça dissera.

— Quero ser como Kvásir.

— Kvásir? Aquele cuspe fermentado dos Aesir e dos Vanir? — Loki não pôde conter a repugnância. — Existe um motivo para ele ter morrido.

Ludwig cansou–se. Havia perdido muito tempo naquela conversa; precisava seguir seu caminho, e a certeza de estar em apenas um sonho dava–lhe coragem.

— Nada pode me ferir aqui, senão por minha vontade, Loki. Não venha com ameaças. Você pertence apenas à minha imaginação.

Com passos firmes, ele continuou o caminho pela neve, passando ao lado do deus da trapaça.

Loki, estático, observou–o ir embora — aquele midgardiano de mãos mágicas que ousou desafiá–lo e virar as costas a ele. Agora entendia por que ele era escolhido de Heimdall. Talvez fosse realmente melhor não mexer com ele. Abriu os braços e fez uma reverência.

— Foi um prazer conhecê–lo também, Ludwig Van Beethoven, terceiro de seu nome.

E o vento frio subitamente voltou.

DESENVOLVIMENTO

No percurso, Ludwig resolveu praticar sua música. Tocava enquanto andava, mas, dessa vez, nenhum animal vinha. Pensava em Loki e Thor, em como foi apresentado a eles e na oposição de ambos. O brutal e o sutil.

Continuava seguindo a trilha, mas a noite chegaria logo. E o caminho de rastros no branco entre as árvores não era mais nítido. Já não sabia qual direção era correta. Os troncos espaçados contribuíam para a confusão. Estava perdido em uma floresta do próprio sonho e não sabia acordar.

Fechou os olhos e abriu. Nada. Ainda estava em frente às árvores. Tentou novamente. Nada. Podia sentir sua testa na superfície fria do fortepiano, mas não conseguia, de forma alguma, erguer a cabeça ou mexer algo além das mãos. Resolveu mudar de direção, cerrar os olhos e tentar discernir o misto de azul claro e árvores que subiam e se confundiam com um céu cinza. Finalmente chegou a uma clareira. Encostou–se em uma árvore para recuperar o ar, que machucou sua garganta em uma fungada. Sentia o coração palpitar. Era mesmo seguro? Estava realmente acreditando em deuses e líquidos mágicos?

Pôs–se de joelhos e pegou um lenço do bolso. Tossiu duas vezes. Como sempre, verificou se havia expelido sangue. "Se for pra morrer como minha mãe, não será neste mundo, Ludwig. Preocupe–se com o que importa agora", pensou. Notou passos e checou os arredores cautelosamente. Tentava ficar em silêncio, mas sua própria respiração o traíra.

Detrás dos troncos surgiram pares de olhos azuis seguidos de rosnados. Eles iam de um lado para o outro. Fossem lá o que fossem, não estavam assustados como ele. Cogitou orar, mas não pelo Deus todo poderoso; cogitou orar por Loki, ou por Heimdall, ou por Thor, qualquer um deles, até para a cabeça de Mímir. Pensou no que Kvásir teria feito naquela situação.

"É esse meu destino? Morrer aqui? Mais um Beethoven esquecido pela história. Jovem, sem deixar herdeiros e nem herança para a música".

Os olhares se aproximavam. Talvez a música afastasse as criaturas, mas suas mãos não respondiam mais, as sentia suadas e estáticas sobre as teclas.

Um zumbido passou por sua orelha esquerda. Outro pela direita. E depois mais quatro. Os olhos azuis sumiram e uma forte luz branca surpreendeu–o por trás. Agora enxergava sangue na neve, embora não pudesse diferenciar os animais no solo. Ou alguém portava uma lanterna muito forte ou…

Uma mulher, com quase o dobro do seu tamanho, guardava um arco nas costas da armadura que vestia. A luz vinha dela própria. "Como um anjo", pensou ele.

— Você está bem? — disse, agachando–se para erguê–lo.

— Sim — gaguejou —, agora estou.

Ludwig perdera–se e, como tantas outras vezes em Midgard, ficou corado.

Precisava de um nome.

— Como se chama, ó tão formosa heroína?

— Me chamo Skadi, sou filha do gigante Thjazi. Mímir me contou sobre você.

— Pois sou desafortunado em não saber de sua existência até hoje.

— Você fala de uma forma esquisita, midgardiano. Deve ser o frio.

Ele nem notara num primeiro momento, mas seus lábios secos passaram a tremer.

— Aqui não é o melhor lugar para você ficar. Venha comigo, moro aqui perto. — E começou a andar, brilhando menos do que antes. — O que deu em você para andar sozinho por Jötunheim?

— Um deus chamado Heimdall me deixou esperando.

— E você não acha isso estranho? Heimdall não faz essas coisas. E se… — Parou. — E se for um teste?

— Um teste? Para saber se sou digno do hidromel dos deuses?

— A minha ajuda pode estar estragando tudo para você.

— Não diga uma coisa dessas. Sua aparição me fez querer viver, de que me adianta encontrar inspiração se já estiver morto?

Ela olhou para ele com uma expressão de dúvida e voltou a caminhar com firmeza.

— Estamos indo para sua casa?

— Sim. Vamos para Thrymheim, a casa do trovão. É o lugar mais seguro do reino.

— É perto da montanha... Hnitbjorg?

— O suficiente — limitou–se a responder.

— Permite–me mais uma pergunta? — Silêncio. — Você é casada?

— Casei–me eras atrás, mas não moramos mais juntos.

Assim que teve início a jornada pela noite, guiada por sua mais nova estrela preferida, Beethoven improvisou a sonata mais complexa de que era capaz. Ganhava um fôlego musical a cada passo. Skadi parecia achar agradável a trilha sonora durante aquela caminhada. As mãos de Ludwig, sem dúvida, eram mágicas e traziam a Jötunheim uma vida que nem a calada da noite nem o meio–dia com o sol mais forte podiam trazer.

Seguir Skadi era ser empurrado por um vendaval. O jovem compositor voltara a tossir, concentrado em não interromper as notas de piano. Tentou por algumas vezes sentir o cheiro doce dos cabelos esvoaçantes da gigante e, até aquele momento, a constante caminhada e o calor da paixão o aqueciam. Então chegaram no sopé Thrymheim, a montanha mais alta do reino dos gigantes.

— Por onde esteve antes de eu achá–lo, Ludwig? Eu sou a primeira gigante que encontra?

— Estava seguindo uma trilha desde a ponte arco–íris. Deparei–me com um deus chamado Loki antes de ti.

Skadi congelou.

— Loki? Tem certeza?

— Sim, mas não se preocupe, bela Skadi, eu contornei a situação.

— Contornou? Não existe isso com Loki. Meu pai tentou contornar a situação com ele e morreu queimado em Asgard.

— Desculpe. Eu não sabia.

— Isto parece o plano de alguém. Primeiro Heimdall, agora Loki. Você tem noção de onde está se metendo?

— Não se preocupe; eu estou no lugar que vocês chamam de Midgard, dormindo em segurança.

Skadi o fitou, incrédula. Observou o céu escuro e o cume de Thrymheim escondido pelas nuvens. Respirou fundo e continuou a subir.

O ar machucava o rosto de Ludwig, deixando–o mais vermelho que o convencional devido às marcas de varíola. Lembrou–se delas e novamente sentiu–se envergonhado por se apresentar assim para a gigante. O casaco e o cachecol não eram mais úteis. Sentia a dor do frio em seus dois corpos; muito provavelmente a janela de seu quarto estava aberta e, naquela noite, Viena estava gelada de forma anormal.

Uma nevasca iniciou de forma abrupta. Os pés entraram em contato com água. Rapidamente olhou para eles e os encontrou normais, embora seus sapatos estivessem sofrendo por afundar no solo constantemente. Estava chovendo em Midgard e havia água entrando pela janela, essa era a explicação. Não se preocupou com o lixo no chão do quarto. Só havia arte ruim, aquela proveniente do mijo de Odin.

Quando vacilou, Skadi veio em seu resgate. Já haviam subido metade da montanha e uma queda seria mortal. Ao longe, lobos uivavam saudando a lua que finalmente aparecera.

— Eu estou bem — fungou. — Estou bem.

— Não está — Ela deixou o arco de lado. — Eu cometi um erro, Ludwig. Não deveria trazê–lo aqui.

— Não se preocupe… A voz preocupada que sai de seus lábios traz conforto ao meu coração.

— Não, ela não traz. — Ela o encarou. — Escute, você não me ama. Não há como amar uma força da natureza. É isso que eu sou e é no pico mais alto do reino mais gelado que eu moro. Lá a neve nunca derrete.

— E–eu — gaguejou —… eu estou disposto a conhecer Thrymheim. Depois, conseguirei o hidromel e comporei as mais belas sinfonias em seu nome.

— Não insista — ela disse, engrossando a voz. — Você não faz ideia de onde está metido. Você é apenas uma peça que os Aesir movem num tabuleiro de Hnefatafl. A cada momento que você passa aqui, mais tempo eles passam rindo em Asgard.

— Não se preocupe, Skadi, nada pode me acontecer aqui, lembra? — Começou a ter espasmos de frio em seus dois corpos.

— Pare de tocar e use seus braços para se aquecer, Ludwig.

Ele a respondeu decidido.

— Não.

Skadi lembrou–se de seu pai: ela sabia como era lidar com um teimoso. E ela conhecia também onde a teimosia o havia levado.

— Eu estava errada sobre você — disse, ajudando–o a se levantar antes de continuar a caminhar atrás dele. — Você é teimoso como Thjazi era. Você quer ser uma força da natureza como eu, mas não é daqui, é um estrangeiro.

Aquela mão gelada mais uma vez tocou nele, desta vez por trás do ombro.

— Se eu pudesse impedir meu pai naquele tempo, eu o teria feito.

Beethoven virou–se para ela. Apaixonou–se pelos flocos de gelo que atingiam sua face e desapareciam. Queria olhá–la para sempre. Ouvir para sempre sua voz de assobio. Ele não vira o penhasco atrás de si.

— Não se preocupe. Eu continuarei minha vida e você acordará em Midgard.

Ele parou de tocar e percebeu o que estava acontecendo.

— Os deuses não brincarão mais contigo e nem comigo. Eu garanto.

Skadi o empurrou e o compositor caiu da maior montanha de Jötunheim. Em Midgard, o chão molhado pela chuva fizera Beethoven cair do pequeno assento.

RECAPITULAÇÃO

Furioso, Ludwig tentou erguer–se duas vezes antes de conseguir levantar. O susto dos recém–acordados ainda pairava sobre ele. Virar–se e encontrar–se novamente naquele quarto de paredes lisas, com o chão coberto de partituras encharcadas, o fez dar um berro de raiva. Correu em

direção à grande janela e fechou–a com força, abafando o som de chuva. "Não foi Skadi, foi essa maldita chuva. Se não fosse ela eu ainda estaria lá. Eu poderia ter subido Thrymheim", pensou.

Precisava voltar a dormir. Pegou alguns panos dos baús e limpou o chão ao redor do Piano. Sentou no assento, pôs as mãos sobre as teclas e deitou a cabeça.

Nada.

Tocou algumas notas, apertou novamente os olhos.

Nada.

Começou a chorar. Voltar para Viena sem nada, novamente enclausurado naquele quarto que nem era dele; ter que ser novamente responsável pelo próprio sustento e pela administração da família, dois irmãos que seus pais deixaram sob sua guarda... Procurou esperança em qualquer lugar. Encontrou–a em duas garrafas que escondera atrás da cortina.

Tomou–as no gargalo e o mais rápido que pôde, sujando a si e ao piano. No meio da segunda, desmaiou.

CADENZA

Desconforto. Não fazia ideia de como apagara. Abriu os olhos. Estava dentro de algum saco, e alguém o carregava da forma mais descuidada possível. Tentou sentir os dedos e tocou novamente um dó maior, alertando seu sequestrador, que apenas se assustou.

— Silêncio aí, anão! — ordenou uma voz feminina.

Não tinha força o suficiente nem para se mexer dentro daquela armadilha. Tentou se lembrar de como chegara até lá, mas não há como lembrar–se do começo de um sonho. Fora assim quando chegou pela Yggdrasil e era assim agora.

A jornada demorou alguns minutos e, mesmo na escuridão noturna, conseguiu identificar por onde passava: depois da floresta, subiram uma montanha e chegaram a uma escada que levou a uma grande porta

e a um salão que fazia os passos da sequestradora ecoarem, por mais leves que fossem. Enfim, foi jogado ao chão e solto.

— Bem–vindo à Hnitbjorg, forasteiro. Sua mais nova e última morada.

A sala era descomunal, feita em pedra crua, e não sabia se o teto era muito distante deles ou se o local realmente não o tinha. Ao seu lado estava uma mulher, maior que Skadi, com o cabelo preto curto e uma lâmina na mão. À sua frente, sentado em um trono, havia um homem, o mais alto que já vira, com fios brancos denunciando a velhice e com uma venda nos olhos, deixando transparecer as cicatrizes.

— Diga–me, forasteiro fedorento: como te chamam?

— Me chamo Beethoven.

— Eu o encontrei desacordado perto de Thrymheim, pai — disse a gigante.

— Pois fez bem em trazê–lo. — Abaixou–se e encostou o dedo no rosto do jovem, quase cobrindo–o por inteiro. — Eu sou Suttung, e esta é minha filha, Gunnlod. Ouvi sons estranhos vindo daquela montanha essa noite. Me pergunto se Beethoven tem algo a ver com isso.

— Eu sou músico — respondeu Ludwig.

Estava tão perto… Só precisava encontrar os tonéis; sabia que Odin já tinha enganado aqueles gigantes uma vez. Precisava repetir o feito — e, agora, com Suttung cego, seria mais fácil.

— Se é um músico, por que não vejo instrumento algum?

— Não carrego instrumento porque componho e toco com minhas próprias mãos — disse, erguendo os braços. — Posso mostrar, se quiser.

— Não tente nada, espertinho fedido — intercedeu a gigante, abaixando suas mãos com a espada. — Magia? De que reino você é?

Era sua chance.

— Venho de Asgard, sou filho de Heimdall. E minha morte causará a ira dos Aesir.

— Heimdall, o que tudo ouve? O mesmo que não consegue escutar o que ocorre dentro da minha fortaleza? Eu não tenho medo dos Aesir, garoto. Muito pelo contrário.

— Pois nem eu de você. Deixe–me mostrar minha arte e você pode decidir meu destino.

O gigante assentiu e Gunnlod guardou a lâmina. Beethoven tocou.

O velho Suttung, a quem só a visão sobrara, encantou–se pela música do suposto asgardiano — voltando, inclusive, a esboçar um sorriso num rosto que há tanto tempo não se mexia. Sua filha, porém, não se convencia com as palavras do músico. Ela jurara nunca mais ser enganada por ninguém, e via nele uma malícia que já experimentara na pele uma vez. Ao final do soneto, Suttung bateu palmas.

— Eu gostei do garoto. Quero ficar com ele. O que acha, filha? Não seria bom ter música enquanto jantamos todas as noites? Podíamos até convidar outros Jötunns para dançar, qualquer dia.

Ela encarou o pai com um sorriso.

— Ora, essas canções me lembram aquelas que declamávamos quando tínhamos nosso próprio hidromel. Se recorda desse tempo, meu pai? De onde veio aquela bebida mesmo?

— Lembro sim! Nosso hidromel veio do sangue de Kvásir, morto por Fjalar e Galar. Mas por que a pergunta?

— Não era Kvásir um poeta também? Assim como esse Beethoven? — Segurou Ludwig por trás, firmando a espada em seu pescoço. — Pois eu digo que devemos fazer igual aos anões e despejar o sangue dele nos tonéis Son e Bodn e depois misturar na caldeira.

Suttung riu, e sua risada preencheu o salão.

— Ah, que saudade do gosto do hidromel. Por muito tempo nós guardamos a última gota que sobrou na caldeira Odrerir, sabia, Beethoven? E como guardamos! Mas a abstinência falou mais alto; eu a tomei e declamei poesia por um dia inteiro, a última obra de arte que essa fortaleza ouviu. Até hoje. Até ouvir você tocando.

Ludwig não conseguia disfarçar a frustração. Estava tudo acabado. O gigante não havia tomado apenas a última gota, havia tomado sua esperança. Todo o seu futuro. Ficou nervoso e sentiu a espada ferir seu pescoço, na agitação.

— Pois se minha tão amada filha acredita que podemos voltar à nossa era de ouro, quem sou eu para negar isso a ela, não é mesmo? — E voltou a confortar–se no trono. — Prenda–o em Odrerir esta noite. Se formos fazer a sangria, prefiro que seja de dia; quem sabe eu consiga enxergar algo quando o sol estiver sobre nós.

Mais rápido do que podia antecipar, Gunnlod aprisionou–o no saco, levou–o até a cozinha, onde estavam os tonéis e a caldeira, e enfim despejou–o no tão procurado tonel. A tampa de Odrerir fechou–se acima dele, ensurdecendo–o por alguns instantes, e os gigantes foram dormir.

Perguntava–se se realmente morreria na próxima manhã. A queda de Thrymheim não o matara, mas as regras não tinham ficado muito claras. Na verdade, pouco importava. Talvez fosse melhor morrer a ter que voltar ao quarto em Viena, à sarjeta das ideias, ao fim de sua carreira. Só uma coisa o acalmava: a lembrança de Skadi. Sem perceber, de dentro da caldeira, começou a tocar uma sonata. A composição era profunda e percorria cada um dos grandes cômodos da fortaleza — chegando, inclusive, a um pequeno buraco pelo qual só uma cobra seria capaz de passar. Dessa abertura, sua música alcançava todo o reino dos gigantes de gelo.

Como não tinha sono, tocou até o dia raiar.

E com o dia, alguém bateu à enorme porta.

Surpreso, Suttung apressou–se a sentar em seu trono, escondendo a cara de sono. Gunnlod, novamente armada, recepcionou a convidada.

— Eu os saúdo, habitantes de Hnitbjorg! — anunciou uma voz que Ludwig nunca deixaria de reconhecer, mesmo estando em um caldeirão em outro aposento.

— É Skadi, filha de Thjazi e esposa de Njord, meu caro pai — explicou Gunnlod, ainda segurando a porta.

— Deve haver uma correção — disse a gigante, fechando a porta atrás de si. — Eu não sou mais casada com Njord.

— Entre, noiva brilhante dos Aesir — pediu o gigante. — Conte a que veio.

— Era justamente o que eu estava fazendo — continuou. — Quando nos casamos, passei nove noites em Asgard, com os deuses, e não suportei o lugar. Assim como Njord passou nove noites na casa do trovão comigo e não aguentou o uivo dos lobos. Resolvemos nos separar e vivi sozinha o luto do meu pai por todas essas eras, até hoje. Por isso vim aqui. Resolvi encontrar um marido que não se incomode com o frio em excesso nem com os lobos, e que seja digno de morar no lugar mais alto de toda Jötunheim.

Suttung sorriu de orelha a orelha. Um dia encontrou a fonte para seu novo hidromel; no outro, uma noiva, a mais bela de todo o reino, bate à sua porta.

— Não tenho palavras para expressar minha felicidade, cara Skadi. Queria eu ter novamente minha visão para poder me deleitar com tamanha beleza.

— E justamente por isso o escolhi, senhor de Hnitbjorg, pois a você não importa mais a beleza dos olhos, apenas a do coração.

Gunnlod estava abismada com a situação. Gostaria de falar com o pai antes que ele tomasse alguma decisão, mas não poderia fazê–lo na frente da futura madrasta. Seu pai pigarreou e voltou a falar.

— Pois que preparemos com pressa a cerimônia. Ainda ontem veio a mim a esperança de um novo hidromel, um músico talentoso que vou ferver e misturar com mel para tomarmos em nosso casamento!

Skadi apressou–se:

— Talentoso? Não seria melhor poupá–lo para que toque uma bela música na festa? Eu posso conseguir hidromel com os Aesir para os convidados. Após isso, podemos ver o que fazer com o músico. O que acha?

— Querido pai, não seria melhor sermos mais cautelosos? — intercedeu a gigante.

— Não, não. Skadi tem razão. Vamos começar os preparativos o quanto antes. Dê algo para que Beethoven dure mais um dia sem morrer de fome!

A filha fechou a grande porta e foi pegar frutas para cumprir as ordens.

Ludwig não conseguia conter a alegria; seus dedos ainda tocavam e sua alma pegava fogo. Sua amada voltara para salvá–lo; de alguma forma, ela ouvira sua súplica. O destino finalmente sorria para ele, e, se ela conseguisse o hidromel como prometera ao gigante, seria premiado em dobro!

Logo Skadi apareceu e abriu a tampa do caldeirão:

— Escute, meu querido, não temos muito tempo; esconda–se no tonel Son que eu me esconderei no Bodn, e espere o meu sinal.

O compositor acatou sem pestanejar. Ela fechou Odrerir e ambos esperaram por Gunnlod. A gigante veio carregando algumas cenouras.

Quando abriu o caldeirão, Skadi, na velocidade do vento, empurrou–a, tampando–o para prendê–la.

Ludwig e a gigante correram para o salão central, onde ela mandou o jovem esperar ao lado da enorme porta. Em seguida, começou a falar com Suttung, que cochilava no trono.

— Ó, meu querido... Por algum tempo refleti sobre o que me disse, e acho que não é justo um noivo não poder ver sua prometida. Que tal abrirmos as portas e deixar o sol do meio–dia entrar para que você possa, mesmo com certa dificuldade, me enxergar?

— Ora, ora — disse, com a voz ainda embargada —, que assim seja. Abra a porta para que eu possa, enfim, te ver, nem que seja só uma silhueta.

Os raios claros preencheram todo o salão do trono quando Skadi a abriu. Suttung esgueirou–se, tirou a venda e forçou a vista o máximo que pode. Skadi rapidamente puxou Beethoven por trás da porta e o beijou em frente à luz do sol. O compositor não teve reação, apenas se deixou ser levado por aquele momento onde beijava sua amada, em outro reino, enquanto um perigoso gigante era enganado na frente deles. Chegou a estranhar os lábios cortados de Skadi, mas não seria esse detalhe que o faria largar sua amada imortal.

O gigante conseguiu discernir muito bem a cena. Ele ergueu–se e urrou, antes de correr em direção ao casal. Skadi gritou:

— Eu, se fosse você, primeiro salvaria sua filha, que está prestes a ser cozida no fogo, dentro do caldeirão Odrerir! — Pegou Beethoven pelo braço e correu para fora do castelo, enquanto Suttung tateava as paredes em direção à cozinha.

A gigante o puxou para fora até uma rocha onde dois falcões estavam pousados. Tirou o cachecol do jovem para amarrá–lo em um deles, cochichou algo e os pássaros prontamente partiram em direção à montanha Thrymheim.

— Fique em silêncio — disse ela ao compositor, enquanto o botava em sua garupa e pulava de um dos muros de Hnitbjorg. Ao contrário do esperado, eles não caíram, mas correram pelo ar. Skadi rumou cada vez mais para cima, até esconderem–se por entre as nuvens. Ludwig tentou cheirar o cabelo esvoaçante que batia em seu rosto, mas não sentia mais

cheiro algum. Antes que pudesse se questionar, pegou–se rindo de Suttung e Gunnlod que saíam da fortaleza e, em forma de pássaros, seguiam voando os dois falcões que rumavam à casa do trovão.

CODA

Quando Skadi e Ludwig chegaram em Mímisbrunnr, o velho despertou assustado.

— Loki? — perguntou Mímir.

Ludwig soltou–se das costas de Skadi e caiu no chão, próximo aos sapatos alados da gigante. Afastou–se e foi para junto de Mímir.

— É como costumam me chamar pelos nove reinos — disse Skadi, com um sorriso no rosto, enquanto transformava–se no deus da trapaça, com suas vestes laranjas e cicatrizes na boca.

Ludwig desabou. Apoiou–se no poço ao lado da cabeça e tentou encarar Loki, em vão. O deus manteve um olhar sério, expressando decepção com o músico, e inclinou–se para perto dos dois.

— Eu te pedi algo tão simples. Nós poderíamos ser uma dupla tão promissora — elevou a voz. — Mas não! Você tinha que estragar tudo. — Começou a circular o poço. — Uma música, uma única música já estava de bom tamanho. Você teria hidromel, eu teria meu prestígio. Era difícil?

— Não o ouça, Ludwig — interrompeu Mímir.

Loki voltou–se para o jovem, segurando seu rosto e forçando o olhar que ele tentava desviar.

— E você fez o quê? Apaixonou–se por Skadi. Você ao menos sabe quem é ela?

— Tape seus ouvidos, Ludwig, Loki tem língua de cobra…

— Skadi é aquela que pôs todos os deuses contra mim. Sabe o que eles fizeram? Eles me deixaram nu no salão principal de Asgard, em frente a todos os Aesir, amarraram a ponta de uma corda em meus testículos e

a outra na barba de um bode, e deixaram–me gritar até que a honrosa Skadi gargalhasse. — Apontou para Mímir. — Não é verdade, velho?

Mímir calou–se.

— Diga!

— É verdade — suspirou —, mas você teve sua culpa, Loki.

— Será mesmo? Eu, o deus sem virtudes, o deus que não é adorado. Sabe o que eu sou também? — Segurou novamente os cabelos revoltos de Beethoven. — O único que se importou com você! Onde estava Heimdall esse tempo todo, enquanto seu escolhido se perdia pela terra dos Jötunns? E a brilhante Skadi? Ah, ela eu sei muito bem onde estava: no alto da sua montanha, empurrando um tal de Ludwig para a morte! Agora eu te pergunto, midgardiano: para quem você compôs quando estava preso dentro de Odrerir? Foi para mim? — E abaixou o tom. — Foi para mim?

Beethoven ofegava e suava e, pela primeira vez, olhou Loki nos olhos:

— Não.

Loki levantou–se e ergueu os braços.

— Está aí! Está aí o porquê de Loki não ser virtuoso! Mesmo quando ele faz tudo certo, o que recebe em troca? Ingratidão!

O jovem começou a chorar em silêncio, olhando para as mãos.

— Ludwig, não dê ouvidos a ele. Ele deve estar envolvido nisso. Sempre que tem algo errado, é porque Loki está metido.

— Calado, Mímir. Deixe o garoto tomar suas próprias decisões pelo menos uma vez na vida. Deixe–o escolher em quem acreditar.

A cabeça olhou para o compositor, que começava a se mexer. Ajoelhado, chegou próximo de Loki.

— Perdoe–me — sussurrou.

Os lábios de Loki abriram–se, e seus dentes brancos surgiram em um largo sorriso.

— Eu te perdoo, meu amado Beethoven. E nem exijo que repita isso em alto e bom tom. Sabe por quê? Porque sou benevolente. Eu te darei seu hidromel e não quero que repita as desculpas; nem quero mais que componha uma música pra mim. — O deus fitou Mímir. — Eu aprendi com essa cabeça falante que bênçãos requerem sacrifícios. Foi

assim com seu querido Heimdall, sabia? Ele cortou a própria orelha, jogou–a no poço, e hoje ele pode ouvir tudo e todos. — Pôs a mão sobre a boca e disse, provocando Mímir. — Menos seu escolhido, não é?

— O que você quer? — Beethoven perguntou.

— Nós sabemos que ninguém do nosso mundo pode afetar seu corpo em Midgard, mas eu tenho uma aposta. Eu aposto que só você mesmo consegue. E como eu gosto de arriscar, eu quero que você me dê uma orelha em troca de uma gota de hidromel. Que tal?

Ludwig instintivamente pôs a mão na orelha direita, como quem a protege, e abriu a boca, cogitando alguma resposta.

— Pensando bem… — continuou Loki. — Você está envolvido com as duas pessoas que mais me odeiam no universo, não é? Acho que uma orelha por Heimdall e uma por Skadi está de bom tamanho, não é? O que você acha? Você se arrisca a perder a audição, mas tem a possibilidade de se tornar o maior compositor de todos os tempos!

Ludwig começou a tremer as mãos, e seu olhar desamparado procurou o de Loki, em meio ao dia ensolarado.

— Lembre–se: o que estou te oferecendo aqui não é simplesmente uma gota do hidromel da poesia. Estou oferecendo a vanguarda, a composição de obras que serão ouvidas por gerações. — E concluiu: — Menos por você.

As mãos ainda tremiam, à sua frente. Loki agachou–se e deu sua faca para Ludwig. Sem olhar para Mímir, pegou a faca afiada e cortou a orelha direita com um só movimento. Um zumbido tomou conta de sua cabeça. Antes que desmaiasse de dor, segurou novamente a arma com força e cortou a orelha esquerda.

O sangue escorria de ambos os lados da cabeça. Suas mãos não eram o suficiente para estancar a sangria. Procurou seu cachecol, mas não o encontrou. O líquido vermelho obstruiu seus ouvidos.

A dor era escaldante. Ele gritou e, pela primeira vez na vida, duvidou se estava realmente gritando, pois ouviu sua voz abafada, distante. Olhou para Mímir, que mexia a boca. Voltou sua atenção para Loki, que gargalhava e falava para ele algo que ele nunca conseguiria discernir. O deus da trapaça pegou novamente sua faca mágica e a guardou com

cuidado no bolso, ao lado de outro item. Então virou–se e começou a andar, dançando em direção à Bifrost.

Ludwig Van Beethoven, o terceiro de seu nome, fora enganado e largado sem nada. O que ele era agora? Um músico sem inspiração e surdo. O que lhe sobrava? Seus defeitos? Seu temperamento impetuoso? A força da natureza que o transformava em uma pessoa difícil de lidar?

Sim, era isso que lhe sobrava. Ainda podia sentir as teclas do fortepiano sob seus dedos. Ainda podia sentir a paixão por Skadi, a personificação do inverno congelante. Por mais que não ouvisse bem, ainda sentia a força do trovão de Thor. E, com aquele momento em mente, improvisou o som mais alto e mais parecido com um trovão que conseguira: TÃ–TÃ–TÃ TAAAAAAAAAM!

A raiz de Yggdrasil tremeu, a cabeça de Mímir quase entrou no poço, e Loki assustou–se de tal forma que caiu ao chão. Na queda, algo saiu de seu bolso: um grande chifre, que quicou três vezes antes de parar, emitindo um tintilar que Ludwig jurava ter conseguido ouvir.

Beethoven continuou a tocar sua nova composição de forma tão forte que ele pudesse ouvi–la, mesmo que ao longe. Antes que o deus da trapaça conseguisse reerguer–se, surgiu, da luz da ponte do arco–íris, um guerreiro nórdico de capa, espada e capuz. Ele firmou seus pés na raiz do chão e deu um soco tão forte em Loki que o enviou para algum dos nove mundos.

Heimdall tirou o gorro, pegou o chifre Gjallarhorn e foi até Ludwig. Com a mão direita ajudou–o a se erguer. Abriu um sorriso — que o jovem correspondeu por instinto —, fez um movimento esquisito com os dedos e entregou o chifre nas mãos nervosas que ainda tocavam o piano.

O músico segurou Gjallarhorn e encontrou, em seu interior, uma gota de um líquido amarelo–alaranjado.

Ao dar o primeiro e derradeiro gole, Ludwig acordou em seu quarto. Sem um único adeus. Sua primeira reação foi encostar nas orelhas. Ainda estavam ali. Logo depois, foi tocar o tema no piano. Ainda ouvia perfeitamente. Correu para o banheiro e mergulhou a cabeça na banheira cheia d'água por alguns segundos. Quando a ergueu novamente, não se lembrava mais dos sonhos. Checou seu caderno de anotações e ele estava

vazio. Havia se esquecido do reino dos gigantes, dos deuses e das cabeças falantes. Mas seus dedos… Seus dedos se lembrariam para sempre.

• • •

CAIO HENRIQUE AMARO é escritor, jurista e desenvolvedor Web. Constantemente dá suas opiniões no *Marca Página Podcast* ou em seus textos no Medium e Twitter @caiohamaro. Em 2017 ele publicou seu primeiro roteiro, intitulado "Mestre da arte", na coletânea *Demônios da Goétia em Quadrinhos* pela editora Draco. Em sua busca pela Torre Negra, enfrentou várias desventuras em série, foi um dos únicos que gostou de conhecer Tom Bombadil e sempre sonhou em ser o Homem–Aranha.

Omelete Galáctica

Tiago Rech

A FILA NÃO ANDAVA, e o senhor à frente de Abel empregava toda sua capacidade pulmonar para reclamar. Como não colocavam mais caixas no fim da tarde, se aquilo acontecia todo dia? Um absurdo! O único atendente disponível suava frio enquanto passava, o mais rápido possível, as compras de uma senhora pela registradora. Uma caixinha de leite escapou de suas mãos e decolou pelo ar, desfrutando de poucos segundos de doce liberdade antes de pousar, tão delicadamente quanto um tijolo, bem diante dos pés do senhor revoltado, e arrebentar–se em uma bomba de lactose que respingou para todos os lados. O homem emudeceu e assumiu um tom de tomate, como se estivesse a ponto de ter um ataque cardíaco.

A atenção de Abel foi puxada para outra direção quando a mulher às suas costas soltou um espirro daqueles, que preencheu o ambiente com um miasma vindo dos recônditos de seus pulmões. Ele arrependeu–se, mais uma vez, de não ter pedido uma pizza. Não saía do apartamento havia dois meses, e podia ter mantido esse recorde intacto; mas não… Pedir comida todo dia estava saindo muito caro, e a grana estava curta. Vamos dar um pulinho no supermercado, comprar uns ovos baratinhos, fazer uma omelete. Vai levar dez minutinhos…

Ah vai, sim, pode crer.

O pior não era nem as pessoas irritadas, o ambiente abafado, ou a demora pra comprar uma mísera dúzia de ovos. Era estar fora do apartamento, fora das quatro paredes que o protegiam do mundo exterior. Exposto, sendo observado, em contato com estranhos. Precisava voltar o quanto antes.

Abel saiu do mercado para o ar frio daquela noite de junho, e aquele seria o momento mais parecido com uma fuga da prisão em toda

sua vida. Uma caminhada rápida até o apartamento e os ovos, leite, presunto, palmito e queijo comprados seriam transmutados em uma grande e econômica omelete. Então, de barriga cheia, poderia sentar para jogar *Civilization V* e ir dormir bem depois da meia–noite, seguindo o roteiro.

Não que planejasse fazer isso, mas sempre acabava acontecendo. Toda noite ele prometia para si mesmo que deitaria às 23h00, mas o jogo parecia ter crack no seu código. De "só mais um turno" em "só mais um turno", os horários socialmente aceitos para se ir para a cama ficavam cada vez mais fáceis de serem ignorados.

Se o sono fosse a única coisa prejudicada, ainda estaria no lucro. Os artesanatos que (quase) pagavam suas contas tomavam–lhe o dia inteiro, e o livro ilustrado que costumava passar as noites planejando estava parado havia um tempão. Como afinal poderia competir contra suas nações no *Civilization?* Abel começava uma noite na Era Antiga, com alguns guerreiros armados de tacapes e um bando de colonos, e atingia a Era da Informação, com computadores e usinas solares, antes de dormir. Dezenas de séculos de conquistas garantidas em algumas horas, contra dezenas de horas de trabalho duro para conquistas incertas. Nem lembrava mais quando abrira o arquivo no Photoshop pela última vez.

Mentira, lembrava sim. Claro que lembrava, mas esse pensamento foi interrompido por um perigo imediato: a inconveniente massa humana perambulando pela praça entre seu prédio e o mercado. Aproveitando o final do domingo, preenchendo cada centímetro enquanto passeavam pelas últimas barraquinhas da feirinha do bairro. Praça. Domingo. Feira. Muita gente. Não calculara o movimento de uma população aterrorizada pelo monstro da segunda–feira que se aproximava. Paralisou. Não conseguia decidir para que lado seguir e sua respiração acelerou, suor escorrendo por suas costas. Deu tela azul. Ficou lá parado, inútil como um dois de paus.

Abel foi peneirado pelo exército urbano durante uma curta eternidade. Quando os homens e as mulheres o deixaram para trás, tudo que restou da caixa de ovos foi uma massa amarela que escorria por um pequeno furo na sacola plástica.

Tanto trabalho e esforço para acabar com uma sacola molhada e com consistência de ranho. Sentiu a irritação florescer lá no fundo do

peito para logo em seguida murchar e sumir, sem forças para crescer e se manifestar. Despejou os ovos quebrados em uma lixeira, próxima a um senhor parado atrás de uma mesinha dobrável. Parecia ser um daqueles peruanos que vendiam CDs em todas as praças de todas as cidades do Brasil.

— Ei, parece que você deu azar, hein? — disse o homem da mesinha dobrável.

De perto, Abel pôde ver que ele não tinha nada de peruano. Era um homem chinês, embora alguma coisa em seus traços tornasse difícil classificar sua etnia à primeira vista. E ele não vendia CDs. Sua mesinha tinha apenas uma desproporcional caixa. De ovos.

— Você tá vendendo ovos? — disse Abel. A coincidência fora ridícula o suficiente para fazer as palavras rolarem para fora de sua boca, mas não o bastante para abafar o palpitar errático do coração ao falar com um estranho. Fazia tanto tempo. Seus instintos já estavam apertando os botões que indicavam que ele deveria sair dali o quanto antes.

— Ovos bons e grandes, de gema laranjinha. Nada daquela meleca amarela de granja. Última caixa, dois reais.

Grana curta de um lado, comida de procedência duvidosa de outro: a grana falou mais alto. Além disso, Abel queria muito, muito sair dali. A praça cheia de pessoas podia ser um terror claustrofóbico, mas aberta e vazia exalava um ar praticamente alienígena.

Com a mão tremendo, catou o dinheiro no bolso, largou na mesinha, agarrou a caixa — grande e pesada para uma mera dúzia de ovos — e saiu a passos largos, sem olhar pra trás. Mal despediu–se do homem em sua pressa de desaparecer.

Abel já estava praticamente correndo quando chegou às portas do prédio onde morava. O porteiro deu–lhe passagem e comentou alguma coisa sobre como fazia muito tempo que não o via, mas Abel não prestou atenção. Disparou pelas escadas para não esperar o elevador, correu até o seu andar, destrancou a porta do 714 e jogou–se para dentro.

Estava a salvo. Sem espaços abertos, sem pessoas, apenas as paredes brancas dos 27 m² de seu apartamento isolando–o do mundo exterior. Recuperando o fôlego, sentado diante da porta, sentia as orelhas queimarem enquanto repassava tudo que acabara de acontecer: depois de tanto

tempo trancado em seu minúsculo espaço urbano, havia se desafiado a colocar os pés pra fora pela primeira vez… só pra fazer aquele papelão todo. Parte de sua mente dizia que deveria se sentir orgulhoso por tentar vencer aquela trava, mas era mais fácil ouvir a voz que gritava que ele havia falhado.

Abel estava esgotado. O computador o afastava como uma cruz a vampiro, garantindo que nenhum trabalho no livro seria feito naquele dia. A mesa de artesanato, com tesouras, cartolinas, tecidos, pincéis, tintas e outros materiais jogados de qualquer jeito zombava dele silenciosamente. Seu apetite, que o motivara a sair de casa em primeiro lugar, parecia ter ficado lá fora, sem avisar quando voltaria.

Largou as compras na mesa ao lado da porta e deitou–se na cama, sem nem tirar a colcha ou trocar de roupa. Só queria descansar os olhos uns quinze minutos, antes de preparar o jantar.

•

Faixas de sol entravam no quarto através das frestas da cortina, iluminando o quarto em uma quase–penumbra matinal. Já era manhã? Tentou virar–se para proteger o rosto da luz, mas uma vibração em sua perna terminou de destruir seu sono.

Abel pescou o smartphone do bolso e viu que já passava das oito. Dormira por quase doze horas, de roupa e tudo! Tinha mesmo ficado esgotado a esse ponto na noite passada? Em algum nível sabia que isso podia ser sério, mas não conseguia pensar com cuidado, grogue como estava, e as vibrações que o avisavam de uma enxurrada de mensagens no WhatsApp não ajudavam.

Foi ao banheiro, lavou o rosto e só então conseguiu ver o conteúdo das mensagens, vindas de um grupo chamado "Recepção da Vanessa".

Vanessa? Aquela Vanessa? Puxou as mensagens para baixo, até conseguir ver a primeira. "Estou voltando ao Brasil no sábado! Vamos na Pizzaria do Barriga! 19h30, vejo vocês lá!"

Sim. Era aquela Vanessa, a amiga que fora fazer intercâmbio seis meses antes. A mesma que teria feito Abel chutar a própria bunda, se conseguisse, por nunca a ter convidado pra sair. Pelo jeito ela se lembrava dele, e também das quinze outras pessoas convidadas que não paravam de enviar mensagens.

O Abel de alguns meses atrás aceitaria sem pestanejar. A Pizzaria do Barriga não era das mais baratas, mas era a Vanessa, cara! É claro que ele iria!

O Abel de agora, depois do assalto, era uma pessoa bem diferente, que não sabia se conseguiria lidar com as quinze pequenas bombas de ansiedade social que também estariam na recepção.

"Pode contar comigo, me coloca na lista!", mandou ele no grupo. E daí que seu estômago virou um 360° ao digitar aquilo? O sábado estava longe; pensaria em uma desculpa depois. A agitação tão cedo o fizera ignorar os protestos de fome até então, quando seu estômago se pronunciou de modo gutural.

As compras ainda estavam em cima da mesa. Os frios foram direto para o lixo, depois de passarem a noite inteira fora da geladeira, mas — dada a data de validade carimbada na tampa, para dali a dois dias — os ovos ainda estavam bons. Talvez por isso haviam sido tão baratos, ou talvez ele só tivesse uma caixa recheadinha de salmonela nas mãos. Os ovos também eram anormalmente grandes e pesados, com quase o dobro do tamanho normal. Seriam de pato? "Ah, que se exploda, qualquer coisa eu mando vir um baguetão", pensou Abel, enquanto pegava um dos ovos — "Ovos Pangu", dizia a caixa — para quebrá–lo em uma tigela.

Um flash de luz explodiu e uma ventania soprou pelo apartamento, arrebentando a tigela contra a parede e sacudindo as roupas de Abel como um tornado. Uma força centrífuga — ao mesmo tempo minúscula e poderosa — crescia a partir do centro das duas metades da casca, que, pressionadas contra as palmas de Abel, formavam uma espécie de céu ao redor da gema e clara flutuantes, que se transformavam em oceanos e continentes. Abel queria largar aquilo e gritar, correr, se esconder.

Finalmente, a força cósmica abrandou–se. O vento cessou e a gema e a clara flutuantes foram parando de girar. A forma oval já não existia mais: Abel segurava um mundo pequeno e quase redondo. Ele ficou em

silêncio por vários minutos, sem nem piscar enquanto observava o planeta que cabia em suas mãos, formado no que parecera um processo de milhões de anos condensado em poucos momentos. Quando conseguiu se mover, apenas seus lábios o fizeram:

— Mano, eu tô muito doido.

As doze horas de sono vieram bem a calhar, pois Abel não pregou o olho naquela noite.

•

Apenas na manhã seguinte Abel conseguiu convencer–se de que não estava ficando maluco, e que ninguém havia colocado drogas no seu galão de água mineral. Ele tinha realmente chocado um mundo de dentro de um ovo. Um mundo. Nem animais de estimação eram permitidos no condomínio, que dirá *um planeta inteiro*.

Talvez a comparação com um bichinho não fosse das melhores, mas ele sentia um afeto inexplicável pelo planetinha. Sem saber o que aconteceria se o fizesse, não ousava soltá–lo. E se ele desmoronasse, ou, sei lá, explodisse? E se virasse pó assim que interrompesse o contato com seus dedos? Não podia arriscar — sentia–se responsável, em uma conexão estranha, quase paternal.

Abel passara a noite inteira sentado na cama, com o mundinho entre as mãos. Descobrira que conseguia observar toda a extensão do planeta, caso se concentrasse, como se estivesse dentro dele, num tipo de projeção astral. Podia ver, como que voando, cada vale, planície e montanha, todas escuras e geladas, enormes daquele ponto de vista, minúsculas do seu próprio. A habilidade lhe causara vertigem nas primeiras vezes, mas ao longo da noite tornou–se natural, como respirar.

Enfim ficou patente que não seria possível viver com uma esfera de três quilos nas mãos para sempre. Além disso, o mundo não tinha um sol próprio, e Abel logo pensou em uma solução que resolveria as duas questões: com um barbante de seda e um suporte de móbile que estavam jogados na mesa de artesanato, o pendurou com mãos trêmulas no suporte da cortina para que pegasse sol da janela. Ele não se esfacelou nem

explodiu, apenas ficou lá, como que flutuando. Um pequeno ventilador, na potência mais baixa, garantiu a rotação do mini corpo celeste. Era um arranjo tosco, mas funcionaria por agora.

Abel sentiu dois apertos no peito ao dirigir–se para a porta da frente: um por deixar o planetinha sozinho, outra por ter que encarar novamente a rua, os espaços abertos, os estranhos… Mas precisava fazê–lo. Aquele velho bizarro da praça estava devendo algumas respostas, e era sua única pista a respeito do que quer que estivesse acontecendo.

Lá fora, um dia com céu de concreto arrastava–se na direção da noite no ritmo oposto ao que Abel percorria as ruas. Ele forçou–se a conversar com um pipoqueiro que trabalhava há quinze anos no mesmo ponto em que o vendedor de ovos estivera na noite passada.

— Nunca vi esse aí — disse o pipoqueiro.

— Talvez ele tenha aparecido quando o senhor deu uma saída — disse Abel.

— Rapaz, se alguém aparecesse vendendo ovos em algum canto dessa praça, eu saberia mesmo que estivesse em casa secando o Corinthians. E quem é que vende ovos na rua? Tem certeza que foi aqui?

O ânimo com a investigação baixou rapidamente diante da barragem de perguntas do homem, e a pequena fila de pessoas que se formava atrás de Abel o fez sentir vertigem. Apressou–se em voltar ao apartamento antes que passasse mal.

Não tinha descoberto nada, mas pelo menos continuava tudo certo com a gambiarra da janela. Abel se aproximou e, se concentrando, observou como as coisas estavam indo lá embaixo, nas pequenas montanhas e planícies microscópicas. O que viu foi como um soco no estômago, que mandou sua consciência de volta para seu corpo num solavanco violento. Lá embaixo, pequenos seres humanoides estavam formando suas primeiras comunidades.

•

O tempo corria de forma estranha em Pangu, o nome que Abel decidira dar ao mundo saído do ovo. Sua breve ausência naquela tarde foi

o suficiente para que os panguianos surgissem onde antes não havia qualquer organismo complexo — mas, pelos cálculos de Abel, uma hora terrestre agora equivalia a diversos anos de Pangu, ao invés de eras.

Os panguianos eram seres altos e esguios, de pele avermelhada e três olhos no rosto. Alienígenas o bastante para serem de outro mundo, humanoides o bastante para terem saído de alguma nova space opera. Abel não cansava de observá–los.

Era como um *Civilization* ainda mais dinâmico e complexo. Ele foi dormir quando os panguianos estavam construindo suas primeiras cidades, e na manhã de quarta eles já tinham desenvolvido veículos rudimentares. Logo estariam espalhando–se por Pangu, descobrindo novos locais, fundando novas cidades, dividindo–se em diferentes culturas e desenvolvendo novas tecnologias.

Vendo os panguianos caçando animais estranhos, que lembravam mamutes na proporção de javalis, Abel percebeu que, se assim escolhesse, seria capaz de acompanhar a vida inteira de um deles — sua visão adaptava–se para acompanhar tudo em tempo real.

A mera ideia fez sua espinha tremer, mas era sedutora demais para ser ignorada.

Naquela tarde, Abel testemunhou o nascimento de Son'Jo–Var, em uma pequena casa na cidade de Algo'Nass, como se estivesse ao lado de sua mãe. Ele viu quando Son deu seus primeiros passos, quando foi instruído na primeira caça pelo pai. Vibrou quando o rapaz abateu seu primeiro mini–mamute, e quando ele teve sua primeira parceira. Observou sua tristeza adolescente quando o romance não vingou, e sua transformação de caçador em mercante. Sorriu quando viu Son celebrar matrimônio com Vani'Mora–Jan, uma mulher que conhecera sete anos antes. Viu–o tomado pelo pesar quando seu pai faleceu em uma grande caçada, e quando o coração de sua mãe se tornou velho demais para continuar a bater. Viu–o envelhecer e criar seus próprios filhos, que ano a ano cresciam fortes e justos, como os próprios Son e Vani.

Em uma tarde de sol poente, Abel observou um Son idoso e franzino exalar seu último suspiro nas planícies de Pangu, cercado pela esposa e um filho. As vidas dos outros os tinham levado para muito longe.

Abel voltou à Terra. Oito horas, e uma vida inteira, haviam se passado. Ele não conseguiu comer naquela noite, mas lembrou–se de ligar para seus pais pela primeira vez na semana.

•

Na manhã seguinte, ainda com a memória da vida de Son vívida em sua mente, Abel bateu os olhos na caixa de ovos que comprara do velho misterioso. Segundo a data de validade, aquele era o último dia antes que vencessem.

Mas, se fossem como o primeiro ovo, aqueles não eram alimentos comuns. Na verdade, nem eram alimentos. Quantos Sons e Vanis existiam apenas em potência naquela caixa de ovos, esperando para serem encarnados em uma existência física? Estariam todos eles dependendo da decisão de Abel para deixarem de ser possibilidades e tornarem–se concretudes?

Não houve dúvida sobre o que fazer, apenas uma constatação prática de que mais onze mundos precisariam de mais que um mero barbante pendurado na frente da janela. Abel tinha um verdadeiro projeto em suas mãos, e precisaria trabalhar rapidamente.

Teve que sair do apartamento para comprar uma série de ferramentas e materiais. Soquete, uma lâmpada amarela (a mais forte que conseguisse) e roldanas. O medo de sair do apartamento estava lá, espreitando, mas Abel socou–o em um canto de seu espírito por tempo suficiente para fazer as compras: onze mundos e incontáveis Sons dependiam dele, e aquele trauma não o faria ignorar isso.

Não fez pausa para almoço ou lanche. Ao fim da tarde, estava montado um móbile enorme com doze espaços para pendurar bolinhas — ou pequenos planetas — ao redor de uma lâmpada poderosa. Abel fez a transferência de Pangu do arranjo precário para o novo e robusto mecanismo da forma mais suave possível — não sabia se poderia mover o mundo inteiro sem causar algum problema para seus habitantes, mas era necessário. Alguns abalos sísmicos ocorreram, e aqueles momentos longe do sol ficaram conhecidos como "os dias escuros" na cultura panguiana,

mas nada que não seria superado — um problema grave agora para evitar problemas catastróficos depois.

Então chegou a hora de assumir o papel de parteiro de mundos.

Já havia passado da meia–noite quando tudo ficou pronto. Doze planetas dançavam no centro de seu apartamento — o que atrapalharia um pouco a locomoção no espaço apertado. Constatação que foi registrada e arquivada lá no fundo da mente de Abel: reger um sistema solar era uma preocupação bem mais imediata.

•

Abel estava tão cansado que dormiu até o meio–dia, despertando só com o som estridente da campainha.

— Os vizinhos reclamaram de um barulho ensurdecedor aqui na noite passada, Abel — disse Jorge, o síndico, parado no corredor.

— Desculpa, seu Jorge. Não vai acontecer mais.

— É, eu sei. Você é um rapaz quieto… — Ele espiou por cima do ombro de Abel — Mas o que diabos é isso que você montou aí dentro?

— Arte moderna — disse Abel.

Os planetas diferiam muito entre si e todos eram diferentes de Pangu, o mais parecido com a Terra. Um deles era coberto por uma espessa névoa consciente, e os seres que se desenvolveram ali existiam dentro desta mente compartilhada. Outro era inteiro feito de matéria orgânica, como carne e cartilagem, e os seres inteligentes que surgiram nele lembravam folículos. Um terceiro desenvolveu–se como uma casca, com seus habitantes vivendo voltados para o núcleo do planeta.

Foi assim, com um sistema inteiro aberto para seus olhos, que Abel despertou para suas aspirações na Terra — um ímpeto e sede tipicamente humanoides. Naquela noite, pela primeira vez desde o assalto, Abel sentou–se na frente do computador e trabalhou no livro ilustrado, as experiências da semana servindo de combustível para sua criatividade. Trabalhou por horas a fio madrugada a dentro, pausando para verificar se o móbile estava girando adequadamente, se a lâmpada não precisava de

troca, se o ventilador estava bem alinhado. O bloqueio criativo podia ser vencido, afinal.

Só precisava da perspectiva correta.

•

Quando chegou o sábado, Abel cuidava de seu sistema solar sentindo que estava esquecendo alguma coisa. Algo que havia combinado muito tempo atrás, que existia como um martelinho batendo em sua cabeça.

Olhou o celular. 11h17. Mensagem no WhatsApp.

A pizza! Havia esquecido completamente.

Era quase hora do almoço, e seu estômago estava começando a se agitar, demandando um sacrifício de comida italiana agora que fora atiçado.

Abel sentiu outro aperto no peito. Vanessa estaria lá. Bom, ela que organizara a reunião, é claro que estaria lá. Mais os pais dela. Mais outras pessoas, tanto desconhecidas quanto amigos em comum que perguntariam onde ele havia se enfiado nos últimos meses, durante os quais não conversara com quase ninguém. Oportunidades de ansiedade social para dar e vender.

Ele observou o sistema no meio de seu apartamento, realizando suas rotações e translações. Pensou nas dezenas de sociedades que habitavam cada um daqueles mundos, nas milhares de vidas que floresciam em cada globo, possíveis apenas porque ele resolveu se responsabilizar por elas.

Abel tomou um banho, fez a barba, e vestiu–se com algo melhor do que a combinação calça–de–moletom–velha mais camisa–de–banda–que–já–estava–virando–pano–de–chão que usava pra ir buscar correspondência no térreo.

Na porta, parou. Olhou para as paredes brancas do apartamento. Olhou o relógio. Estava na hora. Tinha fome de pizza quatro queijos.

Queria ouvir as histórias da viagem de Vanessa. Queria abraçá–la e dizer que sentiu saudades. Sentiu mesmo.

A cada passo que dava nos corredores do prédio, outro mais fácil, mais leve, se seguia. A respiração entrava leve e saía fácil, e seu coração batia num ritmo normal, relaxado.

Lá fora, o dia estava azul. O vento fresco bagunçou seus cabelos.

Responsável por milhares de vidas, Abel enfim tiraria algumas horas para cuidar da dele.

• • •

TIAGO RECH é roteirista e escritor, fã de literatura fantástica, games e animes. Nascido no Rio Grande do Sul e radicado em Brasília desde 2014, escreveu o roteiro do jogo *Galaxy of Pen & Paper*, lançado em 2017, e participou da antologia *Rei Amarelo em Quadrinhos* da editora Draco. Contate–o através do e–mail tiagorrech@gmail.com.

Mitomania

Andriolli Costa

Vista sua carapuça.
O barrete da liberdade
dá origem à nossa luta.

A LUA ENCARNADA RASGA o pretume da noite feito o sangue que me escorre da testa. Encaro como um bom presságio. Em algum lugar do meu cérebro, a razão me lembra que o céu é apenas mais uma projeção algorítmica aleatória da redoma, como tem sido em todos os dias no confinamento da Cidade–Estado. Ignoro. Se houvesse espaço para a racionalidade no Brasil de hoje, nenhum de nós teria aceitado essa última missão. Sinceramente, se há algo de favorável em meio a tantos prognósticos de derrota, então a lógica que se foda.

As algemas magnéticas insistem em levar minhas mãos para baixo, mas resisto até tocar o Cristal dos antepassados já apagado que pende em meu peito, escondido pela camisa. Há tempos não escuto a voz de meu avô, mas de alguma maneira sei que o gesto é importante. Quero que ele saiba que eu sinto muito. Quero que ele saiba que acaba hoje, para bem ou para mal.

Era hora de matar o Líder.

Um choque do lado esquerdo me tonteia. Cidadão filho da puta, parece que leu meu pensamento. "Ande", limita–se a dizer com a desemoção típica de sua gente — se é que ainda posso chamá–los assim. Ele recolhe o braço com o bastão elétrico, deixando uma brecha na guarda. Se eu fosse rápido, mesmo com as algemas, poderia desarmá–lo. Mas de que adiantaria? Qualquer ataque agora faria os outros três cabeças de lata que me acompanham nesse cortejo fúnebre ativarem a diretriz de proteção. E proteção, para esses malditos, é sinônimo de morte.

Se eu ainda tivesse o holo–visor, poderia perscrutar o campo de batalha para ver onde estavam os outros esquadrões. Inútil pensar nisso;

os Cidadãos tiraram tudo de mim: minha arma, minha armadura de combate e até o capuz que era o símbolo da minha divisão. Teriam arrancado inclusive minha perna se isso fosse possível. Mas a quem estou tentando enganar? O vento assopra o silêncio nos meus ouvidos, e a mensagem é clara o suficiente: o combate acabou. Eu sou o último. Mais uma vez, sou o único que resta.

Realmente… Eles tiraram tudo de mim.

Essa não é minha primeira vez na Cidade–Estado. Mas por muitos, muitos anos, torci para que aquela tivesse sido a última. As lembranças ainda se insinuam em cada beco, em cada sombra desse chão amaldiçoado em que hoje me arrasto. É no escuro que encontro o espelho para minha consciência. É nele que vejo o rosto de cada um dos meus homens.

Eu os chamei pelo nome, um por um, antes de enviá–los para morrer. Dói, mas não fujo da memória. Encaro meu passado de frente, e só assim poderei acertar as contas com o futuro. Vovô sempre dizia isso.

•

Da cabine do piloto, Barbosa berrava alguma coisa. Só podia supor que fosse a proximidade do alvo. Respondi com um positivo e as comportas finalmente se abriram. Pisquei ao sentir o ar vicioso daquele lugar lambendo minhas vistas. Estava desconcentrado. Foco. Abaixei os óculos do visor e toda a equipe acompanhou. Sinalizei, chamando–os para perto de mim.

— Saltadores! — gritei, para garantir que escutavam. — Prontos?

A resposta veio em uníssono, acompanhada do engatilhar dos rifles. Éramos sete, contando o piloto. Os melhores entre nós. A equipe de elite. Um após o outro eles se lançaram, calculando com precisão o destino: a fenda em reparo na redoma que circunda a capital. Uma ferida aberta na gigantesca máquina pública. Em pouco tempo, estaríamos no coração da Cidade–Estado.

Cândido, Mouzar e Zelo, experientes que eram, tomaram a dianteira. As rugas que rasgavam seus rostos eram as cicatrizes de quem havia lutado por cada segundo de vida naquele purgatório. Depois veio Rudá, e jamais esquecerei a firmeza de seus olhos apertados; olhos ancestrais. O

rapaz tinha sangue indígena nas veias, uma raridade nos dias de então. Martin se posicionou ao final da fila, o mais jovem e o único de nós que não usava o gorro vermelho. Ele dizia, no seu mais puro sotaque fronteiriço, que com seu *pello rubro* já vestia nossa carapuça desde nascença.

Era minha vez.

— *Eu já lhe contei aquela história sobre o bicho Labatut, meu filho?*

A voz, grave e rouca, ressoou pelo meu crânio, fazendo meus ossos de caixa acústica. O ícone pálido se projetou pouco à frente da lateral de minha cabeça. Conforme a imagem ganhava definição, exibia aquele rosto duro, marcado de sol e trabalho, que me acompanhara desde os primeiros anos na resistência — quando eu ainda era muito mais jovem do que Martin. Eu podia imaginar o bronze de sua pele, rachada como um açude sem chuva, mesmo através do brilho azul–fantasma do Cristal.

— Não é uma boa hora, meu avô!

Ele continuou falando enquanto eu verificava a arma e o paraquedas, uma estratégia para retomar o controle dos meus próprios pensamentos.

— *Mas eu já contei?*

Ele já havia contado. Centenas de vezes, junto com outros tantos mitos de um mundo que há muito havia se perdido. Eu costumava me divertir com as histórias quando era criança e os Cidadãos se restringiam às cidades dominadas. Mas a trégua havia cessado. Não era hora para contos de fadas.

— Sim… — limito–me a responder, torcendo para que ele perdesse o interesse.

— *E quantas você realmente ouviu?*

Saltei. Eu já havia saltado mil vezes de alturas parecidas. Outras mil, talvez, apenas repassando aquele plano em minha mente. Mas naquele dia havia algo… diferente. Eu me entreguei por inteiro à gravidade que, ansiosa, chamava. O visor informava a velocidade do mergulho, mas a curiosidade dos números há muito já me abandonara. A cabeça ainda longe. Sentia uma sensação nauseabunda que me fazia contorcer o rosto para não vomitar. Devia ser medo, torcia eu. Era normal. Havia muito em jogo para deixar de temer.

Fiz uma varredura rápida com o holo–visor e logo identifiquei meus companheiros, aterrissando cada um num ponto diferente da cidade. Não fossem os óculos, eu jamais encontraria minha equipe. O paraquedas era tecnologia de ponta da Resistência: portátil, fácil de recolher e produzido com tecnologia de camuflagem que tornava tanto ele quanto seu usuário completamente invisíveis por alguns instantes. Tempo suficiente para a infiltração dos saltadores. Daí vinha o nome da unidade: "Saltadores Anônimos de Combate Infiltrado", os S.A.C.I.'s.

Abri meu paraquedas também. Logo me juntaria aos outros.

— *Pois lá no meu sertão, Labatut era o filho da peste!*

Foi apenas um instante, um solavanco de surpresa quando a voz ecoou pela minha mente, mais alta e repentina que o normal. Foi suficiente. O paraquedas se dobrou em seu próprio eixo, mal aparando minha queda. Fechei os olhos e tentei proteger o rosto, vendo os prédios se aproximando cada vez mais rápido.

Quando acordei, havia apenas trevas.

•

Reconheço o caminho para onde a marcha dos Cidadãos me guia. Não estamos indo para o presídio central. Vamos para o coração da Cidade–Estado: o palanque. Um centro geodésico de todo o ego daquela criatura que há muito deixou de ser humana. É lá que o Líder entoa suas pregações matinais. É lá que discursa mentiras e molda o mundo de falsidade que o sustenta. E foi lá onde, anos atrás, eu o acertei no meio da testa com o disparo de um rifle de perfuração.

Saberia ele das minhas intenções? Foi por isso que, ferido como estava, consegui chegar tão longe? Durante muito tempo a dúvida habitou meus pesadelos, até eu finalmente aceitar a resposta que ainda hoje me escorre a garganta feito bile negra. *Sim. É claro que sim.* Pois se aquele foi, por um lado, o mais importante atentado já cometido na recente história humana, por outro foi também o símbolo máximo do fracasso da Resistência. Uma prova transmitida em todos os canais de que aquele monstro não podia ser derrotado.

Porque ali, na frente de centenas de câmera–drones que circundavam sua figura, o mundo viu a bala atravessar seu crânio sem derramar uma gota de sangue sequer. O disparo capaz de derrubar máquinas não tirou daquele monstro um único solavanco, uma única pausa no seu discursar enfadonho. Diante da violência do tiro, da afronta do ataque, do terrorismo que se instalava no centro da Cidade Estado, o Líder exibiu para as lentes, nos mais variados ângulos, o único gesto possível para alguém de tanto poder: sorriu.

Sou incapaz de dizer quantas vidas aquele sorriso tirou. Pois não era apenas escárnio que ele demonstrava, mas a absoluta certeza de que nada que a Resistência pudesse fazer era capaz de atingi–lo. Eu… eu ouvi histórias de companheiros que tiraram a vida pouco depois, certos de que nossa luta era inútil. Meses mais tarde o Comando Geral perdeu a coesão das tropas. Estávamos sozinhos, e a luta já não tinha sentido.

Eu só estou hoje aqui por conta de meu avô. Foi ele quem me tirou da letargia, impelindo–me à fuga. Foi ele quem ativou os nanobots, que trabalhavam enlouquecidamente apenas para me manter de pé enquanto eu corria. E foi ele que localizou o carro e orientou nossa escapada. Eu apenas obedecia; uma máquina capaz apenas de seguir ordens, como os Cidadãos que renegavam o próprio cérebro humano em troca do servidor de comando sob as ordens do Líder.

A lembrança me faz atrasar a caminhada, e a resposta é mais um beijo do bastão elétrico. O golpe atinge a linha da cintura e minha perna direita simplesmente desativa. A prótese platinada que a recobre sente a sobrecarga do curto–circuito. Filhos da puta! Não era para isso acontecer. Os ciborgues ativam a diretriz de proteção e se colocam em guarda. Não posso morrer aqui, ainda não é hora de conflito. Abraço meus joelhos e me sento na areia vermelha da Cidade–Estado. A perna estremece em espasmos cibernéticos. Um movimento em falso e tudo estaria acabado; preciso demonstrar que não sou ameaça.

Eles percebem, mas só depois da surra. Só quando eu já estou a ponto de apagar.

Minha perna direita se foi no dia daquela invasão, feita em retalhos graças ao acidente com o paraquedas. Meus *braços direitos*, os soldados que serviam em meu pelotão, também se foram naquele dia. Quando acordei,

eles já tinham sido massacrados. Era uma armadilha. Desesperado, tentei cumprir a missão sozinho e também fracassei. Com eles, com o país, com toda a Resistência. Fugi daquela cidade fantasma onde o espírito da democracia estava enterrado havia décadas, e que agora compartilhava o túmulo com meus grandes amigos.

Por que eu? Como eu poderia ter sido o único? Quando chegamos a um lugar seguro, sondei meu avô, ativando sua presença pelo Cristal dos Antepassados, inteligências coletivas desenvolvidas pela Central para orientar aqueles que foram criados desde a infância para se tornarem comandantes das equipes de elite. O avatar do velho apareceu em meio a uma roça de milho, e se apoiou no cabo da enxada, apertando o chapéu de palha contra o peito. Eu nunca havia entendido o motivo da Resistência ter escolhido aquele template. Havia muita coisa que eu não entendia na época, mas eu não tinha espaço para dúvidas. A ação pedia certeza, mesmo que falsa.

Vovô sempre foi das IA's mais conversadeiras. Falava mais que o "homem da cobra", dizia ele — sem fazer muito sentido. Naquele dia, entretanto, ele apenas me olhava, como que esperando uma sentença. Eu me recordo perfeitamente o que passava na minha cabeça: um quebra–cabeças sem sentido em que as peças pareciam minimamente se encaixar. Lembrava de seu aviso sobre o Labatut, um monstro caolho e violento que caminhava com as tempestades em sua terra. Lembrava do meu acidente e do rosto de meus homens.

— Você sabia... — acusei. — Sabia que era uma armadilha!

Meu avô não negou ter me derrubado, mas sua resposta era suficiente para mim.

— Não, meu filho… — disse ele, e a expressão pela primeira vez me soou como o torcer de uma lâmina. — Mas eu tinha uma… uma intuição.

Explodi. Como era possível? Uma máquina deveria agir com base em análises, em estatísticas. Intuição porra nenhuma! Aquela merda daquele erro de programação havia me afastado dos meus homens. Quem sabe se eu tivesse lutado com eles, estaríamos todos vivos? Quem sabe o Líder, a essa altura, não estaria morto? Quem sabe…

Vovô só chacoalhava a cabeça ante minha verborragia. Nós fracassaríamos, dizia ele, porque eu não entendia que o Líder era feito o monstro cuja história ele tanto insistia em contar. Labatut, Labatut! Ao inferno com esse tal de Labatut. Pessoas estavam morrendo! A Resistência respirava por aparelhos e eu — dizia olhando para minha perna estraçalhada — havia me tornado um *inválido*.

Com uma humildade que jamais soube de onde vinha, o velho se mantinha de cabeça baixa. O brilho azul de seu rosto se aproximou vagarosamente do meu, como que para me dizer, frente a frente, uma verdade que eu não aceitava escutar. Quando sua voz saiu, trovejando no meu cérebro, provocou:

— O que faz um saci, Damião? A perna que resta ou a que falta?

— Meu nome é Damian — encerrei, arrancando o Cristal da fonte e desativando a projeção. E assim ele permaneceu por quase sete anos.

•

Eu nunca fui de sonhar. No fundo, no fundo, acreditava que já estávamos em um grande pesadelo coletivo. Acho que, justamente por isso, aquelas imagens me marcaram tanto. Comecei a assinalar as recorrências graças ao calendário no holo–visor, e demorei um pouco para entender que os sonhos tinham data para acontecer: ano após ano, nos últimos dias de agosto.

Na primeira vez, eu me vi como um guerreiro, numa espécie de tribo, quase que paleolítica. Corria com meus irmãos negros em busca de um homem enorme com uma boca gigantesca nas costas que a tudo devorava. Sua pele era indestrutível, mas eu o vencia com uma adaga cravada no umbigo — seu único ponto fraco aparente. No dia seguinte, o monstro revivia. *Quibungo*, soprava uma vez, ancestral, com hálito de infância. Na manhã seguinte eu acordei e lembrei seu nome.

No outro ano, eu cavalgava por uma paisagem deserta, protegido do vento e da areia por uma couraça feita de couro curtido. Perseguia na escuridão um monstro peludo, que roncava feito porco e rosnava feito cão. Lutamos durante toda a noite, e quando não aguentava mais segurar minha faca, furei suas enormes orelhas com um espinho de laranjeira. Foi

só verter uma gota de sangue que o bicho voltou a ser humano. Na noite seguinte, a maldição retornava e o monstro voltava a correr o fado. *Lobisomem*, dizia a voz. Eu acordei e lembrei seu nome.

No terceiro ano, eu me vi preso ao meu próprio leito, em um eterno despertar, para só então perceber que ainda sonhava. Em meio àquele tormento, escutei uma voz calorosa feito colo de mãe. Aconcheguei–me em seu som e repeti o mantra que ela murmurava em meu ouvido: "Pisadeira, Pisadeira da mão furada, suas unhas ultrapassadas. Se quiser vir me assombrar, dá três voltas pelo mar". Era um peso que me saía do peito, mas eu sabia que, cedo ou tarde, ela voltaria. Quando finalmente acordei, eu lembrava o seu nome.

E assim seguiram os anos. No intervalo entre os sonhos, eu buscava meu caminho longe do fantasma da Resistência e da ameaça do Líder e seus asseclas. Mas a influência daquele desgraçado só crescia, assim como seus exércitos. Cada nova cidade conquistada eram novos milhares de Cidadãos convertidos — humanos tornados máquina, obedientes e irascíveis. Eu só queria viver em paz, mas os sonhos pareciam sempre me direcionar para o combate. De que adiantava a luta se o inimigo sempre retornava?

No sexto ano eu o vi. Era o mercenário francês que fazia o trabalho sujo para a Coroa brasileira. Meu avô sempre falava sobre ele, o general que comandava o Exército Pacificador. Qual paz era aquela? Talvez a da sepultura. Não o reconheci pela figura humana, com as graves costeletas emoldurando a cabeleira branca. Eu o reconheci quando os pelos cresceram em sua face e os dentes se tornaram presas, quando os olhos se fecharam para que apenas uma pupila se abrisse no meio da testa — feito um ciclope sertanejo. Eu o reconheci quando o povo trancava portas e janelas ao som do trovão que sua presença trazia, e quando apertava o rosário até as palmas das mãos sangrarem, rogando para que ele fosse embora. É que as ações do homem eram tão cruéis que o povo fez dele um monstro. Fez dele um mito. Quando acordei, lembrei seu nome.

Labatut.

Eu precisava falar com meu avô. Passei o ano seguinte todo em uma missão para reencontrá–lo. Eu havia abandonado o Cristal tempos atrás, perdido em uma mesa de jogo quando só o que me faltava apostar

era a prótese de minha perna. Éramos uns fodidos, tentando manter a sanidade em um mundo tomado pelo Líder, mas, mesmo assim, os companheiros de mesa tentaram me dissuadir da ideia. Havia poucos Cristais dos antepassados pelo país; o valor seria inestimável, muito além do que estava em jogo (que, a bem da verdade, eu nem lembro o que era).

— Esse aqui não vale nada — cuspi. — Está quebrado.

Eu localizei o Cristal novamente seguindo seu rastro de energia a partir da fonte. Não havia sido fácil, mas finalmente ele estava comigo de novo. Seu brilho parecia mais opaco e intermitente, mas eu torcia para que fosse apenas uma peça que a memória me pegava. Eu tinha muito a conversar com vovô, uma conversa que prometia ser mais extenuante que toda a jornada para recuperar o antigo tesouro. Eu precisava tomar coragem. E coragem líquida.

Estacionei ao lado de um boliche abandonado. Puxei uma cadeira para mim mesmo, deixei o Cristal sobre a mesa e me servi uma dose. A cada gole pensava no que eu poderia dizer, pensando em não gritar, pensando em não chorar. Não era hora de acusações, mas de respostas. O copo batia na mesa, a testa suava, a garganta esquentava, o peito ardia. Mas as palavras insistiam em não sair. Eu repeti o ritual, de novo e de novo e de novo, mas tudo o que eu consegui foi gritar… Sem frase, sem pergunta, sem sentido. Apenas um grito de dor e saudade.

Eu não sei depois de quantas doses aquilo aconteceu. Só sei que, quando puxei uma nova garrafa para me servir, não senti o balanço do líquido em seu bojo. Trouxe o recipiente para perto de mim, e, forçando os olhos embriagados, encarei no fundo daquele vidro encardido duas brasas que se acendiam e me devolviam o olhar. Havia alguma coisa lá dentro. Eu respirava fundo, concentrado, e a coisa respirava junto, embaçando a garrafa por dentro com seu hálito. Quase derrubei tudo quando um par de mãozinhas se colou contra o vidro. E quando aqueles olhos, em chamas, se aproximaram da parede eu finalmente o vi.

O corpo era todo preto e musculoso, empoleirado em uma única perna firme. Vestia uma carapuça de algodão grosso e vermelho, como que empapada de sangue, e me mirava com a boca torcida em um desprezo de quem acumula mágoa há muitos anos. Dessa vez não ouvi nenhuma voz me contar nada; eu sei a história dele. Uma história de

aprisionamento e violência que deu origem ao desejo de resistir. Sei como perdeu a perna, sei o que ele faz e sei o que devo fazer. Eu seguro a garrafa ainda de frente para mim e puxo a rolha que a tampa. O duende sorri.

Acordei sentado na mesa, assustado com a garrafa que escorregou da minha mão e quebrou. Era 22 de agosto, sete anos após a minha fuga. Eu nunca esqueci seu nome, mas demorei para aceitá–lo.

Eu estava pronto para ver meu avô.

•

Sete anos. Eu havia deixado a barba crescer e trazia o cabelo todo raspado. Mais do que qualquer mudança estética, havia um pesar espelhado em minha face que nenhum sorriso era capaz de disfarçar. E não havia muitos motivos para sorrir. Será que ele estranharia? Naqueles segundos entre ligar o Cristal na fonte que carregava no pescoço e a imagem surgir no projetor, travei centenas de diálogos com meu avô — dos mais banais aos mais agressivos. Quando ele finalmente apareceu, tudo foi embora. E diante daquela cena, só uma coisa merecia ser dita.

— Sua benção, vô.

Eu achava curiosa a geração contextual feita pela IA a cada interação nossa, e já havia me perguntado até que ponto a escolha era realmente aleatória. Eu esperava que ele surgisse em sua roça, ou tocando o gado no mangueiro. Quem sabe até num daqueles poucos momentos de absoluto sossego, quando se deitava na rede e proseava à vontade. Mas não esperava aquilo. Não esperava vê–lo de cama.

O velho estava de olhos fechados, e, quando ouviu minha voz, os entreabriu. A imagem se aproximou, e percebi um estranho embaçado em suas vistas. Olhando na minha direção, sua voz grave vacilou a resposta.

— *Deus te abençoe, meu filho…*

Vovô estava morrendo. Seria uma interpretação da proximidade da falha crítica em que o sistema se encontrava? Seria algo mais? Eu não sabia… não sabia mesmo. Tudo o que conseguia pensar era o quanto ele parecia sozinho.

— *Não se preocupe, Damião* — disse, como que lendo meus pensamentos. — *Você veio quando pode…* — tossiu ele.

Não era verdade. Eu o havia abandonado. Fui embora, como se ele sempre fosse estar ali quando eu quisesse. Quando eu precisasse. Eu quis pedir desculpas, quis dizer tanta coisa, mas nosso tempo era curto.

— Meu avô, eu me lembro. Do Labatut. Do Líder…

O velho aquiesceu. Seus olhos ganharam um brilho final que depois percebi ser uma lágrima. Aguardei sua resposta. Ele moveu as mãos sobre o leito da cama e ativou a recuperação de uma rotina de backup. Era uma gravação dele mesmo. Era o que tentava me dizer quando eu não quis escutar.

— *Você não pode matar um mito com uma bala, Damião. Um mito se mata com crença. É preciso um mito para matar o outro.*

A imagem na tela sumiu, então me voltei para a pobre figura ali prostrada.

— Eu sei. Agora eu sei.

Ele sorriu, satisfeito. A projeção se aproximou ainda mais de mim. Se pudesse segurar minha mão, sei que o faria. As palavras saíam fracas, como uma bateria que se acaba.

— *Damião, você… precisa de ajuda…*

— Mas de quem, vovô? Eu… nós… não temos ninguém.

— *Você tem um… plano?*

— Eu tenho uma intuição.

O velho riu um riso engasgado, como quem sofre para fazer cada movimento. Com cuidado, botou–se sentado na cama, jogou para longe os lençóis e me encarou com a cabeça erguida dos condenados. Sua tosse se tornou um murmúrio, e do murmúrio veio o som. Um som que preenchia a sala toda, ao ponto de eu não saber se ele estava rezando ou cantando. Logo, percebi que eu mesmo cantava junto com ele, e o som encorpava. Embalado por aquele cantar lamurioso, não me importei ao perceber que uma nova voz surgiu para fazer coro à prece. E mais outra. E mais outra. Logo o quarto de meu avô estava cheio. Eram outras IA's, entendi. Não… eram outros avós. Os guias de comandantes perdidos.

— *Você nunca estará sozinho, Damião. Nós somos povo. Nós somos muitos.*

— Nós somos a Resistência — disseram os visitantes.

Eu olhava seus rostos, todos emanando o brilho fantasma da projeção dos Cristais dos Antepassados, só que mais vivos do que eu mesmo não me sentia havia muito. Vovô os convocara; o resto dependia apenas de mim. Contei o plano em todos os seus detalhes impossíveis. As porcentagens de vitória seriam ínfimas, mas por isso daria certo. Contra a máquina, nada mais forte que o desejo. Do que a liberdade.

Um a um os avôs me abraçaram e partiram — e por mais que eu não sentisse o toque de seus braços, ele me energizava. Havia muito trabalho a ser feito; os comandantes deveriam ser convocados e, com eles, suas tropas. A esperança sorria novamente. Quis abraçar meu avô, agradecer por tudo o que ele tinha feito, mas ele pediu licença por um instante.

— *Só preciso descansar um pouco, Damião* — disse, enquanto se aconchegava novamente entre as cobertas. — *Eu estou com tanto frio... tanto... frio.*

A imagem de vovô foi se apagando vagarosamente, junto com o brilho do Cristal, e nunca mais se acendeu. Só que a fonte não era mais importante. Sua luz brilharia dentro de mim até o fim dos meus dias.

•

Assim organizamos este último ataque. Esta última missão. Os Cidadãos precisam de um líder. Sem ordens, seriam incapazes de agir por conta própria. Se o comando central caísse, a vitória seria nossa. O golpe deveria ser duro e certeiro.

Durante anos lutamos separados, cada um enfrentando suas próprias batalhas, cada um chorando seus mortos. Mas naquele momento éramos um. E torcíamos para que fosse suficiente.

Na manobra coordenada, cada um sabia seu papel. O MB01T@t, pelotão de engenharia reversa, vasculhou cadáveres de ciborgues e máquinas derrubadas em busca de peças. O foco eram especialmente os quartzos das retinas que serviam de olhos para os inimigos — matéria prima para poderosas armas laser. Os Pastores, por sua vez, tinham outra tarefa: capturar veículos e converter sua programação, formando uma manada de drones para nós. Usaríamos as armas do inimigo contra ele mesmo.

Pela água, a Divisão Delfim tinha alvos específicos para infiltração. Especializados em manobras *stealth*, eram indetectáveis dentro da água. Fora dela, capacetes de disfarce criavam hologramas que os camuflavam entre os locais. Ninguém perceberia, nem mesmo o Líder, até que fosse tarde demais.

O pelotão das matas, os Kaa'porã, deveriam esvaziar a cidade, levando os inimigos a uma perseguição inútil pelo maior tempo possível. Seus soldados disparavam armas que enganavam os radares das máquinas, bagunçavam o rastro de calor. Quando os Cidadãos se dessem conta, estariam andando em círculos.

Por fim, restava eu, o líder de um pelotão extinto. Graças aos amigos, recuperei a antiga veste de combate, e alegrei–me ao notar que ela ainda servia tão bem após todos aqueles anos. Vesti a carapuça de minha equipe, o rifle nas costas e as granadas de som na cintura — que disparavam um estrondo tão agudo que lembrava um assovio. Equipamento inteiramente revisado com tecnologia de ponta. Era tudo ou nada. Só que eu não estava sozinho.

Mesmo agora, o último ainda em pé, capturado pelo inimigo e guiado até as câmeras do Palanque para servir de exemplo, sei que não estou sozinho. Em meus ombros trago todos os mortos que morreram para que a liberdade sobrevivesse. Eles não me pesam as costas; me dão estrutura.

Caminho, trôpego, até o centro do palco, e sinto os olhos de vidro dos drones voltando–se todos para mim. Eles queriam espetáculo, e eu o daria a eles. A corrente elétrica percorre meu corpo. As câmeras focam meu rosto. Eles vão precisar de mais do que isso para me ver de joelhos. Não aqui, não desse jeito. Sinto a força do choque multiplicando. Filhos da puta… Filhos da puta.

A visão está embaralhada, mas eu escuto a música da abertura de seu programa. Sim, com vinheta e tudo. Não há limites para o seu sadismo. Escuto os passos ecoando no chão metálico e sei que ele se aproxima. Os cabelos bem penteados, o rosto liso e sem pelos, a boca reta de quem só sorri para debochar. Ele veste um terno simples com gravata, mas, a cada passo, os nanobots reconstroem sua roupa em um uniforme

de combate. Esse maldito controla as máquinas com perfeição, e quer mostrar que essa execução é um ato de guerra.

— Eu sou um homem de antigamente, Capitão… Damian — enuncia, demorando os olhos sobre minha antiga plaqueta de identificação. — Por isso, eu vou lhe conceder um último desejo. Mas, por favor, sejamos razoáveis. Não haverá misericórdia.

As câmeras–drone me perscrutam nos mais diversos ângulos, ansiosos por transmitir qualquer gesto de desespero para quem quer que esteja assistindo. Não vou dar o que eles querem. Sorrio. Sou um soldado desarmado, algemado e ensanguentado, mas quero ter forças para sorrir. Para que todos sorriam.

— O gorro é o símbolo do meu esquadrão. Se devo morrer, que seja com ele.

Sua resposta é um gargalhar desentendido. Concorda, por fim. Com um sinal, faz um dos ciborgues se mover para colocá–lo na minha cabeça.

— Não! Eu coloco. Você não é digno.

A carapuça encarnada é minha coroa. Seguro–a com força com ambas as mãos. As algemas magnéticas lutam para que eu não consiga levantar os braços, mas não será preciso.

— Um desejo pequeno como o homem que você é, Capitão Damian.

De canto de olho, vejo uma arma se formar na mão do inimigo. Nanobots. O Líder a aponta para mim.

— Só quero fazer duas correções, seu miserável.

Mastigo as palavras enquanto procuro com os dedos o chip de comando escondido na baeta do gorro.

— A primeira: meu nome é Damião.

Ativo o comando. O Líder fraqueja. Não há contagem regressiva. Minha prótese pisca o alerta vermelho, iniciando o explosivo.

— E eu não sou só um homem.

A perna que resta ou a que falta?

— Eu sou um S.A.C.I.!

A bomba explode, e sei que sua combustão não é apenas de oxigênio. Queima com a força da crença. Queima com a força do sonho. O fogo nos consome, queimando em liberdade. A explosão derruba prédios,

colunas de sustentação e faz despencar uma placa gigantesca da redoma que cobre a Cidade–Estado.

A luz penetra pelo buraco em meio às telas que ainda projetavam a escuridão controlada da redoma. As câmeras que sobram a tudo filmam, o povo que restava a tudo assiste.

E a noite se torna dia.

• • •

ANDRIOLLI COSTA é jornalista, escritor e pesquisador de folclore. Escreve ficção folclórica para mostrar que a cultura popular pode inspirar qualquer tipo de narrativa e gênero. Após as duas edições da *Antologia Mitografias*, prepara a coletânea própria *O Colecionador de Sacis e outros contos folclóricos*, reunindo sua produção.
twitter.com/andriolli
facebook.com/colecionadordesacis
sacis.com.br

Dona das Cores

Rafael Marx

Eu despertei.

Não havia luz sobre minha cabeça mas eu sabia que ela existia, apesar do estado de sonho, ainda resistente em fugir da minha mente. Eu estava consciente e era só. Pisquei, com meus olhos que nunca haviam piscado antes, procurando espantar de mim o estado semi-acordado.

Levou algum tempo, embora não houvesse ainda o tempo, para que eu decidisse me mover. Quantos dias se passaram entre abrir minhas pálpebras e a primeira sacudida dada por meu corpo? Não era possível dizer. Ainda havia sono em mim.

Por uma eternidade, eu me arrastei sob a terra, rastejando meu caminho por aclives e despenhadeiros. Eu sabia que a luz estava lá em cima. Precisava alcançá–la, sentir o calor.

Foi só quando senti o calor do sol e seus raios me tocaram que descobri minhas cores. Todas elas: o vermelho rubro das brasas, o verde esmeralda das folhas, o violeta e o azul solar do céu, o laranja–ouro das pepitas e o amarelo do próprio sol. Todos os tons refletidos por minhas escamas.

Mas fora o sol, não havia nada. Eu sei que não havia porque eu viajei por toda a Terra procurando por algo ou alguém que pudesse me dar um nome.

Viajei tanto que me cansei. Queria dormir novamente, mas agora sobre a terra, longe da escuridão do Tempo dos Sonhos. Fiz uma montanha, aquela que hoje chamam Naralullgan, deitei–me sobre ela e adormeci.

Não houve sonhos, só o vento. O vento conversava comigo em versos de uma língua estranha que ainda não havia sido inventada. Eu me perguntei quem inventaria aquela língua e me surpreendi, pois eu era a única coisa desperta para falar. Era o meu dever.

Sem acordar mas sem sonhar, eu pensei na língua. Por séculos e milênios eu pensei nos estalos e assovios do vento. Até que, um dia, ele sussurrou em meu ouvido e eu compreendi:

"Goorialla", disse o vento.

"Quem é Goorialla?"

"Você é Goorialla, a Serpente Arco–Íris. Dona de todas as cores."

"Vento, esse é meu nome?"

O vento silenciou por um instante. Quando voltou, não foi com uma resposta.

"Goorialla, essa não é sua terra. O vento não é seu povo. Nossa língua é uma língua estranha. Parta e procure os seus!"

E cessou.

Eu me arrastei montanha abaixo. Viajei pra longe do vento frio por dias, criando montanhas por onde passava. Criei Naradunga de granito, quebrando suas pontas para que não me ferissem enquanto dormia. Criei pontas afiadas e cinco cavernas para Minalinha, apenas porque gostei de como ela formava uma sombra no chão.

Quando cansei, criei um rio descendo das montanhas, e me deitei ao seu lado. A água também me falava em uma língua nova, mas eu já sabia como aprendê–la. Deitei–me ao lado do rio e fechei os olhos.

Demorou semanas, mas, um dia, o rio me chamou.

"Irmã Goorialla."

"Irmão rio, me diga! Onde vive meu povo?"

"Você, Goorialla, partiu sem saber de onde. Se foi, sem se preocupar com os seus!"

"Irmão rio, o que eu fiz?"

"Você os abandonou, irmã Goorialla. Retorne para os seus."

E então eu sabia o que fazer. Por isso não tive pressa: viajei por dias através das montanhas, rios e vales que havia criado. Já começavam a surgir plantas, árvores e arbustos, cobrindo todos os lados.

Conforme eu me aproximava, sentia o sono se apoderar de mim. O Tempo dos Sonhos era ainda muito forte lá embaixo, na caverna de onde eu havia saído.

Eu não sei dizer se dormi. Lembro de ficar horas, talvez dias, parada, na entrada, sem conseguir fazer nada. Toda minha energia e concentração estavam em tentar não cair no estado de sonho eterno novamente.

E então, não sei de onde, um grito saiu de mim. Não era na língua do rio, nem na língua do vento, mas em outra ainda, que eu sabia o que dizia:

"Saiam!"

Por alguns instantes, parecia que de nada havia adiantado meu apelo. Mas então, pouco a pouco, eles saíram. Sapos primeiro, e então emus, cangurus, pássaros, serpentes, lagartos, coalas e todos os animais.

Eles saíram, lentamente, com os olhos marejados do Tempo dos Sonhos, sem lembrar de nada, porque nada haviam vivido antes. Olhavam–me, e se perguntavam o que vinha a seguir.

"Escutem minha lei! Aqueles que a seguirem, serão tornados homens. Aqueles que a desobedecerem, virarão pedras nos rios, para que eles sejam atravessados!"

E assim eu proferi todas as palavras da minha lei, numa língua que não era do vento ou do rio. Todos a escutaram, mas alguns não a entenderam. Eles eram o meu povo: os animais, destinados a ser mais do que eram.

Com o tempo, viajei com eles e os apresentei cada pedaço da terra. Mostrei–lhes o sal que eu colocara nas areias da praia e o pico de cada montanha. Levei–os para conhecer o irmão rio e lhes ordenei respeitar sua força e sua gentileza, pois dele provinha a água da vida.

Alguns, claro, não souberam respeitar minha palavra. Abusaram do irmão rio ou destruíram as irmãs árvores. Esses viraram pedras, as quais os outros usavam para cruzar a correnteza sem serem levados.

Um dia, veio a mim um grupo de cangurus. Eles respeitavam a lei e sabiam venerar as criações que eu fizera. Chegaram com paciência e gentilmente esperaram sua vez de falar. Quando a hora chegou, disseram:

"Grande irmã Goorialla, Serpente Arco–Íris, dona de todas as cores e criadora das montanhas e rios. Temos sido nada além de respeitosos com o que criou. Pedimos perdão pelo questionamento, mas gostaríamos de saber sobre a recompensa prometida."

Eu olhei–os com calma. Nem todos eram tão bons ou respeitosos, mas metade deles merecia que eu fizesse jus a essa promessa.

Estendendo meu corpo por entre eles, separei os dignos dos indignos, afastando aqueles que não mereciam mais do que escapar da punição. Virei–me, então, para os admiráveis.

"Meus bons irmãos. Como eu poderia ser algo além de justa para com vocês, que seguiram a palavra e não tiraram mais do que o que lhes cabia?"

E, com um movimento, fiz cair sobre eles o reflexo das minhas escamas. E no momento seguinte, eles eram humanos.

"Agora são humanos, mas não se esqueçam: isso não os torna melhores, apenas aumenta sobre vocês a carga do dever. Lembrem–se de onde vieram, e do que foram um dia. Carreguem como um totem a sua origem, e jamais usem seus irmãos como alimento."

Quando todos os dignos vieram até mim e se tornaram as tribos dos emus, das serpentes, dos lagartos e dos outros animais, vi que era minha hora: entrei novamente na caverna e deitei–me no mesmo leito de pedra, encarando um céu sem estrelas. Ali, voltei para o Tempo dos Sonhos, onde qualquer um pode me encontrar a hora que quiser.

• • •

RAFAEL MARX é um jornalista, redator publicitário, escritor e roteirista. Desde jovem sente um chamado para contar histórias, especialmente as de fantasia épica e terror. Criou a *Pulp Feek*, uma das primeiras revistas digitais a publicar contos de múltiplos autores, em hiato desde 2013. Sonha com um cenário brasileiro de literatura de gênero rico em revistas e coletâneas regulares. Pode ser encontrado no Twitter como @Rafa_Marx.

Argaz e Lucia, ou O Evangelho dos Pássaros

Anna Fagundes Martino

Não há nada ali, dirão os moradores de Ajaccio. Nada senão as gaivotas no céu e a urze que tinge as pedras de rosa e verde com o *maquis*, o jardim que Deus deu à ilha da Córsega quando criou o mundo. Mas se você perguntar aqui e ali, como quem não quer nada, alguém em algum momento lhe contará, decerto, do imenso casarão que os marinheiros viam no horizonte em dias de tempestade, na maior das quatro ilhas que formam o arquipélago das Sanguinaires.

Olhos de marinheiro só enxergam o que as Sanguinaires escondem quando é tarde demais. Fora do delírio da guerra ou do temor da tormenta, eles só veem os pássaros e as pedras; só ouvem o som dos tordos e das gaivotas, o grito dos francelhos e dos falcões peregrinos ecoando no vazio, asas abertas alcançando Ajaccio pelo golfo, cruzando o azul de céus e as águas que se confundem na linha do horizonte.

Mas se você tiver paciência e ganhar a confiança dos locais, os mais velhos vão contar da gente estranha que às vezes aparecia na costa para fazer compras ou trocas com os pescadores. De olhar, não se dava nada por eles: homens e mulheres como todos os outros que aquela terra gerava... não fossem os olhos, tão escuros que mal se notam as pupilas por vezes; as mãos de unhas muito curtas, quase roídas demais, de dedos que pareciam eternamente encardidos e feridos nas juntas; não fosse a estranha rapidez para aparecer e desaparecer de qualquer lugar num sopro do vento.

E eles lhe contariam, também, do erro do rei dos deuses, e de como isso moldou aquela ponte entre a África e a Europa, a joia do Mediterrâneo — *la pauvre Corsica*, que tanto dera aos outros e nada obtivera para si.

Pois houve um rei dos deuses, um dia. E houve uma batalha por conta de uma mulher, ou também por conta de várias famílias destruídas pela inveja, ambição e destino.

E assim dizia a lenda: um guerreiro muito justo e muito leal, vindo das terras da Etiópia para defender Troia, caiu morto sobre a terra durante a batalha, e seus companheiros choraram sua morte de tal maneira que Zeus os transformou em pássaros, para que eles vigiassem a tumba de seu líder pela eternidade.

Zeus, sendo Zeus, obviamente esqueceu alguns detalhes em sua pressa para corrigir o problema (ou para parecer magnânimo resolvendo o que não era exatamente um problema — a morte é sempre ao mesmo tempo justa e injusta apesar de tudo). Por exemplo: os companheiros do guerreiro queriam ser transformados em pássaros? E, uma vez transmutados, eles tinham mesmo que ficar para sempre limpando com as asas a poeira que caía sob o túmulo? E será que os companheiros do guerreiro assassinado conseguiam retomar forma humana?

Ninguém nunca perguntou isso aos contadores das histórias — com tantos outros mortos com o qual se preocupar, Enéas e Aquiles e os outros, quem ia prestar atenção em meia dúzia de soldados que tinham ganhado asinhas?

Pois bem. Se eles não contaram, conto eu.

Houve um tempo, e houve um homem. E eis como as Sanguinaires foram ocupadas por essa gente praticamente invisível.

•

Se você olhar o mapa da Córsega, vai descobrir uma coisa engraçada. Bem para o sul, há um espaço muito pequeno entre ela e a outra ilha, a Sardenha dos italianos: uma fronteira natural entre os mares Tirreno e Mediterrâneo.

Os romanos, quando se achavam os donos da água, chamavam o estreito de *fretum gallicum*, o estreito do mar dos gauleses. Os corsos, por sua vez, chamam de *Bucchi di Bunifaziu*, e os franceses que ocuparam a terra logo traduziram a denominação para *Bouches de Bonifacio*, as "bocas de Bonifacio", o nome da cidade mais próxima, do lado dos corsos.

É bem verdade que o *mare nostrum* dos romanos não tem muita maré, mas há recifes e correntezas que demandam toda a atenção do mundo. O clima é traiçoeiro a qualquer hora do dia ou da noite: redemoinhos e

ventos fortes parecem levar os barcos de propósito para as pedras, como uma criança brincando em uma bacia de água.

Nos tempos de antes, diziam, havia sereias chamando os homens, causando estragos nas embarcações. Você pensa em sereias como mulheres com rabo de peixe e cabelos compridos, com a voz doce e delicada. Mas se for olhar os vasos que os gregos desenhavam, vai perceber uma coisa engraçada: as sereias, na verdade, tinham corpo de pássaro e rosto de mulher.

Quando o navio inevitavelmente afundava ao tentar passar entre as duas ilhas, os restos iam para a costa da Córsega, levados pelas ondas. E era lá que eles desapareciam da noite para o dia: qualquer coisa, por mais destroçada que fosse, por menos valor que tivesse, nunca ficava por muito tempo exposta nas pedras brancas das Bocas do Bonifacio. Os corpos dos marinheiros que eventualmente chegassem às margens, esses, sim, ficavam para trás, sem as botas ou sem os casacos, às vezes sem as espadas ou sem as alianças de casamento ou as medalhas de santo. Culpa dos *acelli di preda*, diriam os corsos se persignando antes e depois de dizer o nome.

Culpa dos pássaros de rapina.

Mas que pássaros de rapina eram tão seletivos, para levarem botas mas não a carne dos homens mortos pelo mar? Que arrancavam correntes em pescoços, mas deixavam os mesmos pescoços intactos? Não adiantaria perguntar para os poucos moradores que faziam das pedras da cidade de Bonifacio seu lar: eles morriam de medo tanto das águas quanto dos céus e faziam tudo o que podiam para não se verem vítimas nem de um, nem do outro.

Foi o que descobriu, depressa, o único homem que sobreviveu ao naufrágio de uma embarcação vinda de um lugar mais longe que a Sardenha: do continente que os sardos juram ver do outro lado de suas águas em dias de mar calmo. O homem acordou de sua jornada cuspindo água, desesperado para expulsar o oceano de dentro de si. Marinheiro involuntário, braços e pés acorrentados, ele deveria ter afundado entre os jardins dos polvos e as florestas de corais, mas ali estava ele, deitado de bruços contra as areias brancas, os olhos ardendo por causa do sal e da luz forte do Sol contra ele.

E algo estava puxando seus pés de volta para a água. A única coisa que lhe ocorreu fazer, a única para o qual tinha força, foi tentar chutar para longe a ameaça. As correntes lhe prenderam de volta ao chão, um guincho agudo quase explodiu seus tímpanos. O sobrevivente pensou em chamar por auxílio, mas eis aí um problema: ele não conseguia abrir a boca. Água demais, sal demais, deuses de menos para apelar. Afinal, não tinham sido os deuses que viraram as costas para ele e lhe enfiaram naquela situação? Ele certamente não se ofereceu para ser caçado como um antílope, afinal. Mas lá estava ele, perdido entre pedras e mar, longe de qualquer coisa conhecida, o sal ardendo em sua pele.

E com alguma coisa o puxando de novo.

A criatura tinha braços e pernas, dedos e olhos de um escuro que parecia o dele. O cabelo também era preto — não como o dele, de cachos muito curtos e rentes à cabeça como a grama firme do paraíso; era algo que lembrava as algas nos rios, descendo pelos ombros em tranças lisas. Era uma mulher, ele percebeu: menos escura do que ele, menos alta, mas sem dúvida bem capaz de lhe partir ao meio. Dava para notar pelo modo como ela estava quebrando as correntes que o prendiam no chão apenas com garras afiadas que lhe surgiam no lugar das mãos.

Pelo guincho que ela deu ao perceber que sua vítima estava desperta, o sobrevivente concluiu que, se o mar e as tábuas do navio sobre a cabeça não tinham lhe matado, aquela estranha alma certamente faria as honras com gosto. E, como todos os homens em situação parecida, ele fez o que todo mundo faz em uma hora dessas e nunca conta a ninguém: ele lembrou de sua mãe, havia tanto falecida, e pensou que pelo menos ele estaria de volta à sua gente em alguns instantes. Dor por dor, o último golpe não poderia ser tão pior do que tudo aquilo pelo qual já tinha passado até ali.

O golpe de misericórdia, no entanto, não veio. As correntes caíram por terra — o alívio de sentir enfim na pele a leveza do ar ao invés do peso do ferro chegava a ser palpável de tão súbito, um pulsar explodia dentro dele. A mulher estranha, em seguida, moveu as mãos em garra na direção dos braços dele, para tirar as algemas que o prendiam.

Ora, por Tannit e pelos céus onde ela reina: a criatura estava lhe libertando!

Ele não teve tempo de pensar em alguma outra coisa: todo o esforço para se manter atento durante aqueles instantes dolorosos teve um custo bem caro, e a consolação logo se transformou em um pano negro sobre seus olhos, o corpo derrotado. Quando ele abriu os olhos de novo, era noite. Uma coberta grosseira tinha sido disposta sobre ele, uma esteira servindo como anteparo entre ele e o chão duro. O céu diante de seus olhos era bonito como os das montanhas de onde ele tinha vindo e, por um minuto, achou que aquilo era paraíso o suficiente.

Mas as montanhas não cheiram a sal, e não têm barulho de ondas. E, embora ele não fosse eremita, longe disso, não tinha tanta gente lá na terra de onde viera. A criatura que o salvara tinha voltado e, pelo visto, trazido junto sua família: um bando como ela, com os mesmos olhos escuros e os mesmos cabelos compridos, as mesmas mãos de dedos curvados e pescoços compridos, machos e fêmeas olhando para ele com curiosidade.

A mais velha do bando — dava para notar pela pele curtida de sol e sal, pelo tanto de medo que os outros tinham quando ela se aproximou, pelos trajes mais surrados e pelo ar mais calmo em seu semblante — tentou alguma forma de comunicação. Os idiomas não batiam; o sobrevivente não sabia outra língua senão a sua própria, ao contrário da gente daquela terra esquisita, que ia tentando uma palavra diferente por vez até que um substantivo, enfim, fez sentido: *argaz*, homem no idioma das montanhas de onde ele viera. E o sobrevivente chacoalhou a cabeça, tentando dizer que sim, ele era um homem, que ele tinha vindo de muito longe e não sabia onde estava.

Pelos próximos dias, o recém–batizado Argaz transitou entre o mundo do sono e o mundo desperto, fraco demais para permanecer acordado de vez. A criatura que lhe arrancara as correntes vinha com comida para ele, empilhada em cacos de cerâmica que os anos e as ondas tinham arredondado: carne de peixe embrulhada em algas e uma fruta vermelha e com a casca irregular, parecendo coberta de espinhos por nascer, de um gosto francamente desprezível, mas que ele engolia porque não havia outra coisa de comer. À noite, lhe serviam um caldo ralo e esverdeado, feito com aquilo que aquela gente arrancava do azul profundo das águas,

servido em cumbucas escuras sem decoração. Nada de tempero, nada de afetação.

E nada de ser deixado em paz até que ele comesse e bebesse tudo o que lhe era dado. Quando ele dormia, a gente estranha cuidava de seus ferimentos — os vergões abertos em punhos e calcanhares e os cortes causados pelas tábuas do navio eram amarrados ou desamarrados com tecidos, lambuzados com unguentos cheirando a verde ardido que ele tentava reconhecer e não conseguia.

Não havia nenhum guarda na porta da tenda quando não era hora de comer, não haviam correntes ou grades para lhe conter. Não estavam lhe engordando para matar, tampouco, não com aquelas refeições tão ralas, carecendo de tempero ou de gordura. Ele não sabia o que perguntar para a criatura que vinha e voltava com as cerâmicas, aquela das mãos em garra e dos olhos fundos. Ela não falava, nem guinchava, apenas olhava, sem dar a impressão de gosto ou desgosto. Tudo nela parecia uma mistura de cem pássaros diferentes: olhos fundos de um melro e o pescoço de uma cegonha, o jeito de um corvo para cortar a comida, os guinchos e a altivez de um falcão para se locomover e a resposta rápida de uma pomba quando ele erguia a mão ou tentava se mexer para agradecer pela comida ou as jarras de água.

Depois de longos dias, quando ela já não parecia tão assustada ou tão disposta a lhe ferir, Argaz enfim conseguiu usar sua voz para dizer alguma coisa.

— *Isem–ik?* — *Qual o seu nome?* As palavras em seu idioma natal doíam em seus ouvidos: ele tinha se resignado a nunca mais soar como um Amazigh, e, no entanto, era a única arma que ele tinha para tentar conhecer quem estava cuidando dele tão silenciosamente. Ele apontou para seu peito ainda machucado pelas correntes, os dedos ainda doloridos. — *Isem–inu Argaz.* — Em seguida, apontou para sua interlocutora curiosa. — *Isem–ik?*

A criatura pareceu compreender logo os gestos e a questão. Ainda assim, demorou para responder. Argaz nunca soube explicar se ela estava tentando achar uma forma de pronúncia de seu nome que fosse aceitável para ouvidos humanos ou se ela estava pensando em um prenome para usar porque não tinha um. Não tinha ideia de como aquela gente fazia

para se destacar uns dos outros, para classificar quem era um pai e quem era um filho, quem era solteiro ou casado.

— *Mi chjamu Lucia* — a criatura enfim disse, apontando não o centro do peito como ele, mas o centro de seu rosto. Falando bem devagar, uma palavra por vez. — *Lucia cum'è e cunchiglia.*

Argaz entendeu só a primeira parte: a criatura se chamava Lucia. Todo o resto, porém, perdeu–se na falta de compreensão do idioma. Ela saiu de perto dele, e voltou instantes depois com um cordão com várias pequenas conchas penduradas — cada uma delas um disco leitoso, lustrado pelo tempo e pelo uso constante, um redemoinho traçado pela natureza em um tom de dourado ou então de azul–esverdeado no dentro do círculo.

— *Lucia cum'è e cunchiglia* — ela repetiu, apontando para as conchas.

Argaz assentiu, mais por educação do que qualquer outra coisa. O que tanto ela queria dizer, mostrando aqueles enfeites? Ele vinha de uma terra longe do mar: era a primeira vez que via de perto aqueles objetos esquisitos. Mas ele aceitou a corda, o branco das conchas contrastando com o marrom calejado das palmas de suas mãos, e as mãos de Lucia sobre as dele: nada de garras, apenas estrias pálidas contra o tom trigueiro da pele.

•

Do outro lado das águas, na tribo de Lucia, os líderes discutiam o que fazer com a criatura. Devolvê–lo para a ilha dos humanos? Sim, mas ele era diferente dos homens da ilha da Córsega: não compreendia o idioma, para começar, e tinha coloração oposta à da gente *di a terra ferma,* o povo de terra firme que aquela raça tanto temia e tanto desprezava ao mesmo tempo. Talvez devolvê–lo significasse vê–lo acorrentado uma vez mais. No entanto, não poderiam deixá–lo no recife para sempre: aquele lugar não era habitável nem para eles, acostumados com caça e vida dura, quem diria para um humano, provavelmente acostumado a camas e casas com paredes e telhados sólidos.

Lucia ouvia a conversa e tentava intervir, mas nunca era ouvida pelos mais velhos. Não era possível que eles não tivessem percebido quem

era aquele sujeito: estavam tão preocupados em decidir seu destino, em se livrar dele ou então em mantê–lo vivo para estudá–lo, que não tinham se dado conta de *como* ele tinha chegado na ilhota. Nenhum *acellu di preda* tinha lhe arrastado para a costa: foi o mar em pessoa quem o depositara ali, e os ventos forçaram Lucia a pousar justamente diante dele. Tinha sido tudo orquestrado para que ele vivesse, exatamente como nas lendas de antes, tanto da gente dela quanto da gente da terra firme.

Mas ninguém ouvia as preocupações de uma alma jovem: o trabalho de Lucia era recolher o que havia de útil nos escombros dos naufrágios e levar até a terra firme para que os mais velhos fossem barganhar com os humanos em troca de comida. Não era esperado que ela pensasse em muito mais coisa do que isso e, principalmente, que ela tivesse conhecimento o suficiente de outro idioma para se fazer entender com marinheiros.

No entanto, ela se entendeu o suficiente com o tal Argaz. E ela sabia, do instante em que o viu acordado, que ele tinha sido trazido pelos ventos de volta para sua verdadeira casa. Era a lenda que os marinheiros contavam, uma das muitas histórias na beira das águas. Os ventos são deuses, e eles se unem ao céu e às águas para gerarem seus filhos. Um dia, a deusa que habita no amanhecer trouxe ao mundo um guerreiro, filho de um homem da terra. Quando ele morreu em batalha, seus companheiros foram transformados em pássaros para que guardassem seu túmulo pela eternidade; mas o filho do amanhecer, este foi carregado pelos ventos para longe, para que pudesse retornar quando fosse necessário.

Bobagem, diriam os mais velhos: histórias que os humanos inventam. Sim, ela pensou, mas eles próprios também não se orgulhavam de serem os herdeiros daqueles primeiros guerreiros alados? Ou aceitavam a história por inteiro, ou não aceitavam nada. Ou acreditavam que aquele humano com penugem tão estranha sobre o corpo e olhos tão vivos era mesmo o retornado das águas e dos céus, ou então a tribo toda era exatamente o que os humanos diziam que eles eram: amaldiçoados pelos deuses, e não abençoados por eles.

•

As noites se tornaram mais compridas e o céu diurno mais cinzento. O vento fazia o tecido da tenda tremer, obrigando Argaz a caminhar para se aquecer, já que lenha para fogueira era artigo impossível de obter.

Aos poucos, de tanto andar, ele compreendeu a geografia do local onde tinha sido deixado: uma meia–lua, uma baía, uma ilha que poderia ser circundada no período de um dia inteiro. A partir de sua barraca, em uma linha reta, ele conseguia ver os recifes brancos na linha d'água, como dentes de lobo saltando para engolir sua presa.

Onde a gente de Lucia se escondia? Ele andou e andou pela ilha até os pés começarem a sangrar, mas não viu outras tendas, outras habitações. Não havia cavernas porque não havia montanhas ou morros, só pedras empilhadas que não davam espaço nem para um ninho de passarinho. Não havia árvores nem altas nem baixas, apenas a vegetação rasteira cujos espinhos colavam nas barras da calça que tinham lhe arranjado para vestir, um ou outro arbusto que mal alcançava sua cintura; não havia um farol, uma torre, um sinal de vida humana.

Se ele quisesse comer, se quisesse companhia, tinha de esperar por Lucia e seu balaio, pontual como o Sol do meio–dia, vinda de localizações diferentes na ilha: ele nunca conseguia encontrá–la descendo de um barco, embora seus trajes estivessem sempre secos quando ela surgia. O resto da tribo, ele nunca mais viu.

Quando o frio estava começando a piorar, Lucia lhe arranjou meias, mas nada de sapatos. Argaz olhou para as calças que ele precisava segurar quando caminhava e para a camisa que mal fechava, para o casaco faltando botões, e talvez pensou que a garota não compreendesse o conceito de calçados como proteções para os pés. Bem, ao menos ele não estava com frio. Comparando com o clima nas montanhas onde ele havia crescido, o inverno daquele lugar era bem ameno.

Com um pouco de paciência, e porque não havia muito mais o que fazer naquele fim de mundo, ele e Lucia foram se entendendo quanto ao vocabulário: *celu* para o céu, *acqua* para a água e *pesce* para os peixes que nela viviam; *le sole, li stiddi,* o Sol e as estrelas. Para ele, a água era *ajenna* e um peixe, *aslem,* e Lucia ria ao vê–lo falar aquilo. *Cumu si dice?,* ela perguntava apontando para as coisas. O sentido da frase, ele aprendeu depressa:

como se fala isso? Como se denominam os olhos, as orelhas, o sangue? Qual o nome da chuva ou do vento?

Argaz falava até sentir a cabeça doer, sem saber se era compreendido. Não falava para ela, falava para si mesmo, falava porque não tinha com quem conversar, porque sentia falta de sua gente e falar em seu idioma era uma maneira de manter a chama da memória acesa. Depois que ela ia embora, ele ficava sem ver nenhuma outra alma. As embarcações que passavam ao longe não conseguiam enxergá–lo parado ali, prisioneiro aparentemente eterno do *Azerwal*, do azul infindável das águas e céus.

Um dia, porém, as chuvas e os ventos tingiram céus e águas de preto e de cinza. As ondas lavaram a tenda e ele precisou se esconder no alto das pedras para não ser, de novo, arrastado para dentro do mar. E foi do alto das pedras que ele viu um navio se chocar contra a boca aberta dos recifes, exatamente como imaginava que tinha acontecido com a embarcação onde ele estivera. A proa se desfez entre as pedras com mesma facilidade com que um punho destrói um punhado de areia; os gritos e o rangido das tábuas se sobrepunham ao vento, um som que fazia o coração de Argaz se acelerar e seu corpo se encolher de medo ante à memória de estar acorrentado a um poste e, de repente, sentir o chão debaixo de seus pés cedendo e a água fechando–se acima de sua cabeça.

Mas, acima de todos os outros ruídos, estavam os guinchos.

Cruzando o céu escuro, Argaz contou dez águias ligeiras circundando os recifes. Era algo inacreditável: nunca vira pássaros que voassem debaixo de chuva, e certamente nunca tinha visto águias que vigiassem aquele tipo de desgraça como os corvos ou os urubus esperando por sua parte no butim dos mortos. Ele notou como os animais mergulhavam nas águas agitadas e pareciam arrastar algo para a praia na ilhota onde ele estava. De sua posição, encolhido debaixo do que tinha restado de sua tenda, ele não conseguiu discernir o que havia sido trazido, apenas que era uma carga bem pesada para uma águia.

Quando a chuva passou e Argaz enfim tomou coragem, desceu de sua pedra e viu Lucia e sua gente ao lado dos cadáveres estendidos nas areias. Cinco marinheiros, com os trajes dos homens que tinham lhe enfiado barco adentro como um animal, tanto tempo atrás. As criaturas

andavam com pressa ao redor dos corpos, removendo com as garras afiadas o que havia de útil neles — as joias em seus pescoços, as botas em seus pés, as roupas que fossem possíveis de serem retiradas.

Argaz olhou para seus próprios trajes encharcados de chuva, os trajes que Lucia tinha lhe trazido: talvez ele estivesse vestindo as roupas de um marinheiro morto pelos recifes do *Azerwal*. Ele comia suas refeições em cerâmica e dormia enrolado em mantas que tinham vindo de um navio abalroado pelos recifes logo à frente.

Lucia o viu parado ali e ergueu–se, encarando–o com resignação forçada nos olhos animalescos. Suas mãos em garras e suas pernas tremiam com o esforço de trazer aquela gente para a superfície; a água havia colado sua roupa ao corpo magro, os cabelos pareciam algas recém–colhidas. Tão exausta e tão perdida que ele quis descer de suas pedras e lhe acolher debaixo das mantas encharcadas, tamanha a pena que sentiu daquele monstro em forma de gente. Mas o medo o prendeu no lugar, o tecido grosso de uma vela lhe servindo como coberta, asas abertas sobre sua cabeça enquanto seus olhos registravam o impossível.

•

Quando amanheceu, a tempestade tinha sido varrida para longe pelos ventos. Lucia retornou com os outros jovens para levar os cadáveres à praia de terra firme, como era o costume: talvez, daquela vez, houvesse um corpo que fosse reconhecido pela gente humana, um que tivesse um nome e um túmulo de verdade.

Ela notou que Argaz, ainda encharcado e assustado, lhes observava do alto das pedras. Os outros membros da tribo riam do olhar vidrado do humano — qual era o problema daquele ali? Ele nunca tinha visto gente morta antes? Ou era medo deles, o povo dos céus? Que fosse medo; assim, ele não se atreveria a tentar fugir: o mar era traiçoeiro mesmo quando você tinha uma embarcação, e braços pesados como aqueles não eram feitos para nadar. Só a gente deles tinha a capacidade de se movimentar com facilidade entre céus e terras, e que nenhum humano tentasse a sorte com eles — ou teria o mesmo destino dos homens que eles estavam levando de volta para casa.

Lucia voltou para a ilhota quando o Sol se pôs, carregando o balaio com a refeição noturna. Ela estranhou o silêncio: em geral, Argaz aparecia logo na porta da tenda assim que escutava seus passos. As águas estavam tranquilas até demais, depois da tempestade: ele não tinha tentado fugir nadando, ou ela teria visto.

Argaz estava dentro da tenda, encolhido em um canto da esteira que lhe servia de leito, incapaz de se mover, os olhos fechados com força. Lucia fez os gestos que tinha aprendido ao observar as curandeiras dos humanos: pousou a mão sobre a testa ampla do rapaz, tomou seu pulso entre seus dedos. Ele não parecia doente, só estava assustado com alguma coisa: assustado a ponto de deixar que o medo tomasse conta de suas pernas e braços, de deixar que tudo aquilo se sentasse sobre seu peito e não o deixasse respirar.

Era a memória, ela pensou. Eram os cadáveres na praia. Poderia ter sido ele: vilipendiado, roubado, arrastado para longe. Os homens que tinham morrido sabiam o risco que corriam: provavelmente já tinham atravessado aquela baía várias vezes antes, e sobrevivido para contar. Mas aquele ali, trazido pelos ventos, empurrado pelas ondas, tinha sido carga e não tripulação.

Lucia deitou–se ao lado dele na esteira e o fez descansar a cabeça contra seu ombro, em silêncio. Não sabia ao certo se aquilo era algo que humanos faziam, mas era o que ela podia oferecer.

E, diante de tal acalanto, Argaz chorou de soluçar, surpreso e exausto demais para conseguir recusar. Meses e meses longe de tudo o que conhecia, somente com suas memórias como companhia, tendo de rever diante de seus olhos seus companheiros igualmente aprisionados em correntes e os olhos de seus captores, tudo refletido na nova leva de cadáveres que o povo–pássaro tentou resgatar das águas sem sucesso. Aquilo era demais para carregar sozinho. E embora fosse vergonhoso para um homem de sua criação chorar — e ainda mais na frente de uma mulher — , ele não conseguiu impedir–se. Ele queria voltar para casa, e não havia para onde fugir: só lhe restava chorar.

No dia seguinte, Lucia voltou com o balaio de comida, exatamente como antes. Mas algo havia mudado: um véu invisível havia sido erguido,

e agora eles dois se viam como eram de fato. Não havia mais medo ou desconfiança, apenas um segredo compartilhado.

•

O *Azerwal* se alterava uma vez mais com o fim do inverno. Os arbustos aos poucos retomavam sua cor; flores de um rosa muito frágil nasciam entre as pedras no alto da ilhota. A gente de Lucia se aproximava no horizonte em asas rajadas de branco e marrom, ou de branco e cinza: espécies diferentes de falcões e de águias cruzando o céu eterno atrás de naufrágios, já não se importando em se esconder do humano que eles alimentavam.

Agora que o céu estava mais límpido, Argaz conseguia notar as diferenças entre machos e fêmeas daquela espécie sobre o céu. Havia uma hierarquia nas caçadas, ditada não pelo sexo, mas pela força nas garras: quem podia mais, fazia mais. E ele também via como alguns dos companheiros de Lucia às vezes tombavam nas águas em queda livre, e não retornavam mais das ondas, e como os outros pássaros não retornavam nem abandonavam seus afazeres para recolher os pequenos corpos de dentro do mar. Aquela crueldade era chocante aos olhos do humano, mas os pássaros viam aquilo como parte de sua vida: quem morria, morria, e o vento lhes moldava em outro corpo; não deveriam ser pranteados, já que não tinham de fato sumido, apenas se tornado outra coisa.

Argaz notou depressa que Lucia se recusava a se entregar tão fácil àquela ordem, àquele destino. E, assim como ela tinha lhe consolado antes, ele retribuiu o gesto. Quando ela trazia a comida, longe dos outros olhos de rapina, enfim desmoronava. A barreira linguística entre eles era quebrada com gestos, às vezes doces, às vezes irritados. Foi assim que Lucia explicou sobre os mortos e os vivos, sobre como os humanos atiravam flechas e pedras sobre eles, sobre como eram temidos e amaldiçoados por conta de seu corpo.

As garras e as cicatrizes eram as marcas do *ochju*, ou uma maldição. Os deuses tinham transformado seus antepassados, ela dissera, e tinham abandonado–lhes à própria sorte. Eles viviam daquela forma imprecisa desde então, se equilibrando entre as duas pontas do mundo, em busca

de alguma coisa que não conseguiam achar: era difícil andar na terra com aquelas pernas machucadas, que sangravam tanto quando eles se exaltavam. No entanto, viver eternamente em asas era duas vezes mais cansativo. O coração de uma águia se gastava mais rápido do que o coração de um humano; o corpo se desbotava e se destruía mais depressa.

E ela não parecia nada disposta a querer desbotar–se daquela forma, tanto quanto ele não parecia disposto a passar o resto de seus dias prisioneiro naquela ilha. Mas como ele iria sair dali?

— *Ur zmirey ad afgey* — ele disse, abrindo as mãos imitando o bater de asas. Eu não posso voar.

— *Vulà?* — Lucia apontou os próprios ombros e refez o gesto que Argaz utilizou. Ele assentiu, ainda irritado: sim, ele tinha dito isso. — *Ma possu!*

Ela pegou as conchas que ela mantinha pendurada no pescoço e as fechou contra sua mão, imitando o modo como ela agarrava uma presa e a fazia desaparecer por magia. Apontou a si mesma, e depois as conchas; apontou suas mãos, e apontou Argaz. Era aquela a ideia? *Ele* não podia voar, mas *ela* podia.

— *Ma possu* — Lucia repetiu.

No entanto, ela parecia menos convicta daquela vez. Uma coisa era carregar os corpos dos mortos, outra coisa era carregar um corpo vivo para um lugar onde ninguém os achasse. Não sabia se era possível, se eles sobreviveriam àquela maluquice, mas seria melhor do que a alternativa estendida entre eles como um cadáver trazido das águas: separados para sempre pelo que estavam cometendo, pelo inevitável que tinha lhes unido.

Argaz a encarou como se ela fosse humana, por um instante. Lucia já tinha visto aquele olhar antes na gente de terra firme. Deveria ter saído correndo enquanto era tempo, porque sabia o que viria daquilo. Mas, ao mesmo tempo, ela tinha curiosidade de sobra. Tinham sido anos e anos olhando os humanos pelas janelas das casas da vila, vendo como eles se cortejavam e como se dava o cruzamento entre eles — tudo tão diferente do jeito bruto com que sua gente lidava com o assunto. Talvez os mares tivessem trazido Argaz vivo para a costa para isso, ela pensou. Para ensinar algo, para plantar algo novo naquela terra destroçada, para aquela raça falida que eles eram.

Mas ele não se aproximou, não fez nenhum outro gesto que indicasse que ele pretendia erguer–se sobre ela como faziam os humanos. Ele parecia confuso — e aquilo lhe trouxe uma gargalhada aos lábios. Lucia compreendeu depressa o motivo do riso, e acabou compartilhando disso. Ela *parecia* humana, mas não era de todo. Como cortejar algo que não é de sua espécie?

— *Cumu si dice?* — Lucia perguntou, e apontou para si mesma, para as feridas em seus ombros que agora Argaz sabia ser apenas uma das marcas que a transmutação deixava em seu corpo.

— *Igider* — Argaz sorriu. Era a palavra berbere para falcão. Ele abriu as mãos, imitando asas, e Lucia sorriu de volta, dando a entender que tinha compreendido. — *Werjin ugadey*. — Era um pouco mentira, dizer que nunca tivera medo dela, quando na verdade ele estava apavorado com seu destino. Mas era justo que ela soubesse que confiava *nela*, ao menos. Ele apertou de novo as mãos dele entre as dela, para que ela entendesse o que ele havia dito.

— *Cumu si dice?* — A pergunta saiu dura; as vogais do idioma de Lucia lhe eram difíceis de falar direito. Mas o gesto falou mais alto do que a frase torta, e a garota sorriu. — *Cumu si dice? Taflest*. — Ele apertou de novo as mãos.

— *Fidenza* — Lucia respondeu devagar. Confiança, então: *taflest* para ele, *fidenza* para ela. Uma palavra que ele estimava, talvez mais do que qualquer outra.

•

Quando alguma embarcação encontrava um fim entre os dentes de pedra das Bocas do Bonifacio, a gente de Lucia vinha atrás dele e o punha para trabalhar. Argaz podia não ter asas para planar acima da água, mas tinha muito mais força nos braços do que os seus companheiros: quando traziam algum humano para perto da praia, ele conseguia carregar o corpo para longe da linha d'água, revezando–se com os falcões. Depois, quando mares e céus se acalmavam, o humano ajudava a recolher os detritos, ver o que ainda tinha algum uso. A gente–pássaro olhava e nada comentava: a potência de Argaz significava que eles tinham menos trabalho com os

restos de navio, e isso era bom para eles. Ele era um animal de carga ótimo, e isso garantia sua sobrevivência.

Mas o isolamento seguia o mesmo de antes, e os poucos objetos que Argaz conseguia juntar em sua tenda não serviam para fazer uma jangada. A gente dos pássaros não lhe dava muito mais o que comer ou o que beber além do necessário, e qualquer tentativa de pescar ou plantar algo no terreno logo se mostrava infrutífera. Os navios que passavam pela costa evitavam os rochedos, e não viam o humano desesperado que acenava para eles, tentando ser resgatado.

E havia Lucia.

Às vezes, Argaz se perguntava se o plano do povo–pássaro era usar a garota como uma maneira de prendê–lo na ilha; se esperavam que ele agisse como um garanhão no pasto, produzindo uma nova geração de animais com braços de humanos e asas de águias. Bem, se era esse o plano, estava funcionando de maneira exemplar, culpa da solidão e das perguntas que eles faziam um ao outro, das coisas que falavam em seus idiomas tão opostos e ainda assim compreensíveis quando eles se esforçavam.

Parecia inevitável que duas almas como as deles decidissem, em algum momento, se unir fisicamente — mas o ato em si demandou uma negociação dos corpos. O que era prazeroso para um às vezes causava dor no outro — ou, mais comum, crises de risos entre os dois, tentando não machucar um ao outro com garras ou o peso do corpo. Lucia não entendia o conceito de um beijo, a princípio, mas acabou entendendo porque seu companheiro gostava tanto disso; por sua vez, Argaz aprendeu depressa porque os poetas de sua terra usavam os falcões como metáfora da selvageria do amor: uma vez que conseguiram se entender, foi difícil deixá–la partir com os outros pássaros para o outro lado da água ao anoitecer. Lucia deixara marcas em sua pele, e dentro de sua mente também: os gritos dos afogados, a imagem dos marinheiros afundados, tudo aquilo se perdia dentro da memória do que ela tinha lhe oferecido.

Ele devia ter desconfiado de que aquele ato seria uma desobediência às leis da gente dela — tanto quanto os planos que os dois faziam, deitados um ao lado do outro; tudo o que imaginavam que fariam quando conseguissem fugir das Bocas do Bonifacio. Havia outras ilhas, Lucia dizia,

com outros tipos de pássaros, outros tipos de humanos. Talvez ali eles conseguissem se estabelecer, talvez ali houvesse um jeito de recomeçar suas vidas. Argaz não esperava retornar para suas montanhas; Lucia não queria passar sua existência escrava dos rochedos. Quando estavam nos braços um do outro, parecia que qualquer plano de liberdade era possível. Afinal, ela dizia, ele era um presente dos oceanos, filho de ventos do deserto: não nascera para ser burro de carga de ninguém.

Ele era apenas o filho de um pastor de cabras aos pés das montanhas que chamavam de Atlas, capturado em uma batalha tribal e vendido como um objeto — nada de heroico ou de grandioso em seu sangue. Mas quando Lucia falava, ele conseguia acreditar que havia algo que talvez ele não tivesse notado antes, algo que somente aqueles olhos muito escuros podiam ver. Algo que o trouxera até aquele fim de mundo e que lhe permitia sonhar com coisas maiores, com céus mais amplos e terras mais férteis.

Ele deveria ter desconfiado que aquele desejo seria o fim deles dois. Houve uma tarde em que Lucia não apareceu na ilha: nem ela, nem ninguém. Nenhum traço de pássaros no céu, nenhuma embarcação no horizonte cada vez mais assustador e distante.

•

Se ele é mesmo um presente dos deuses, que os deuses lhe deem de comer, então, a líder da tribo de Lucia dissera à garota quando ela tentou fugir. *Se ele é mesmo o filho do vento, que seus pais o carreguem de volta.*

Como eles tinham descoberto? Os rostos tanto dos jovens quanto dos velhos falcões não traíam emoção alguma: ninguém diria como tinha se dado a revelação. Nenhuma palavra era necessária: o bando olhava para ela com horror. O que ela tinha em mente se misturando com um humano? Eles eram apenas animais de carga; eles eram *presas*. Que tipo de monstros ela esperava gerar, aninhando–se com algo asqueroso como aquela criatura sem garras, sem asas, com medo de tudo o que via e tocava?

Quando ela fechava os olhos, pensava na voz de Argaz lhe contando da terra de onde viera, das coisas que tinha deixado para trás. Era aquilo

o que ela desejava, mesmo antes de tê–lo encontrado — e agora sabia que era possível ter amor de outra forma. Mas, trancafiada em sua gaiola, sob a vigilância da gente de sua terra, ela não tinha como fugir. Sabia o que fariam com Argaz, e aquilo a revoltava. Eles não o matariam com as garras: isso era considerado rápido, uma benção até. Eles o deixariam morrer de fome. As plantas que cresciam entre as pedras não prestavam para humanos comerem, e a água do mar destruía o corpo por dentro. Argaz definharia, e depois seria estendido na *terra ferma* como se fosse mais uma vítima das águas. E quanto a ela… Bem, se ela estivesse mesmo prenha, a criança teria o mesmo destino: se nascesse viva, seria posta nos rochedos para morrer de fome. E ela teria de assistir, e seria mantida viva, porque a tribo não poderia perder suas garras por tão pouca coisa.

Ela tinha nascido escrava de suas asas, como seus filhos seriam, e seus netos e todas as gerações: servos do céu e das águas, desbotando–se no vazio sem encontrar um chão. Mas ao ser posta em ferros por sua gente pelo crime de ter escolhido um homem e não um céu, ela decidiu que era preferível morrer lutando do que esperar pela ação dos deuses. Tempo, ela não tinha — mas ela tinha um plano, algo que ela e Argaz uma vez tinham conversado.

Mas, se quisesse que aquele plano desse certo, ela tinha de rezar por tempestades e por mortes. Que os deuses lhe perdoassem por seu egoísmo, mas se era seu filho por nascer ou o sangue dos humanos, ela sabia o que queria.

•

No oitavo dia de abandono, os céus e as águas escureceram uma vez mais, em pleno meio de tarde. O vento que vinha do leste soprava com a força de um furacão, erguendo poeira clara do chão. Argaz, tonto de fome e de sede, se preparou para o pior, escondido no fundo de sua tenda que resistia muito mal ao ataque do clima: as trovoadas eram ainda piores do que antes, e o vento soprava com força redobrada. Ele rezou aos deuses de sua gente pedindo clemência — se não para ele, então para os navios que ainda cruzavam as águas. Que ninguém precisasse ser

oferecido em sacrifício aos rochedos, ao menos daquela vez. Ele não suportaria carregar mais gente para longe no estado em que estava.

Mas os gritos distantes calaram suas preces. De novo, uma embarcação foi vítima dos recifes, dos redemoinhos nas Bocas do Bonifacio. Ele quis se encolher no canto menos úmido da tenda para se esconder da tempestade, mas se obrigou a ficar em pé. Por Tannit; se ele ia morrer, não iria morrer como um covarde.

Ele viu as águias se aproximarem em bloco, circulando o navio que cruzava o estreito, enfrentando com galhardia o inferno das ondas sem ser derrotado pelos rochedos. E ele viu como um dos pássaros se afastou do bloco e o atacou, pousando as garras imensas e escuras em seus ombros. Não houve tempo de reagir: a dor do ataque era tão imensa que o cobriu como um manto, e seus pés feridos foram erguidos do chão encharcado.

E ele viu as conchas no pescoço da águia, os redemoinhos desenhados pelo tempo na superfície de madrepérola. *Tilelli*, ele pensou antes de perder a consciência, antes de que o peso de seu corpo fizesse com que as garras de Lucia o soltassem dentro das águas. Liberdade, ainda que contra a lógica dos mundos. Ela tinha feito exatamente como tinha dito: ela os levaria embora dali.

Em um instante, para além da agonia horrível, ele estava de novo diante das montanhas frias de sua terra natal, um menino observando os caçadores com suas águias treinadas: ele, Yidir, o último dos filhos de um pastor de cabras de uma tribo vestida de azul da cabeça aos pés, caminhando para onde houvessem pastos, para onde houvesse vida; ele, Argaz, capturado por conta de uma briga entre tribos, vendido como um animal e posto em um navio para uma terra que ele nunca encontrou; ele, a terra que refletia os céus nos olhos de Lucia.

Homme à la mer!, alguém gritou.

Ele não entendeu o que significavam as palavras. Ele só sentiu o mar fechando–se uma segunda vez acima de sua cabeça.

Quando abriu os olhos outra vez, estava cercado de humanos para todos os lados, todos de pele morena e rostos surpresos, falando muito depressa. O céu acima dele ainda estava cinza, o vento inflava as velas, e

ele conseguiu compreender enfim que era um navio. A embarcação tinha escapado das Bocas de Bonifacio.

— *Eh bien, tu t'apelle comment?* — o líder dos homens disse. Vendo que não era compreendido, ele apontou a si mesmo. — *Moi, Jean–Marie. Toi?*

— *Argaz* — ele respondeu, enfim. — *Mi chjamu Argaz.*

E a gente do navio deu risada: um corso negro! O que mais eles poderiam ter pescado na costa, não é mesmo? Argaz não discutiu: ele viu a costa de Bonifacio se afastar no horizonte, e pensou em Lucia — se ela tinha conseguido voltar para o céu ou se seu plano de fuga tinha causado sua morte. Não havia nenhum pássaro seguindo a embarcação, nenhum sinal de vida no meio do deserto azulado das águas.

Algo dentro de suas roupas lhe incomodava. Ele caçou o que parecia ser um rastro de alga debaixo da camisa, mas era um cordão rompido ao meio, conchas quebradas rasgando a pele.

•

Diz a história que eu ouvi que Argaz foi deixado pelos marinheiros em outra parte da Córsega, bem longe dos rochedos brancos de Bonifacio. Os locais chamavam o vilarejo de Aiacciu; os marinheiros diziam que vinha do grego, "bom porto" ou "boa sorte", o que para eles era a mesma coisa. Argaz se fixou por lá, e o tempo se encarregou de lhe dar guarida e de fixar seus pés no chão. Ele ficou famoso na região por sua força e por conseguir fazer barcos considerados perdidos navegarem novamente como que por magia.

Ele também ficou conhecido por um hábito estranho para a gente da vila: cada vez que o mar se agitava em uma tempestade, ele não se escondia como os outros, mas seguia para o promontório mais alto que havia, observando os horizontes escuros como se esperasse que algo aparecesse na margem, ou que algo se revelasse nas ilhas do outro lado da água, um pequeno arquipélago desabitado a quem os locais chamavam de Sanguinaires.

A tempestade passava, as águas se acalmavam, e Argaz retornava sozinho para sua casa em silêncio, os olhos encarando o chão.

Demorou muito, muito tempo, mas um dia alguém surgiu no horizonte do bom porto, como que vindo de lugar nenhum, em um dia ensolarado no auge do verão. Muito alto e de cabelos crespos trançados em cabos, os olhos rasgados nas pontas e um sorriso contido, olhando tudo a seu redor com curiosidade. Argaz o reconheceu primeiro pelas conchas em seu pescoço: os discos leitosos que agora ele sabia que os marinheiros da terra dos franceses chamavam de *Œil de Sainte Lucie*.

Era Lucia ali, rediviva nos olhos de falcão do rapaz, em um corpo com os ombros amplos e os braços fortes de Argaz.

— *Isem–ik?* — Argaz perguntou com a voz embargada. Há décadas ele não falava em seu idioma de origem, mas não havia outra pergunta que ele pudesse fazer naquele instante.

— *Isem–inu Igider* — o rapaz respondeu, com um sotaque pesado, de quem tinha aprendido o idioma sem professor, lágrimas escuras no rosto marcado pelo sol, como o filho de Amazigh que ele era.

E Igider o levou para o promontório: as quatro ilhas das Sanguinaires eram pontos verdes no meio do *Azerwal* brilhante. Havia pássaros no céu claro: as águias e os falcões tinham retornado. E havia também casas nas ilhas do outro lado, casas que Argaz não tinha visto antes. Daquela vez, ele não foi carregado como uma presa, nem como uma carga acorrentada, mas em um barco pequeno, de onde ele podia ver céus e terras se misturarem, e ouvir os sons da baía do bom porto enfim desaparecerem.

Do outro lado, na maior das ilhas do pequeno arquipélago, duas crianças vieram correndo até Igider. Uma mulher jovem, o cabelo castanho como o tronco das árvores, acenou para ele enquanto se aproximava com o gingado típico das grávidas. Havia outros: uma pequena colônia se erguera nas pedras duras, pássaros diferentes debaixo de um mesmo céu. Não era a pátria escravizada de antes, mas algo que nascera daquela semente, como uma planta que se ergue a partir do chão calcinado após um incêndio.

Ao longe, uma mulher observava a ilha da Córsega, embrulhada em xales que pareciam asas de libélulas contra o ar fino. Os cabelos tinham ganhado a cor pálida das pedras de Bonifacio, as garras tinham se atrofiado

havia muito, mas seus olhos ainda tinham a mesma luz dos tempos de antes.

Lucia cum'è e cunchiglia, ela tinha dito quando eles se apresentaram um ao outro: Lucia como as conchas. Ele devolveu a ela o cordão, as mãos calejadas contra os dedos que nunca mais recuperaram a força depois daquela fuga na tempestade. Havia muito o que contar e muito o que construir, mas naquele instante, maldições e deuses e reis e tempestades teriam de esperar até que as palavras certas viessem até eles. Ali era o recomeço, ali era terra nova. De seus sonhos, uma nova pátria, debaixo do imenso céu azul.

• • •

ANNA FAGUNDES MARTINO nasceu em São Paulo em 1981. Mestre em Relações Internacionais pela University of East Anglia (Inglaterra), teve trabalhos interpretados na Radio BBC World e publicados em revistas como a britânica *Litro* e a brasileira *Trasgo*. No Brasil, publicou *A casa de vidro*, *Um berço de heras* e *Os filhos do pôr–do–sol*, todos pela editora Dame Blanche, da qual é co–fundadora. Ela também escreve semanalmente na newsletter *Anna Dixit*.
Site: annamartino.com
Newsletter: tinyletter.com/annadixit
instagram.com/annafagundesmartino
twitter.com/annadixit

Kalpa

Rodrigo Ortiz

— Está chegando a hora, não?

— Tão cedo?

— Foi–se um dia inteiro.

— Tens razão. Como o tempo passa rápido, não?

•

Em frente ao painel da nave, Chandra pensava na história da humanidade.

Seus olhos haviam se cansado de encarar a forma misteriosa que flutuava no vazio daquele distante sistema de Alpha Aurigae.

Em seu entendimento, a humanidade existia em um estado de perpétuo desconhecimento. Análises constantes sobre o que via ou imaginava que via nunca eram o suficiente para atestar a realidade, ao ponto de, por vezes, fazê–la pensar que tudo poderia ser ilusório — corpos, mentes, a própria trama do universo. O que estava à sua frente era mais um caso: cada pessoa tinha uma explicação sobre o que era aquela forma no espaço.

Pensando bem, talvez "forma" fosse a palavra errada. O fenômeno sempre lhe parecera mais um furo. Um furo na realidade, de onde vinha a luz dourada ou rosácea, de algum outro lugar. Era como um tecido rompido, com luz interior e o que pareciam ser bordas frequentemente mudando de tamanho e forma, por vezes formando algo como pétalas. Uma flor belíssima e destruidora.

Inúmeros estudos haviam sido feitos sobre o fenômeno, sua luz e efeitos na realidade ao redor. De toda a discordância sobre causa e efeito, o único consenso era que aquilo estava lentamente desfazendo toda matéria com que entrava em contato. Aquilo era o fim.

Na Terra e nas colônias, a descoberta gerou uma crise. Social, econômica, cultural, ambiental, espiritual. Degradação completa. Poucos se entendiam, e a tentativa de compreensão gerava mais caos, o que reforçava a crise. Um ciclo eterno e destrutivo.

Para Chandra, era impossível olhar o caos e não se lembrar das histórias que sua avó lhe contava. A idosa dizia que viviam em Kali–Yuga, a época das trevas.

Havia certa hipocrisia na maneira como via as outras pessoas, sabia disso. Era tão irracional e tão mundana quanto qualquer um deles, pois também estava em Kali–Yuga. Se soubessem por que estava ali, jamais teriam lhe permitido colocar o pé naquela nave. Seria ridicularizada e banida para sempre de qualquer ambiente científico de respeito.

•

— O que foi? O que te incomoda?

— Viste a criação? Viste sua beleza?

— Não temos tempo para isso. Deixe–me fazer o que deve ser feito.

•

Havia sido um sonho que levara Chandra ao espaço. Ou, ainda, havia sido uma nave, em um esforço conjunto de todos os planetas e comunidades da Federação Terrestre. Mas ela havia aceitado, e insistido no plano, mesmo sabendo de todos os riscos, unicamente por conta de um sonho.

A comunidade científica tinha vários nomes para o buraco no espaço. Evitando confusões com os sempre errôneos termos de astronomia, acabaram acatando uma sugestão com um quê místico, que ninguém sabia exatamente de onde havia vindo: "Fenda Etérica".

Chandra gostava daquele nome. Soava relevante a qualquer um que ouvisse e dava certo ar de importância àqueles que falassem. Foi o nome que usou durante todo o tempo que estudou o fenômeno e apoiou todas as iniciativas para evitar que ele causasse mais estragos.

Em segredo, porém, o nome que lhe dava era "Padma". O lótus. As cores claramente remetiam à flor, mas, não fosse o sonho, Chandra jamais teria decidido pelo nome.

No sonho, ocorrido na noite anterior à identificação do fenômeno, ela encontrou sua avó. Estava idêntica à de suas memórias de infância, e tinha uma radiância e vivacidade que jamais tivera em vida. A própria Chandra era ainda uma menina, ainda que parte de sua mente tivesse consciência de que ela já havia vivido décadas além, e aprendido sobre o espaço.

A idosa a guiava pela beira de um lago lamacento em uma tarde quente. Havia uma leveza que sugeria que tudo era uma lembrança, mas a vaga consciência que chegava ao sonho lhe dizia que aquilo nunca havia acontecido.

— Brahma cria o mundo, e sua existência perdura por um dia de Brahma, que se chama…

— Kalpa — respondeu Chandra, a voz infantil soando estranha aos próprios ouvidos. A lição havia sido repetida tantas vezes no decorrer de sua vida que a resposta vinha sem esforço. A avó lhe sorriu, segurando sua mão, enquanto ladeavam a margem. O cheiro do lago era desagradável, mas Chandra não queria dizer nada à avó, pois ela parecia ter algo importante para mostrar.

— Muito bom — continuou a idosa. — Um kalpa equivale a mil mahayugas. Um mahayuga é o conjunto de quatro yugas, que são eras da humanidade. O primeiro é o Satya–Yuga, depois Treta–Yuga, Dvapara–Yuga e, finalmente, Kali–Yuga. Ao fim de cada mahayuga, o processo recomeça. A cada yuga, reduz–se a virtude da humanidade, até que tudo se retoma no Satya–Yuga.

Chandra aquiesceu. Era confortável ouvir a maneira como a religião lhe dava alguma certeza. A ciência lhe dera muitas outras, sem dúvida, mas sempre sentia que havia algo fundamental que faltava. Gostava de como os hindus conseguiam adicionar em sua teologia tantos aspectos que ao menos se pareciam com ciência. Tudo era mensurado, claro e justificado, ainda que a justificativa, por vezes, depois de camadas e camadas de explicações, fosse um tipo de lei mística.

Lembrava–se dos yugas e das durações em anos de cada período. Seria capaz de calcular, mas a avó continuou falando e lhe distraiu.

— Brahma cria o mundo, e este existe por um dia de Brahma — repetiu ela. — E assim que Brahma vai dormir, o mundo é destruído por Shiva, para que Brahma volte a criá–lo depois de seu sono.

Esse era o momento em que o sonho se tornou incômodo, tanto para sua consciência onírica infantil, quanto para seu aspecto adulto que não conseguia dissociar–se da experiência.

A idosa pausou, agachando–se lentamente. Tomando as mãos de Chandra nas suas e olhando–a nos olhos, anunciou, com um sorriso vago nos lábios:

— Neste momento, Brahma dorme.

•

— Podemos levar mais tempo, enquanto ele dorme. Podemos…

— Não.

— É uma bela obra! E são seres tão belos…

— Não é mais hora de conservar. Sabes disso.

•

— Nossas estimativas estavam incorretas — disse a avó, e Chandra não sabia dizer se havia um lamento em seu tom de voz neutro.

Sem afastar os olhos dos da neta, a idosa esticou a mão esquerda para o lado, indicando um ponto em meio à água lamacenta. Chandra sentiu–se tentada a olhar naquela direção, mas só o fez quando a avó finalmente se virou.

— No meio da lama, nasce a lótus. E ela é um símbolo importante. Ela será o sinal, aqui também. O surgimento da flor irá indicar o início da destruição.

No começo, parecia que nada havia além da água escura. E então, no momento seguinte, havia. Era impossível saber se eram seus olhos de sonho que não avistaram o botão da flor antes ou se ele havia escolhido aquele exato momento para surgir, vitorioso.

— Estamos em Kali–Yuga. No meio da lama, você também pode ser a lótus. Seja o que é belo, puro, certo e verdadeiro em meio ao lamaçal. Faça o que for preciso para crescer e desabrochar. Suba, suba acima de tudo e todos. Seja Padma.

•

— Eles nos entendem. Ou pensam que nos entendem. Tanto já foi discutido a nosso respeito, e conseguiram compreender tantas verdades… Não pensas que é uma pena?

— Compreendo seus sentimentos. Mas, quando a hora chegar, não haverá o que fazer. De todo modo, já começou.

•

A notícia já agitava o centro de pesquisas quando acordou do sonho, e Chandra não se sentiu surpresa quando viu a primeira imagem da Fenda Etérica, sobrepondo–se automaticamente, em sua mente, à imagem da lótus no lago.

Era o sinal. Tinha que se envolver. E assim o fez.

Os sonhos não voltaram a ocorrer, mas, toda vez que via as imagens do fenômeno, a memória daquele dia surgia em brasas em sua mente, real demais. Ela sabia que Brahma dormia, e que aquilo era o começo da destruição de Shiva.

Foi a tripulação de Chandra que encontrou o que entenderam como a solução mais razoável ao problema. Em meio a sugestões para atacar a fenda com ogivas nucleares, rebocar planetoides para serem consumidos por ela e até mesmo formar buracos–negros artificiais para tentar "sugar" a estranha energia, a ideia de um pulso energético com uma vibração oposta foi ridicularizada. Isso até conseguirem exemplos teóricos válidos e a tecnologia adequada.

Na prática, sabia que ninguém tinha certeza de nada, apesar de terem aceitado financiar a missão, mas era certo que nenhuma das outras abordagens mais agressivas tinha chance de sucesso. Como era típico de

Kali–Yuga, mesmo dentro do meio científico e na mídia especializada sua abordagem havia sido considerada como fraca e passiva demais.

Chandra não se importava. Conseguiam demonstrar que tinham uma chance, e, de todo modo, seguia com uma estranha inspiração, uma certeza em sua verdade. Sabia que conseguiria.

A tripulação havia lhe dado o aviso, e restava apenas sua última confirmação. Um toque lançaria o dispositivo com o campo reverso. Com a mão flutuando sobre a opção no painel, apesar de tudo, Chandra se sentia em paz. Surgiu uma última inspiração, e como todas haviam dado certo até então, decidiu segui–la em mais esse passo.

No mesmo instante em que seu dedo tocava o comando de disparo, seu crânio reverberou com o som de uma única palavra exclamada:

— ॐ! (OM)

•

— O que você fez...? Foi você, não?

— Fomos nós que fizemos, todos juntos, caro Shiva–Rudra.

— Vishnu, abusas de minha boa vontade. Mas as chamas virão, de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde. E haverão outros mundos, depois. Sabes que Brahma voltará a criar a existência, incluindo os humanos.

— Dê a eles ao menos mais alguns minutos. Dê–me alguns minutos. Sabes que nunca me apego desta maneira, um pouco mais não fará mal. E Brahma ainda dorme, então podes trazer sua destruição mais tarde, e ainda assim sobrará tempo até que ele acorde.

— Sempre dizes o mesmo.

•

Os sons de comemoração que vinham pelos comunicadores falavam de esperança, irmandade e tantas outras coisas frequentemente raras no Kali–Yuga. Mas a cientista tocou outro ponto do painel e silenciou–os por um momento.

Na solidão da sala de controle da nave, os olhos de Chandra seguiam fixos no espaço vazio onde antes havia um furo no tecido do universo, enquanto entoava em voz baixa um dos mantras de sua infância.

...Brahma, Vishnu, Sadashiva, Hara, Hara, Hara, Hara, Mahádêva...

• • •

RODRIGO ORTIZ VINHOLO mora em São Paulo (SP), vivendo à base de café e pimenta, cercado de livros. Publicitário, também atuou por muitos anos como jornalista freelancer. No mundo literário, é autor de *Você está em seu quarto* (2014), da noveleta *A 17ª visita* (2016), e de *Dito pelo não dito* (2017), independentes; mais *O corpo* (2017, Lendari). Sua obra mais recente é *Os dias em que Rúbia viveu no futuro* (2018, Lendari). Coleciona participações em antologias de diversas editoras. Está em sua quarta atuação como organizador. Compartilha, semanalmente, textos diversos no Facebook e em blogs.
facebook.com/rodrigoortizvinholo

As Trevas no Coração da Tucumã

Simone Saueressig

Foi num tempo em que tudo era uma coisa só: presente, passado e futuro, e as coisas se ajuntavam sem vergonha, porque achavam que assim era melhor de ser.

Ela vinha andando pela margem do rio escuro e largo, feito a maior lindeza que ele já tinha visto. Nem dava para dizer o quão bonita era, e isso doía na alma. Mas a flor do maracujá fazia questã de se encarapitar entre os cabelos lisos e negros da moça. A pele era da maciez da cor do jambo. A brisa fresca brincava sempre nos lábios dela, de braços dados com o seu riso, e o riso dançava nos olhos dela, nos braços e nas pernas fortes, e no corpo que nem precisava ter enfeites, mas levava uns desenhos de caprichos de moça. Quando ela chegava, Uiara se escondia no fundo da lagoa, só de despeito — não queria ser ofuscada. A moça era assim de bonita. Como as estrelas e a lua luzindo no céu.

Engano meu.

Naqueles tempos não tinha lua, nem estrela. Nem sol tinha também. O céu era de um azul inteiro, bonito e firme, sempre azul e firme, sempre bonito, sempre *çaiê*, que é o meio–dia, como se houvesse sol e houvesse o passar do Tempo. Bom, de vez em quando chovia, que as nuvens desaguavam com gosto porque sem elas não tem rio, nem lagoa, nem floresta. E a floresta era uma multidão de árvores cheias de flores e frutos e folhas, uma multidão que era uma coisa só: Amazônia.

Ele vinha remando sua canoa e era a maior lindeza que ela já tinha visto. O peito largo, os braços fortes feito tronco de maçaranduba, os olhos brilhando como fruto de guaraná. O cabelo preto e bem cortado estava enfeitado de urucum e a boca era feita pra beijo e sorriso e festa e pra fala mansa de marido novo. Devia ser alto como uma seringueira, com toda força do sangue da sua gente. Quando ele chegava, até Caipora

se alegrava com o ritmo do seu passo e a pontaria da sua flecha, e nem gavião real era tão ligeiro quanto a lança jogado pelo seu braço.

Enganei de novo.

Naqueles tempos sem lua nem estrela nem sol, também não tinha bicho nenhum nesse mundo. Não tinha tucano, nem cateto, nem onça, nem pato, nem tamanduá, nem nada disso aí. Não tinha gavião real pra competir com a lança do moço. Não tinha guainumbi para rivalizar com a coragem dele. A mata era a casa dos índios e dava perfume, dava flor colorida, dava o douçor das frutas e era sempre bonito, mas não tinha bicho não. A floresta era uma multidão de árvores cheias de silêncio e do sussurrar do vento nas ramagens altas e do murmurar das águas nas beiradas de raiz, barro e tronco velho, uma multidão que tinha uma só voz: Amazônia.

E o que tinha também, naqueles tempos, era Rudá, o deus do amor. É ele quem faz as coisas acontecerem. Até árvore precisa de Rudá para florir, dar fruto e nascer ali a muda nova. O amor é um guerreiro forte que vive no meio das nuvens.

Rudá, desde a sua casa, está sempre fazendo o olhar se cruzar, o passo se deter. As gentes querer umas às outras.

A moça viu o moço na canoa e quis ele na sua rede. O moço viu a moça na margem e quis ela na rede dele.

Casaram.

Teve festa, é claro que teve. A taba se encheu de alegria. Teve nuvem de fumaça com cheiro de resina de amescla e jatobá, perfume assim, para consagrar. Se mal havia rondando, fugiu correndo quando cheirou aquilo tudo e só ficou a felicidade dos noivos, garantida. Teve dança, é claro que teve. Muita. Teve bebida e comida, teve palavrório de respeito. Muito e muito.

E teve um convidado especial que deixava a gente do noivo de um jeito meio sem saber se ria ou se corria: era o pai da noiva. M'boiguaçú, a Cobra–Grande.

M'boiguaçú morava no fundo do rio escuro. Seu reino era o dos encantos, luzes que piscam sem um foguinho aceso pra justificar, assovio perdido na mata, marulho em ribeirão deserto, essas coisas que não se explicam. Daí que não é de espantar que a moça fosse toda aquela

formosura… desque não se olhasse bem para o pai, que era a encarnação do que é encantado. Do que é poderoso. Do que dá medo, por demais de misterioso. Não dá pra chamar de "bonito". Mas pai é pai, e quando viu a filha feliz ao lado do marido digno, também ele se alegrou. E depois de terminada a festa, abençoou a filha e voltou para o fundo do rio. De certo, já ia pensando nos netos que haveriam de vir.

Que esperança!

Depois da festa, o moço ficou doido para namorar. Só de olhar para a esposa lhe entrava uma vontade de abraçar com força e todo o corpo, abraçar tanto que de alguma maneira pudesse estar dentro dela. O moço era moço mesmo, nunca tinha estado com uma mulher.

Mas já da primeira vez em que foi se meter na rede da moça, ela neca! Pulou fora.

— O que você está fazendo?

E o noivo, com cara de susto:

— Eu queria namorar…

Ela, matreira, sorriso de banda:

— Queria? Não quer mais?

O noivo, incomodado:

— É claro que quero! Você não?!

Ela olhou pra ele, morrendo de vontade. Suspirou, o rosto da cor do lírio vermelho.

— Ah, não dá, não dá não, guerreiro. Não é de noite.

— Noi… te?

Ele nem sabia o que era aquilo, como ia saber o nome? Noite… noite… ficou matutando. Não quis passar por ignorante, daí que escorregou da rede dela e foi pra sua, pensando… pensando…

Noite…

Noutro dia, perguntou daqui e dali, meio tímido. Pros maiores guerreiros, que eles sabiam mais do que ele. Pros velhos, que eles tinham vivido mais do que ele. Pras mulheres, que faziam coisas que os homens não faziam. Até pras crianças, que viviam inventando coisa e conversando com seus brinquedos, porque naquele tempo tudo tinha voz e todos conversavam com todos: canoa com canoeiro, menino com brinquedo. Mas ninguém sabia. Noite… não, ninguém tinha ouvido falar.

A moça foi pro rio, tomar banho. O marido foi também. Ela era tão bonita! O corpo dele todo comichava de vontade de namorar com ela. Tinha umas coisas que ele sentia e nunca tinha sentido antes. Gostava que sentisse tudo isso por ela, mas ela?

Nada.

— Não, não dá, meu querido. Não é de noite. Não posso. Tenho, assim… uma coisa.

E se escondia nos cabelos negros que cheiravam a orquídea escondida no mato.

— Noite… noite… — ele matutava, o cheiro dela entrando pelo nariz, pela boca, enchendo ele de uma sede que era o corpo inteiro que queria e não deixava pensar.

O moço foi procurar fruta com os outros. Vai que "noite" fosse uma fruta diferente, que eles não conheciam?

Voltou com a cesta de inajá, açaí, bacuripari, biribá, que estava uma delícia, uajuru, pupunha pra fazer farinha, araçá. Veio ajudado pelos três criados que tinha, uns moços meio bobos que o seguiam a toda parte. A moça se encheu de fruta, mas quando viu a inajá, enciumou.

— Você foi ver a Inaiá, é?

— Não fui! Nem sei quem é.

— A que manda nos bosques do Brasil.

— Uai, essa não é Ceuci?

— Não, bobo, essa é outra.

O caldo da fruta escorria pelo canto do lábio lindo da moça, e o moço quis sorver. Depois, ele pensou, iam os dois para rede, namorar, que a pele toda pedia. Ele gostava que a pele pedisse por ela, mas a moça? A moça, nada. Fugia, isso sim.

— É de noite, meu querido? Está escuro? — perguntou ela, malandra.

Ele olhou pela porta da oca e viu o pátio da taba clarinho, as árvores verdinhas, o céu de um azul poderoso.

— Acho que não.

— Pois então…

Ele, incomodado, levantou e saiu. A moça ficou triste como poucas vezes na vida. Ela também sentia umas coisas que nunca tinha sentido antes. Gostava de sentir isso tudo por ele. Também queria abraçar ele tanto que o pudesse colocar dentro de si. A pele pedia por ele. As pernas, os braços. Mas não era noite naquela taba ardida, nunca ficava de noite! Como ela podia? Tinha assim, um receio… tinha vergonha, era assim que se dizia.

Daí que, um tempo depois, quando o moço entrou com uma cesta de buriti cheia de flores, pra ver se a convencia, a moça fez algo que nunca tinha feito na vida: abriu o bué.

— Mas o que foi que eu fiz? — Ele se assustou e correu para consolá–la. Consolo de verdade, que ele ficou assustado mesmo com o choro dela.

— Nada! Você não fez nada! Não é você quem tem que fazer. O caso é que não é de noite. E nunca é!

Ele perdeu a paciência. Esqueceu que não queria parecer bocó e perguntou, firme:

— Mas que coisa! O que é essa tal de "noite"? É uma flor?

— Não…

— É um tronco?

— Não.

— É uma raiz?

— Não!

— É uma pedra?

Daí as lágrimas da moça já tinham secado e ela achou aquilo muito engraçado.

— Pedra? Não!

Ele deixou de falar um pouco, sorvendo a belezura dela, quando ria. Depois ela parou de rir de repente e ficou quase séria. Baixou a fronte e os cabelos cascatearam negrume, os olhos luziram perigos e a boca escorreu mistérios. Faz psiu e diz baixinho: que linda que ela era quando sorria daquele jeito e que medo dava isso lá no fundo do coração de um homem.

— Noite é uma coisa que meu pai tem guardado em uma noz de tucumã, no fundo do rio.

O moço piscou, enfeitiçado.

— Aham.

— Então, marido! Manda seus criados irem buscar a noite de uma vez que eu quero muito lhe namorar, e você quer muito me namorar, e meu pai quer muitos netos, mas sem noite não hei de, jamais! Não dá!

Ele pulou, meio de susto, meio de alegria. Chamou os três criados e eles vieram num upa. Bobo, bocó e bocoió. Esse não era o nome deles, mas bem que podia ser. O moço disse:

— Vocês peguem a piroga que eu fiz e vão até o reino da M'boi-guaçú. Digam pra ele…

— Ops!

— O quê?

— Cumé?

Fizeram os três criados. Nenhum era surdo, é claro. Queriam era ganhar tempo e atinar um jeito de cair fora de uma tarefa dessas.

O moço respirou fundo. Continuou:

—… digam pra ele que minha mulher mandou pedir a Noite…

— Noi… o quê?

— Que negócio é esse de "noite"?

— Nunca ouvi falar, não.

O moço respirou de novo.

— … que ele guarda num caroço de tucumã! Vão logo, oras! Um pé lá e o outro cá!

Os três criados — bobo, bocó e bocoió, que não era o nome deles, você sabe — se entreolharam nervosos.

— Mas…

— Patrão…

— Patrãozinho…

O moço cruzou os braços em cima do peito e furou eles com o olhar. A moça espiou por trás do ombro possante do marido e sorriu, docinha como as folhas que acarinham a torrente.

— Ah, por favor… tô querendo tanto uma noite só pro meu bem… — ela disse, mansa. Fez beicinho. Ninguém resistia ao beicinho dela.

— Ah…

— Tá…

— Tô indo…

Ela pulou na frente do marido e espetou o dedo no nariz dos criados.

— Mas olhem lá, hein? Não vão me abrir o caroço no meio do caminho. Não pode, ouviram? Tem que trazer ele inteirinho pra mim.

Os três sacudiram a cabeça num movimento de quem dançou aquilo a vida inteira. Concordaram com fé e força. Nem precisava mandar duas vezes.

E lá se foram na piroga os três, bobo, bocó e bocoió, a caminho do reino misterioso da Cobra Grande.

Que esses não eram os nomes deles, eu já disse. Mas agora é como se fosse.

•

Os três criados sem vontade nenhuma se meteram no rio. Foram remando, foram remando. Remaram muito. Se houvesse dia e noite, teriam se passado dias. É que a aldeia do moço ficava longe do reino da Cobra Grande.

Coisa é que, numa curva de águas mui escuras, entre remada e outra, eles viram ao longe o que parecia ser um navio. Era coisa de assombro, porque estava feito dos ossos e mortalhas dos afogados. O cordame era trançado com os cabelos dos coitados, e o vento que ele cortava gemia um grito agudo e mau. A visage vinha longe, montada na crista duma pororoca que ia comendo as margens, e na água de lama espumosa e brava que acompanhava a quilha da embarcação, uma horda de ipupiaras vinha com a sanha dos famintos, arreganhando os beiços sem lábios e deixando ver os dentes afiados e verdes de podres com os quais eles devoravam os olhos, os dedos, o nariz, a boca, as orelhas e a vara dos homens e o cabaço das mulheres que eles pegavam pra si no meio das águas. De longe que estavam, os três criados viram tudo isso e também ouviram o canto deles, que os ipupiaras cantavam assim:

"Salve, o almirante negro, que tem por monumento, as pedras pisadas do cais..."[1]

E toda aquela linda canção inventada por um trovador mineiro e seu colega carioca, que também cantaram as senhoras do Amazonas, daí que elas lhes devotavam carinho imenso e encantado de além–Tempo–e–Lugar.

De susto, quase que os três perderam os remos. Deram a volta num upa! e rema que te rema de volta para casa. Mas não tem braço humano que se rivalize com a força e a velocidade da pororoca, então, antes que eles dissessem "virge!", a coisa toda estava sobre eles. Viram, daí, que o veleiro de velas de tecido podre e cordame maldito tinha virado um navio enorme, com canhões e soltando fumaça e chispas por uma chaminé que parecia um jacarandá–copaia na força da sua idade. Era revestido, todo ele, com escamas negras e verdes, que o navio — veleiro ou couraçado, que a gente tem que se atualizar — não era mais do que a Cobra Grande transformada, passeado pelo seu reino d'água. A onda forte quase virou a piroga no meio dos ipupiaras, mas um homem de pele negra e sorriso iluminado ordenou lá em cima a parada nos motores e disse à sua tripulação de desgraçados que subissem ao convés os vivos que já se davam por mortos.

Era João Cândido, melhor chamado de Almirante Negro, que sempre foi e sempre será o melhor dos navegantes das *aquae brasilis*, o único de qualquer mundo com cacife para ordenar no navio da M'boiguaçú.

O homem abriu os braços para os três que se amontoavam e tremiam feito vara verde na ponta do convés por onde escorria o sangue dos chibatados.

— Gente viva! — comemorou ele.

— Somos nós — disse o bobo, batendo os dentes.

E o Almirante:

— Que azar os traz aqui?

— Tarefa de nosso patrãozinho — disse o bocó, num suspiro triste.

O navegante cruzou as mãos nas costas e respirou fundo, pensando em tudo que lhe tinha dado o seu epíteto.

— Os entendo à perfeição.

---

[1] *O mestre sala dos mares*, música e letra originais de João Bosco e Aldir Blanc.

— É umas vontades que teve a esposa que ele arrumou — explicou o bocoió, meio irritado.

O grande nauta da Guanabara ficou consternado.

— Não há o que fazer. Capricho de mulher é inquestionável. É preciso cumprir à risca o solicitado. Quem é a dama em questão?

— A filha da Cobra Grande — gemeram os três ao mesmo tempo.

O navio inteiro rosnou como se no seu porão se abrigassem mil dragões. Mas os criados não sabiam o que era um dragão, então acharam que era apenas o fogaréu que fazia a fumaça lá no alto da chaminé. Mas João sabia o que era, então resolveu ajudar:

— Se é uma missão para resolver junto ao senhor do rio, vocês precisam ir até o fundo dele, e falar com o próprio. Vamos seguindo o rumo do igarapé mais escondido, que é lá que fica o Reino da Água Escura.

Ele chamou um imediato, o espectro de um dos seus marinheiros, um rapagão de costas lavradas por chibatadas, e disse para trazer algo para os três comerem. O imediato foi até o castelo de proa e de lá voltou, dali a pouco, acompanhado por dois outros defuntos, um deles um horrendo pirata francês morto por um guaicuru numa refrega no Rio de Janeiro, e os criados souberam mais ou menos disso, porque dava para reconhecer a flecha do matador, que ainda varava o peito do homem, fora a fora. Eles trouxeram frutas, farofa e cachaça, e os três criados, que estavam loucos de fome, encheram a pança. A cabeça já ia a roda quando tudo começou a mudar. João Cândido ia gritando ordens, comandando com elegância o deslizar da embarcação. O navio foi encolhendo, se fazendo um navio de passageiros, depois o veleiro aquele, que tinham visto, todo osso e mortalha e pavor. E depois a coisa foi diminuindo para chegar num igarapé enorme e escuro como nunca se viu igual, onde as águas do rio tiravam um cochilo e depois, fum! Mergulhou nelas!

Tudo sumiu nas raízes das árvores e na água parda. Os três acharam que iam se afogar, mas que nada, que a Cobra Grande ia cuidando deles. Na frente do que agora era uma torrente rio adentro, ia o Almirante, avisando que o dono da casa estava a chegar, feito um arauto, um anjo de água. As raízes arqueadas e retorcidas se abriam e eles entravam por um lugar que nenhum tinha nem sonhado. Os ipupiaras se colocaram de

lado, reverenciando M'boiguaçu. A Uiara saudou o recém–chegado, não sem antes espiar de reolho aqueles três homens vivos que vinham na cola da serpente de água. Admiradíssima ficou!

Ali adiante, um grupo de negros–d'água vieram para receber o senhor do rio, e Cobra Norato à frente de um batalhão de caboclos–d'água se apresentou diante de um salão para abrir as portas de rede e timbó. Era ali onde ficavam todos os tesouros que se perdem nas águas: relógios, correntes, alianças, anel de compromisso. Um violino do Titanic que sempre tocava uma valsa triste, uma posse inestimável! As riquezas de Oxum se guardava ali. A areia do fundo era o pó de ouro do Eldorado salpicado de pérolas de piratas, espadas de espanhóis, lama verde da qual se faz o jade dos muiraquitãs e capacetes de ferro dos portugueses. No meio de tudo tinha uma placa com uma flecha larga apontada para baixo e escrita assim: "Aquífero Guarani". Era o maior tesouro da sala. Mas como estava rabiscado com escrita de branco, os criados acharam que era só uma coisa garatujada com uns desenhos de gente doida. Esse era o casarão da Cobra Grande, e no meio daquela riqueza toda que a moça casada com o moço tinha se criado feito sereia de rio.

Foi pr'ali que os três criados foram conduzidos, e foi ali que se amontoaram uns nos outros, loucos de medo. A cachaça já tinha evaporado da cabeça depois de tanta visagem e de vez em quando eles fechavam a boca um do outro para que o coração não escapasse por entre os dentes que batiam feito chocalho. Não foi um "oops", apareceu ele, destransformado em navio e convertido de novo no dono das profundezas. A Cobra Grande.

Era um rio dentro da água, debruado de escamas translúcidas. Se soubessem o que é uma cobra, os três criados teriam entendido por que ele se chamava assim. Mas os bocós não sabiam, porque não tinha bicho naqueles dias, ainda não, daí que eles só conseguiam olhar e tremer e pensar que era um rodamoinho dentro do salão de água, um rodamoinho que se retorcia feito coisa viva e que deslizou em torno deles até se amontoar em um *apikaba*, um banco que tinha uma forma estranha e era tão grande quanto duas pirogas grandes juntas. E ainda assim o corpanzil de água escorreu pelos lados.

A cabeçorra se acomodou no anéis líquidos e fixou aqueles olhos de fogo nos três. Joelho mole e pouco miolo, os criados ficaram mudos como pedras. No corpo da Cobra Grande umas manchas vagavam, sem forma definida. Pareciam folhas, pareciam troncos, pareciam coisas que ainda dormiam nas sombras do amanhã. O dono rio falou:

— Quem são vocês?

Um deles cochichou uma resposta. O soberano mal ouviu. Piscou um olho.

— O que vocês querem aqui?

Querer, eles na verdade não queriam, cochichou o outro. Preferia era estar em outro lugar, com uma cunhã bonita, numa rede escondida de todo mundo, por exemplo. O bichão deu risada. Quando ele ria, o rio lá em cima se encrespava de onda. A Cobra Grande piscou o olho de fogo encantado que não apaga nem na maior inundação.

— Então pra que vieram? — trovejou, quase bravo.

— Pra buscar a tal da noite, que o senhor tem guardado no caroço de uma tucumã — conseguiu contar o terceiro.

A cabeçorra se ergueu sobre os três, ameaçando um bote. Mesmo dentro d'água, era possível ouvir a cachoeira de raiva do monstro rosnando na goela dela. Os criados se abaixaram uns sobre os outros gritando como se tivessem combinado:

— Foi a moça senhora sua filha quem mandou buscar!

Primeiro um silêncio.

— Ah foi, é?

O criado bocoió espiou com um olho. A Cobra Grande o encarava com interesse paterno.

— Pois foi.

— E pra que ela vai querer uma coisa dessas?

— E eu que sei? — falou o bocó, atrevido. M'boiguaçu franziu a testa de corredeira.

— Parece que ela quer namorar com o moço seu marido e não tem coragem — explicou o bobo, antes que tudo se fosse por água abaixo.

——Ah, tá. Agora entendi! — O monstro gargalhou de novo. – Bobinha, ela! – acrescentou, carinhoso.

O bocoió achou que tinha intimidade:

— Também acho. Bobinha, bobinha.

M'boiguaçu espiou por dentro do corpo líquido. O bocó puxou o bocoió pra baixo de novo e mandou ele ficar quieto.

— Talvez seja um pouco mimada — o pai jogou a isca, só para ver no que ia dar.

O bocó não perdeu a deixa:

— Mimada é pouco praquela lá!

Cobra Guaçu se abalançou sobre ele com a bocarra aberta, mas o bobo puxou o companheiro pra baixo, e comentou:

— Nem bobinha, nem mimada, se me faz o favor, meu tio! Um pouco sestrosa, só. Aposto que chegamos lá com a tal da noite e o senhor já tem um monte de neto lhe esperando.

O senhor do rio piscou um pouco.

— Tá me dizendo, seu bobó, que minha filha ainda não tá esperando neném?

——Nem neném, nem ninguém! Pois se não namora por falta de Noite? — respondeu o homem.

O monstro do rio pensou um pouco. Se revirou no próprio corpo, os olhos filosofando chamas.

— Norato, vem aqui se me faz o favor, meu filho — chamou o monstro, por fim. Cobra Norato, um dos seus prediletos, veio num pulo, muito sério, em traje de soldado. — Vai ali, debaixo do chapéu do português, que está em cima do escudo de Palmares, que está em cima da rede de Iracema, que está em cima da lama, que está em cima do ouro, que está em cima do jade, lá embaixo disso tudo, tem de fato um caroço de tucumã. Vai lá, meu filho, e pega ele pra mim, se me faz o favor.

— Já volto, meu senhor — disse o Norato, que sempre foi de uma nobreza sem igual.

Falou e fez: cavou debaixo do capacete de ferro e achou um escudo de madeira. Debaixo do escudo achou uma rede de buriti. Debaixo da rede, a lama fértil do rio. Dentro da lama, uma pepita de ouro puro. Depois do ouro, uma lâmina afiada de jade. E só então, lá embaixo disso tudo, um caroço de nada de tucumã enfeitado com resina. Trouxe o pedido para o Cobra Grande, que pegou a coisinha com sua língua de cipó–

mariri e deu para o criado que ainda conseguia se mexer. O homem estendeu a mão trêmula e o monstro pôs nela a tucumã.

— Pronto, pode levar.

— Mas… é só isso?

— Aham.

— Mas, e a Noite?

——Está aí dentro. Guardada. Por isso é que tem resina: pra fechar a noz com a Noite dentro.

O bocoió cuspiu de lado.

— Bah, só isso? Achei que era uma coisa grande — comentou com desprezo.

A Cobra Grande não disse nada, só riu de novo.

— Podem ir. Mas cuidado, hein? — disse o pai da moça. Os três olharam pra ele pensando se o M'boiguaçú era tão grande senhor assim, afinal de contas. — Não vão me abrir isso aí no meio do caminho. É pra entregar fechado na mão da minha filha. Fe–cha–do, ouviram bem? Senão…

— Senão…?

— Senão vai ter! — trovejou o deus do rio. Os três estremeceram.

— Pode deixar!

— Vamos tomar todo o cuidado para não deixar cair.

— Vamos entregar bem fechadinho na mão da moça senhora sua filha.

Cobra Grande duvidou:

— Aham… quero só ver.

E depois foi um rodamoinho medonho e um não lembrar que quase nada, até os três despertarem na piroga do moço à deriva no rio escuro. Bem lá ao longe se podia ouvir os ipupiaras secundando voz de seda da Uiara: "*Glória a todas as lutas inglórias, que através da nossa História, não esquecemos jamais!*"[1]. Então eles souberam onde estavam e trataram de remar de volta para casa.

•

Rema que rema, o susto passado, os três criados iam na piroga, agora na preguiça. Por sorte a Cobra Grande tinha deixado tudo lá, direitinho, como o encontrado: os três remos, umas frutas, a fogueirinha guardada na cumbuca, que era só para aquecer o alimento no meio do rio, caso quisessem. A piroga ia cantando baixinho, que naquele tempo as coisas falavam e ouviam, e ela não estava a fim de ouvir as bobagens que os três iam resmungando entre si e quando ela cantava eles ficavam quietos, ouvindo. Era assim: *"A canoa virou, por deixar ela virar, foi por causa do bocó, que não soube remar."*

Os três davam risada! Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, depois do versinho e das risadas, entre uma remada e outra, eles ouviam: *plic, plic, plic.*

Vinha do caroço da tucumã.

— Descobri! — fez o bobo, lá pelas tantas. — A noite é uma goteira. Ali, ó, ouve só: plic, plic, plic, parece uma goteira numa pedra lisa. Vamos olhar?

— Tá doido, sô? Por que a moça ia querer uma goteira na sua rede? Pra isso era só abrir uma palhas no alto da oca e pronto — resmungaram os dois.

A piroga suspirou e cantou pra distrair eles. Mas dali a pouco, a noz da tucumã: "*cri, cri, cri*".

Um dos criados passou a mão nela e sacudiu com força. O cricricri parou na hora.

— Pronto, resolvi: a noite é um chocalho. Cri, cri, cri, nem é preciso ver para saber. Mas a gente devia olhar para tirar a prova dos nove — disse ele.

— Tá doido? — disseram os outros dois. — Desde quando chocalho para de fazer barulho quando a gente sacode? Daí é que ele canta! Vamos olhar, não!

A piroga, só de bico. Cantou de novo, cantou, mas não adiantou. Dali a pouco o caroço fez *nhe... nhe... nhe...* O bocoió pegou ela e embalou. A tucumã calou.

— Pronto, tão vendo? Coisa mais simples: a Noite é uma criança. Criança sempre para de chorar quando a gente embala.

— Para, nada — reclamou o bobo.

— Para sim — fez o bocó.

— Vamos tirar a dúvida?

— Vamos espiar?

— Tá doido?

— Bem capaz!

— Capaz que não!

O bocoió, que estava com o caroço na mão, pegou uma palhinha de junco que boiava na água e aproximou o caroço da fogueirinha. A ideia dele era derreter um buraquinho, enfiar o junco lá pra dentro, espiar, depois fechar o buraquinho e pronto, acabou–se o conto. Ninguém ia saber. Mas a resina da tucumã escorreu e pingou, quente, na mão dele.

— Ai! Ui! — ele fez, e passou o caroço pro vizinho, que teve a mesma ideia. A resina pingou na outra mão:

— Ui! Ai! — E passou a tucumã para o vizinho, que resolveu terminar o serviço. A resina respingou no beiço dele.

— Uai! — fez ele, e o companheiro agarrou a semente, antes que ela caísse n'água de tanto pipocar de mão em mão.

E foi daí que a resina abriu um buraquinho — e, de repente, não mais que de repente, tudo ficou escuro feito breu.

— Ai, meus olhos! — gritou o bobo.

— Ai, grudou minhas pestanas uma na outra e não enxergo mais nada! — fez o bocó.

— Que nada, eu é que fiquei cego! — choramingou o bocoió, desesperado. Não se via quase nada, quase nada, a não ser a brasa da fogueirinha ardendo dentro da cumbuca no meio da piroga no meio do rio.

— Espera lá… — eles disseram, olhando para a brasa.

E daí veio, de dentro da noz, escapando pelo furinho da resina, e fazendo ele um pouquititim maior, uma coisinha que pisca–piscava quase verde, quase amarela, uma coisinha linda de se ver. A coisinha pisca–piscante esvoaçou entre os criados e eles, encantados, pensaram: "então *isto* é a Noite! Uma brasinha que voa. Que bonitinha!"

Depois saiu de lá uma outra coisa, saltadeira, que aumentou o furo da resina quando passou e pulou na piroga e começou a fazer *cri, cri, cri,*

que nem antes. Os criados pensaram, rindo por dentro: "então *isto* é a Noite! Uma musiquinha que pula. Que bonitinha!"

Aí, fazendo um esforço para abrir mais o buraco para passar por ele, veio uma coisa estranha, de pernas compridas, olhos saltados e boca grande. A coisa se encarapitou na borda da piroga, olhou para o cricricri e para a luz e crau! Abriu a boca e comeu um. Depois crau! Comeu o outro. Os criados, revoltados, já iam enxotar aquela coisa meio feia, mas tinha mais uma novidade saindo da tucumã, uma novidade que deslizava e se movia feito a M'boiguaçu, mas não era tão grande. A coisa veio, veio, pulou no que tinha comido a luz e a musiquinha, e enrolou ela, esmagou bem, que deu para ouvir o gemido do que morria e os ossinhos dele se quebrando, e depois engoliu o morto sem pressa. Tudo isso demorou seu eito, mas os três estavam tão apavorados com o que viam na parca luz da fogueirinha, que não se atreviam a se mover, vai que a coisa fosse comer eles também.

A coisa que parecia a Cobra Grande ia quase pelo meio do seu jantar, quando os três viram que se aproximava deles mais duas fogueirinhas parecidas com aquela primeira que eles tinham visto, pousadas num tronco que navegava na direção deles. O bobo até pensou em enxotar elas, vai que a coisa que tinha comido a coisa que tinha comido a fogueirinha voadora resolvesse comer elas também… mas daí o tronco abriu uma bocarra cheia de dentes e abocanhou o rabo da que jantava e crau: comeu a que comia, a comida da que comia e o que estava dentro da comida também.

O tronco não era tronco, não. Tinha virado jacaré.

— Psiu, escuta… — fez um deles, que os três tinham se abraçado em torno da fogueirinha, agora com medo de ficar na beirada da piroga.

— A canoa não está mais cantando — fez o segundo.

— Mas a mata… — fez o terceiro.

A mata. Sim, a mata.

Algo aconteceu com a mata quando a teia intangível de escuridão tocou a terra, os troncos, os galhos, e as folhas, desde embaixo até o mais alto das copas gigantes, e além. O silêncio cicioso que era a sua voz, aquele sopro que espalhava o perfume das flores e a quietude dos ramos foi ganhando uma orquestra desconhecida e espalhafatosa. Piado, chiado,

chamado, a água marulhando de um jeito diferente, agora cheia de peixe, cobra, boto, jacaré. Os troncos sempre tranquilos, agora eram estrada para formigas, e havia preguiças se pendurando nos galhos, aranhas tecendo armadilhas, rãzinha espiando nas bromélias cheias de água, mosquitama zunindo nas orelhas, carregando nas tripas umas doenças que ninguém ainda conhecia, mas que também eram uns bichinhos pequenininhos, pequenininhos, que fazem um estrago grande na gente: maleita, dengue, febre amarela. Já bem dizia o meu avô que o pequeno vai comer o grande.

Na aldeia distante, teve pedra virando peixe e pote virando sapo. Um cesto saiu andando, resfolegando morte: agora era onça. Montoeira de folha saía se mexendo: talvez fosse uma tartaruga. Um toco grande velho e morto se sacudia: tamanduá. A canoa com o dono dentro, pegos de surpresa pela escuridão? Viraram uma coisa só: pato. A noite era nem chocalho, nem goteira, nem criança pequena: era a sombra feiticeira que transformava tudo, rio, mata e céu, em outro rio, outra mata, outro céu, cheios de mistério e belezas e perigos. A noite era uma mandinga que fugiu do caroço da tucumã, cansada de estar espremida lá dentro, e se espalhou pelo mundo com todas as suas coisas: vaga–lume, sapo, onça, caça e caçador, flor que só abria quando tudo era pretume, espalhando perfume novo pra atrair bicho e homem, morcego, grilo cricrizando, jacaré de olho alumiado, e na medida em que ela transformava tudo, estendia suas belezuras por todas as partes: aqui o calor das noites, pra lá do horizonte umas cortinas de luz fraquinha e de cores lindas, que se dependuravam sobre as terras frias e cobertas de neve, que havia, mas eles ali não conheciam. Por causa que a Noite veio, as icamiabas agora podiam fazer os muiraquitãs pros seus amantes. As cavaleiras brancas podiam cavalgar nas águas pardas da Lagoa dos Barros lá do sul.

Mas, na taba do moço e da moça, toda aquela boniteza não estava dando para aproveitar. É que, passado o primeiro susto, o pessoal tentou se adaptar à nova situação. O que era difícil, porque no escuro que a moça explicou ser a tal da noite que os tais dos criados deviam ter soltado sem a sua autorização, era complicado encontrar o caminho. O que se encontrava, isso sim, era mindinho de pé com raiz, dedão com pedra, pé com espinho, canela com banco, ombro com tronco e o descaminho era tamanho que quase não dava para perceber que as coisas tinham parado

de falar com as pessoas para nunca mais, porque as gentes estavam muito ocupadas se queixando:

— Ai, que trupicão!

E não adiantava avivar a fogueira, porque luz que era bom quase não tinha. Pelo menos frio não passaram, mas às vezes dava um calorão, e eles iam se refugiar na aragem fria perto da floresta e podiam ver daí os olhos dos bichos se escondendo no mato. Era preciso esperar o dia, foi o que a moça explicou.

— "Dia", o que será isso? — perguntaram alguns mais medrosos. Se a noite era aquela confusão, o que podiam esperar de uma coisa que chamava "dia"?

— Vai ser bom. Esperem só pra ver — ela disse.

Dali a pouco apareceu uma luz no céu, pequenina e brilhosa, que a moça sabia ser a Estrela D'Alva.

Daí ela decidiu:

— Agora vou separar a noite do dia.

E pegou um fio, que não sei do que era, talvez do próprio cabelo longo e preto e bonito, e esticou ele na direção onde sabia que estava o horizonte. O fio ficou vermelho, vermelho, parecia de fogo.

— Isso vai ser a aurora — ela disse. E daí pegou mais fio e enrolou no dedo, e mais palha de buriti, que também enrolou, e juntando uma coisa com a outra, pegou o urucum para pintar as patas do que estava fazendo, e a tabatinga para pintar a cabeça e logo um pássaro piscou para ela.

— Tu vais ser o cujubim, meu amigo. Quando estiver escuro e tu vires aquela linha vermelha que pus no horizonte, tu vais cantar para avisar todo mundo que o Dia está chegando.

O cujubim bateu asas e se foi, todo contente por ter ganhado vida e uma sina boa para cumprir nesse mundão de meu Deus.

Aí a moça foi e inventou outro trançado que salpicou com as cinzas da fogueira.

— Tu vai ser o inambu. Quando o dia claro estiver se escurecendo e tu vires aquela linha vermelha que pus no horizonte, tu vais cantar para avisar todo mundo que a noite está chegando.

E lá se foi o inambu, faceiro da vida, feito o cujubim.

E ela continuou a trabalhar por um bom tempo, trançando fio e palha e pintando: arara, tucano, jucumar, tangará, saíra, garça, gaturamo, guainumbi. Todos eles, os pássaros do mundo, a moça filha da Cobra Grande inventou e deu nome e deu tarefa e dividiu o dia com eles: assim tem canto para anunciar o *coema*, que é o nascer do dia, o meio da manhã até o meio dia, que é o *coaraci iuaté*. Inventou o *çaié*, que é o meio–dia, e a tarde até a primeira brisa fresca, a *ara*. Depois vem a tardinha, que é *caruca*, e a noite, que é a *pituna*, e a noite longa, que é a *pituna pucu*. Só daí que vem a madrugada, a *coema piranga*, que é quando o horizonte se tinge de vermelho, o *piranga* da língua dela, tingindo o fio que a moça estendeu no céu. Por isso que a passarada da floresta hoje é uma aquarela que voa e canta o tempo todo.

Depois disso, a moça ficou cansada, e como já tinha passado o dia inteiro, o primeiro da vida toda, ela deitou ali mesmo, na palha de buriti e dormiu. A gente da taba achou que era uma boa ideia e foi dormir também. Veio o marido e buscou ela nos seus braços fortes e a levou pra rede. Ele deitou ali com a esposa no regaço e ficou fazendo cafuné nela, até dormir também, que o amor não é feito só de festa, mas também, e sobretudo, de calmaria.

Mas dizem que no meio da noite eles se acordaram e, no silêncio escuro, debruado de canto de bicho e luzeiro de vaga–lume, enfim se abraçaram, um abraço gostoso, as pernas e os braços entrelaçados como raiz de manguezal, os corpos tão colados que um entrou no outro e os dois se agitaram como as palmeiras no temporal. E depois veio a moleza boa, o sono tranquilo, e o acordar ao som do riso novo que eles descobriram um com o outro. Aquilo foi tão bom que quiseram repetir mais de uma vez. E assim fizeram. E foi assim que se inventou o tempo.

•

No meio do dia seguinte — as gentes ainda estavam se acostumando com aquela novidade — apareceram na aldeia sabe quem? Pois os três criados curiosos. Vinham se arrastando da mata, cansados, famintos e cheios de medo. Tinham topado com tudo quanto era bicho recém–

chegado da feitiçaria suprema da noite: uma sucuri tinha dado um abraço num, uma onça tinha tentado jantar o outro, umas formigas lava–pés tinham achado o pé do terceiro. Tiveram de fugir de tamanduá, cateto e anta, tropeçaram em veado de galhada afiada, jaguatirica e guará de mau humor. Estavam de dar dó, mas o moço, que agora era homem–feito, ficou furioso quando viu eles chegando.

— Então? Isso são horas, é? Vocês viram o que fizeram?

— Nós?!

— Inocentes, patrão!

— Não tem prova, meu patrãozinho!

A filha da Cobra Grande, que agora era mulher, parou do lado do seu marido e franziu a testa — e não é que seus olhos pareciam os de fogo do pai encantado que tinha?

— Como que não? E essas manchas de resina derretida aí? — desafiou ela.

— Ah, isso não prova nada. Pura fraude.

— Invencionice pura. Ninguém viu, ninguém fez.

— Vou pedir um embargo. Tem embargo por aqui, não tem?

Aquilo deixou o marido fuzilica. Até pensou em dar uma coça neles, mas depois raciocinou que o dolorido da surra passa e além disso o povo tem memória curta. Resolveu dar–lhes o merecido que era pra ninguém nunca mais esquecer do que eles tinham feito.

Daí paf! Transformou eles em macacos. Por isso que eles andam por aí, até hoje, de galho em galho, mesmo nos zoológicos, fazendo micagens e bancando os bobos, faça chuva, ou faça sol. As marcas da resina derretida ficou nas mãos e a boca é preta, para todo mundo ver e ninguém esquecer que a curiosidade deles foi que resultou nessa confusão de mundo em que vivemos, hora pra tudo, dia e noite, despertador, calendário, agenda cheia, celular apitando, Natal, Páscoa, Carnaval, São João e Quaresma. Mas, pelo menos, agora o marido pode olhar para a sua esposa e dizer o quão bonita que ela é sem que lhe doa a alma, mesmo depois de que os dias viraram passado, e os cabelos já branquearam e as lendas ficaram meio desluzidas na memória do povo, que é curta, curta, como bem se sabe que é.

Pois o amor é um guerreiro forte que mora no meio das nuvens, que peleja e vence sem medo o tal do passar do tempo, esse que se inventou por conta do desejo do moço e da moça, a filha da Cobra Grande, que seja jovem ou velha é sempre bonita feito a Lua lambendo as águas do Solimões, na inventação do seu nascer.

• • •

SIMONE SAUERESSIG nasceu em Campo Bom (RS) em 1964. Estreou na Literatura em 1987, tendo publicado mais de trinta títulos para diferentes públicos e em diferentes gêneros, entre eles a Ficção Científica e a Fantasia de viés folclórico, como *A noite da grande magia branca*, *A estrela de Iemanjá* e *Contos do Sul*. É autora da saga de Fantasia *Os sóis da América*. Em 2018 recebeu o prêmio Troféu Odisseia em reconhecimento aos seus 30 anos de atuação na Literatura Fantástica brasileira, concedido pela V.ª Odisseia de Literatura Fantástica.
E–mail: contato@porteiradafantasia.com
Facebook: @soisdaamerica
Twitter: @simoneslivros

A Nova Arma do Rei

Leonardo Tremeschin

Nas sombras de uma caverna do mediterrâneo, um enorme ser, de longa e grisalha barba, encontrava–se solitário: era Arges, o ferreiro. Aquela era não apenas sua morada e a de seus irmãos; era também sua oficina. Tinha retornado para casa há poucas estações, enquanto seus dois irmãos preferiram viajar pelo mundo. E, como um bom ferreiro, acordou naquele dia querendo criar algo; estava, porém, sem ideias. Seu olhar alternava entre as ferramentas penduradas na parede, sua mesa e a fornalha apagada, ainda que sua empolgação não transpassasse sua fisionomia carrancuda. Sozinho ele queria passar o dia, forjando algo; há tempos que não produzia nada.

Mesmo sem ideias, resolveu começar a trabalhar. Vestiu um avental e um protetor para o rosto, um grande círculo de vidro que acabava escondendo parte de sua face. Para quem olhasse, pareceria que Arges possuía um único, grande e redondo olho. Pegou uma barra de ferro, um martelo e acendeu sua fornalha — tudo no automático, sem prestar muita atenção, pois seus pensamentos já estavam no que poderia construir.

Quando foi colocar o metal para forjar no forno já aquecido, foi interrompido por incansáveis batidas na porta. O humor de Arges evaporou mais rápido do que o suor que escorria de seu rosto. Quando o ferreiro abriu a porta, tudo fez sentido: só alguém como o mensageiro do rei bateria tão compulsivamente. Com uma expressão séria, Arges olhou de cima para aquela figura magricela que não parava de se mover, e quis saber logo do que se tratava.

— O rei sairá em batalha e precisa que vocês criem uma arma para ele — o mensageiro respondeu. — Ah, e o rei exige que o trabalho seja caprichado, viu?

As palavras do mensageiro pareciam um teste de paciência. Como assim, "caprichado"? Como ousavam duvidar de sua capacidade e de seus

irmãos? Por pouco que não desceu a mão no mensageiro; um tabefe bem dado todo seu rosto. Isso, claro, se conseguisse acertar; o garoto era ligeiro.

— Volto em breve para buscar.

Arges descontou sua impaciência batendo a porta, o que trouxe de volta a dor em seu pulso — uma dor irritante, fruto de uma lembrança terrível. Sim, deveria atentar à ordem do rei. Não apenas pela majestade, como se isso já não fosse motivo suficiente, mas sim pela dívida. Ele e seus irmãos estiveram presos, acorrentados e torturados por séculos, mas graças ao rei agora estavam livres e já quase recuperados. Contudo, algumas dores sempre voltavam para lembrar os terrores passados.

•

Logo que se viram livres, seus irmãos viajaram pelo mundo para conhecer o que havia mudado, mas Arges preferiu ficar em casa. Deveria esperá–los para criar a arma — tinha que ser algo de impecável qualidade, e um único ferreiro não daria conta. Mas com um prazo tão pequeno não podia esperar a sorte de seus irmãos aparecerem. Resolveu, então, dar os primeiros passos, estava empolgado para criar algo desde a manhã.

Essa teria que ser incrivelmente única, algo que o rei nunca tivesse visto. Para isso, teria que inovar, e inspiração não era algo abundante dentro de uma caverna. Assim, Arges pegou um saco de couro e saiu de casa.

A caverna onde morava ficava no pé de uma montanha, próximo à encosta e com vista para o Mar Mediterrâneo. Contornou a região e começou a escalar a montanha, olhando para o céu para se certificar que o tempo estava ideal para o que precisava.

Já próximo ao topo, onde a montanha perfurava as nuvens, Arges parou para coletar partes da névoa. Tinha que ter muita cautela: um movimento mais brusco era capaz de dissipar o que viera buscar. Satisfeito com a quantidade, desceu de volta para a caverna.

Arges pegou dois pedaços de nuvem de dentro do saco de couro e notou que não poderia demorar: algumas já estavam se desfazendo. Colocou, então, os pedaços entre dois dentes de ferro de uma máquina cuja

abertura podia controlar, de modo que pudesse pressionar o que estivesse no meio. O ferreiro sabia que aquelas nuvens guardavam uma grande energia e imaginou que, pressionando–as, poderia obtê–la para, assim, iniciar seu trabalho. Foi girando com cuidado a manivela da máquina, que fechava os dentes, pressionando uma nuvem na outra. Por vezes, movia–as raspando uma na outra, e nesse ponto percebeu que a energia começava a surgir.

O ferreiro notou então um pálido e pequeno fio inquieto dentro das nuvens. Era extremamente difícil para alguém do tamanho dele ser delicado, porém se esforçou ao máximo para retirar aquele fio sem dissipar a névoa. Com a tenaz, conseguiu movimentos mais precisos, agarrou o traço e foi puxando. Era como um novelo, que se desenrolava conforme Arges puxava, até que todo o fio se desprendeu.

O que começou com um pequeno risco era agora um fio branco de uns dois palmos de comprimento, que serpenteava incansavelmente, preso apenas pela ponta da tenaz. Era possível notar uma força saindo dele, mas, curiosamente, não liberava calor algum — era apenas um fio. Diferente de qualquer arma que ele já fizera, não possuía sequer uma lâmina; no máximo uma ponta perfurante, mas ainda assim parecia algo inofensivo.

O que se provou errado até que Arges aproximasse sua mão para manuseá–lo. Nesse momento, seus pelos eriçaram–se ao mesmo tempo que o próprio fio contorceu–se até seu braço. Foi uma dor indescritível, digna de seus anos de tortura. Sentiu seu braço rasgar e queimar, perdendo o controle da mão, que enrijecia enquanto seus dedos se contorciam. Ainda que fosse um ser de poucas palavras, seu grave grito de dor mostrou que suas cordas vocais ainda funcionavam bem.

Assim que desabou no chão, uma imensa figura abriu a porta com tudo. O som do chute na porta foi abafado pela voz do ser.

— Quem está aí? O que está acontecendo? — gritou o recém–chegado.

Era um pouco mais alto e corpulento que Arges, com uma barba ainda mais densa e escura, cicatrizes na face e um tapa–olho do lado direito. Apesar da aparência rude, foi um alívio para Arges descobrir que se tratava de seu irmão Estérope.

— Sou eu, seu idiota — respondeu Arges, juntando forças para poder se levantar.

— Quem? Quem está falando?

— Vire para sua direita, seu cego! E venha me ajudar.

Realmente, o tapa–olho de Estérope lhe consumia toda a visão de sua lateral direita. Mas, assim que notou seu irmão, foi ajudá–lo.

— O que houve, Arges?

— Ainda bem que você chegou! Não tenho tempo para boas–vindas; temos trabalho a fazer para o rei. Vou precisar de ajuda, ainda mais agora… Não vou conseguir trabalhar com um dos braços desse jeito.

— Você precisa é descansar, irmão. Deixe isso para depois. Vamos comer, trouxe algumas caças… Não sei que animais eram, mas tinham quatro patas, fugiam assustados e pareciam suculentos. Ou seja, um ótimo banquete.

Os irmãos fizeram seu banquete, assando as carnes que Estérope trouxera do Sul. Enquanto comiam, ele contou como foi sua viagem. Falou dos estranhos deuses que encontrou, que não se decidiam se eram homens ou animais; contou também como conheceu um deus que, assim como ele, só tinha um olho, mas que tinha fugido por conta própria.

Arges, por sua vez, explicou a tarefa que tinham que realizar até a manhã seguinte. Contou também o que tinha extraído da nuvem.

— Isso é bom — disse Estérope, enquanto mastigava. — Quer dizer que é algo poderoso.

— Sim, mas… — Arges olhou para seu braço, analisando friamente o machucado. Sua natureza divina impediu que tivesse sucumbido pelo acidente, mas a dor e queimadura que sofrera o impediam de trabalhar tão logo. — Ainda não está pronta. Falta poder dominá–la, se é que isso é possível. Além disso, para o rei precisa ser algo deslumbrante e terrível, não apenas poderoso.

— Fique tranquilo — disse Estérope enquanto passava a mão na barba para tirar a comida acumulada. Levantou–se e foi direto para a oficina, seguido de Arges. — Você precisará de alguns dias pra recuperar esse braço e voltar para a forja, então deixe comigo. — Estérope vestiu suas luvas, pegou o objeto em forma de fio que ainda se agitava no chão e colocou dentro da forja acesa. — Você tem razão! Para nosso rei não

basta uma arma poderosa: ela tem que ser majestosa, magnífica! Que brilhe até mesmo na última fagulha do entardecer!

Arges via seu irmão trabalhar sem parar de falar. Os três irmãos eram exímios ferreiros, mas, ainda assim, Estérope parecia estar ensinando como forjar uma lâmina. No entanto, o que o irmão estava fazendo, Arges imaginou, era matraquear para manter a empolgação que tinha ao voltar para a forja.

Enfim, o ferreiro retirou da forja o pálido fio vibrante, agora com um vívido amarelo–escarlate que reluzia naquela oficina mal iluminada. Estérope deitou–o em uma das bigornas e iniciou uma série de estrondosas marteladas.

O som foi tão alto que Arges e Estérope não notaram a chegada de um terceiro indivíduo, de cabelos compridos até a nuca e um bigode que se unia ao cavanhaque. Tão escuro quanto os cabelos, cobria apenas a região do queixo, mas tinha mais de um palmo de comprimento. Era Brontes, o mais novo dos três irmãos. Trazia consigo uma bolsa de couro, que se perdia no meio de tantas peles de animais que vestia — era tanta roupa que Brontes parecia ainda maior do que era.

— Ah, já estão trabalhando? — exclamou Brontes, despindo as peles de animais antes de deixá–las amontoadas próxima à porta.

Brontes tinha vindo de terras geladas ao norte; ali, no Mediterrâneo, até poderia usar alguma daquelas roupas em algumas épocas do ano, mas, naquela oficina, com a forja acesa, era pedir para derreter em minutos. — É bom vê–los dispostos! A viagem me deu algumas ideias.

— Sim — respondeu Arges. — Estamos com uma encomenda urgente para o rei. Acabei me machucando e Estérope teve que assumir daqui.

— O rei?! — Brontes pareceu ficar apreensivo. Por um momento olhou para o nada, pensativo.

Arges sabia o que passava pela cabeça dele: a dívida de honra que tinham com o rei, e o motivo dela.

— Afinal, o que estão criando?

Todos tinham que forçar a voz para se ouvirem, com tantas marteladas de Estérope. Ele, inclusive, estava tão entretido com seu trabalho que nem notara a chegada do terceiro irmão. Ele não parava, martelando

incansavelmente aquele poderoso fio que se contorcia junto as pancadas — na verdade, agora era mais que um fio; parecia uma raiz ou um galho de árvore, com apêndices que saíam da linha principal.

A oficina, que costumava ser escura ou iluminada quase exclusivamente pela forja quando acesa, agora ganhava uma nova fonte de luz. O objeto serpenteante saia da forja, rubro como fogo, e se tornava ainda mais brilhante quando as marteladas recomeçavam, até chegar em um forte branco azulado. A cada movimento do ferreiro, a arma ganhava vida, movimentando–se ferozmente para tentar atacar seu criador, assim como fizera com Arges. Estérope não podia nem mais segurá–la com a luva, e agora só a manipulava a certa distância, usando a tenaz.

— Para falar a verdade, ainda não sei o que ela é. — Arges e Brontes estavam vidrados na imponência que ganhava a cada forja, a cada batida contra a bigorna. — Mas posso dizer que quase sinto pena do infeliz que for atingido por ela no meio do crânio.

— Quase, né? Pois acho que sabemos contra quem nosso rei irá utilizá–la.

Ambos se olharam. O silêncio entre eles, quando não era preenchido pelo som do trabalho de Estérope, era ocupado pelas memórias dos dois ferreiros — memórias do passado sombrio e tortuoso pelo qual os três haviam passado. Lembranças que foram cortadas por um grito de Estérope.

— Ahá! — Os irmãos voltaram–se assustados para ele. — Finalmente! Agora é o passo final.

Em um único movimento, o ferreiro mergulhou sua obra em um grande tambor cheio de óleo. A arma parecia agonizar, movendo–se de forma ainda mais frenética enquanto a fumaça e o sibilo típico das têmperas anunciavam sua finalização.

— Vejam como é perfeita! — continuou. — Não é uma lâmina, nem mesmo um metal: é uma força da natureza! — Estérope falava para si mesmo, enquanto erguia pela tenaz a assombrosa arma. E, pelos Deuses!, ela era de fato magnífica. Iluminava as gotículas de suor da testa do ferreiro e seu único olho, que fitava vidrado o hipnotizante dançar do próprio objeto. — Veja, Arges, acho que está pronta. — Virou–se para

eles, e só então percebeu que seu irmão mais novo havia chegado. — Olá, irmão. Arges lhe contou sobre nossa nova tarefa?

— Sim. E de fato esse é um trabalho primoroso! — Brontes aproximou–se da mesa e pegou um velho alicate largado ali. — Mas ainda acho que falta algo.

Arremessou o alicate na ponta da arma, que brilhou ofuscando Estérope — até que todos perceberam as duas metades do pobre alicate caído no chão.

— Veja! É um poder descomunal.

— É sim, Estérope! Contudo, veja: seu brilho a torna tão imponente quanto nosso sol, mas quem tem medo do sol, apesar de toda sua grandeza? Agora pense num leão; com seu rugido, um único leão consegue fazer tremer os ossos de quem o escuta. É isso que falta.

Os três se olharam. Até mesmo Estérope entendeu o que o irmão queria dizer, porém nem ele e nem Arges sabiam o que fazer.

— Eu sei como resolver isso. — Brontes caminhou até sua bolsa, junto aos casacos de peles. — Percorri inúmeras terras, florestas, montanhas e cavernas, e foi no além–mar que encontrei um povo muito interessante. Eram guerreiros, e talvez fosse o calor da batalha que os fizesse não congelarem, pois, quando cheguei lá, já não sentia as pontas dos pés. O rei deles é um homem sábio; imaginem uma mistura do nosso rei com Estérope. — Arges franziu as sobrancelhas, tentando imaginar como seria possível tal ser. — Não, esquece, péssima comparação. Pois, como disse, ele é um homem sábio. — Até o momento, Estérope não estava entendendo nada. — Mas também possuía um tapa–olho. Me recebeu bem, e quando soube que eu era um ferreiro, me convidou a conhecer seus melhores forjadores. Eram homens baixos, e ainda mais carrancudos do que você, Arges. Pelo que um deles me contou, estavam em uma competição para criar as melhores armas ou algo assim. Tinham recém–terminado um martelo: algo impressionante, ainda que imperfeito. Nós faríamos melhor, claro, pois erraram a mão no final e cabo ficou deveras pequeno.

— Brontes, aonde você quer chegar, afinal? — Arges já estava impaciente; não bastava ter aguentado o falatório de Estérope enquanto forjava?

— Calma, meu apressado irmão — disse, enquanto abria e retirava algo da bolsa. — Esses ferreiros colocaram algo nesse martelo: um tremor ensurdecedor. — Brontes fechava muito bem sua mão, segurando algo. — Vejam, tem que tomar muito cuidado para não escapar.

Brontes jogou em direção a mesa o que quer que segurasse. Ainda que nada fosse visto, era como se um chicote estalasse nos tímpanos de cada um, seguido de um tremor igualmente assombroso. Ferramentas foram para o chão com o balançar das paredes e da mesa, que por pouco também não desabou. Era loucura fazer aquilo no interior de uma caverna. Passados alguns segundos, o silêncio retornou. Logo, porém, foi quebrado por Brontes. — Ouviram? Esse é o poder do trovão. Disseram que o martelo precisaria apenas de um, com isso me entregaram vários dos que fizeram antes.

Sem perder tempo, os ferreiros colocaram um desses trovões.

Agora era hora de testar. A vítima escolhida foi uma árvore seca a metros de distância da entrada da caverna. Estérope, cauteloso e de luva, segurava a arma feito uma lança. Assim que o arremesso atingiu o alvo, a árvore tornou–se uma fogueira em uma explosão de luz e tremor. Era impecável, de fato, mas agora havia um problema: ela não mais existia, tendo se dissipado ao tocar na árvore.

Brontes lembrou que ainda haviam inúmeros trovões em sua bolsa, bastava forjarem mais. Era o único jeito e tinham que correr — logo o mensageiro retornaria. Contudo, o empenho dos três era tamanho que viraram a noite forjando, o tempo contado não em minutos, mas sim em números de armas que criavam. Encheram diversas aljavas, as novas criações iluminando a oficina. Já com o sol cruzando o céu, as marteladas de Estérope foram intercaladas com as batidas do mensageiro.

— A arma, por favor — disse o rapaz, assim que Arges abriu porta.

O ferreiro fez sinal para que seus irmãos a trouxessem, e entregou uma aljava cheia e brilhante.

— São só essas?

— Tenha calma, apressado! — Arges voltou–se para dentro. — Irmãos, tragam o restante!

Para cada ida que faziam até a porta, Estérope e Brontes carregavam três aljavas em cada mão. O mensageiro já se curvava, tamanho era o peso

em suas costas. Arges, ainda que sério, sorria por dentro ao acabar com petulância do jovem.

— Devo informar ao rei o nome do que criaram — disse o mensageiro, com certa dificuldade para aguentar o peso e respirar.

— Eu diria que são trovões — respondeu Brontes.

— Pensei em chamá–los de relâmpagos — comentou Estérope.

— Nome muito grande — disse Arges. — Deixe o rei escolher, mas eu sugiro algo curto assim como meu nome. Que tal chamá–los de raios?

Concentrando–se em não derrubar nenhuma das aljavas, o mensageiro apenas concordou com a cabeça e partiu correndo — mas muito mais lento do que de costume.

E assim a nova arma do rei nascia. Graças a ela, ele foi capaz de vencer a guerra contra seus titânicos adversários.

E dizem que o rei adorou tanto que a utiliza até hoje, normalmente nos dias mais tempestuosos.

• • •

LEONARDO TREMESCHIN nasceu em São Paulo, no dia 29 de março de 1987. Sua paixão por mitologia, religião e história impulsionou–o a criar o MITOGRAFIAS em 2009. Após anos lendo e refletindo sobre os diversos mitos, chegou a hora de se aventurar pelos mares da literatura, através da *Antologia Mitografias vol. I: Mitos Modernos*, a qual organizou e participou como autor.

GOD Talks

AJ Oliveira

[A LUZ SURGE]

[Aplausos, mas nem tanto]

[Som de estática]

[Batidas no microfone]

[Pigarro]

Bom lusco–fusco a todos, senhoras e senhores, inclusive aos que não disfarçaram a decepção ante minha pouca semelhança com Tom Hiddleston.

[Risos do público]

Não se preocupem. Pra mim é bem tranquilo perdoar a comparação com um Loki inglês. Diferente do que acontece com aquele Thor da terra dos cangurus ou com o Jesus Cristo macarrônico. Em época de filme novo da Marvel ou novela da Record é sempre um caos. Não passa um crepúsculo sem baixaria do meu irmão e do nazareno nas Happy Hours do Dionísio, e isso piora muito depois de umas biritas.

[Plateia em silêncio]

[Olhares tortos]

Essa não foi uma piada, gente. Eu sei que pega mal pra vocês colocar Jesus no meio, só que ele não gosta nada dessa história de olho azul não. Vão por mim…

Mas isso é assunto pra outra hora; verdade é que eu não me incomodo com esse tipo de comparação por um único motivo: ela é fruto do trabalho duro que desenvolvi desde o início dos tempos, um trabalho que vou mostrar pra vocês em três etapas.

[Som de gole d'água]

Primeiramente, quando me convidaram para participar dessa edição do GOD Talks, jamais pensei que conversaria com um estádio lotado. Já perdi as contas de quantas vezes vocês, mortais, optaram por meu irmão

pra ser o garoto propaganda de Asgard, sempre com algum ato de bravura e heroísmo na ponta da língua. Isso, claro, quando eu não era preterido por algum gigante de gelo aleatório que pudesse dar mais veracidade ao storytelling. Só que…

[Pausa dramática para outro gole]

[Som do copo d'água contra a mesa]

Só que hoje não é um dia como os outros. Até me arrisco a dizer que não estamos em uma época como as outras — e, convenhamos, isso ganha credibilidade na boca de quem existe desde… sempre.

A primeira parte da minha fala tem, como dever, ajudá–los a entender o quão importante vocês são nesse processo, pois se estamos em uma era de mudanças, nada mais justo do que todos aqui no entorno participem dela.

Exemplo disso é que, há pouco, vocês acompanharam as falas do jovem Gilgamesh, seguido pelo discurso acalorado de Aquiles. Apesar de a organização do GOD Talks nos orientar a não falar de outras apresentações, é inegável que a solidão nas jornadas desses meninos se deu por conta do quão incomum era o ato de pensar fora da caixa naquela época. Se tivéssemos, ali, a oportunidade de algo parecido com este coliseu, abarrotado de mortais dispostos a serem os senhores de seu próprio sucesso, essa cultura do conformismo seria coisa do passado. Garanto a vocês!

Senhoras e senhores: hoje, vocês se libertarão da ideia de ficar somente do lado que aplaude os grandes feitos. Quando vocês saírem por aquela porta, todos os aplausos serão para vocês! Essa é a essência dos verdadeiros deuses, e esse é o elixir que vocês podem conquistar pelo seu próprio mérito.

[Som de aplausos de todo o estádio]

Obrigado! Muito obrigado!

[Assobios fortes]

Obrigado, novamente.

[Os aplausos cessam com um gesto de calma do palestrante]

[O silêncio retorna]

Ah, empreender…

Pra quem não sai do seu mundo comum, o empreendedor é somente aquele que já alcançou o sucesso. Isso, vocês bem sabem, é tão absurdo quanto dizer que só é atleta aquele que conquista o pódio.

Empreender é o ato de ser deus; criar modelos inovadores que serão seguidos por outros seres. E esse status só é possível para quem coloca trabalho na frente de tudo! Pra quem *quebra o paradigma*! Pra quem tem *brilho no olho*! Pra quem tem *Know How*! E não pra quem abre uma droga de hamburgueria!

[Mais risos da plateia]

Acreditem: eu também já pensei em desistir algumas vezes. Após o nascimento de meu filho, Sleipnir…

[Voz embarga]

Foi uma gravidez bastante… complicada. Desde a concepção. Não é fácil, vocês sabem disso. E, nessa egrégora do saber, a palavra que deve ser dita enquanto fecham os olhos e perguntam a si mesmos se tudo isso vale a pena é: FOCO.

[Som de murmúrios bovinos repetindo a palavra]

Podem abrir os olhos.

[A plateia obedece]

A segunda parte do que tenho a lhes dizer vai de encontro ao meu modelo de negócio. É difícil traduzir com exatidão como eram as coisas antes do mundo ser mundo. Sabem… o início de tudo? Então… Vou falar de coisas que aconteceram bem antes de Sodoma e Gomorra darem o primeiro selinho. Uma época em que não existia o dinheiro como prioridade para startar um projeto de renome. E é aqui que eu preciso da atenção de vocês.

No início, só havíamos nós, os deuses, além da energia que nos alimentava. Essa energia era algo maior que o Templo de Salomão. Maior que o Monte Olimpo. Maior do que o Tártaro e o Limbo juntos. E nós éramos todos um lindo comercial de margarina enquanto nos alimentávamos dela.

Um dia, um grupo desses deuses disse que criaria algo novo. Algo que nos divertiria mais do que apenas o consumo da energia. E foi assim que nasceu tudo o que tomamos como criação: céu, terra, animais e vocês — infelizmente não dá pra acertar em todas. No começo a ideia parecia

revolucionária, mas só até a gente notar que a energia se tornara escassa. Nós havíamos sido enganados.

Imaginem um rio. Agora, imaginem as águas desse rio sendo desviadas para as plantações alheias. Dando nome aos bois, essa fazenda é o que chamamos de mundo, o rio de energia é o que hoje chamamos de fé e as plantações são vocês, mortais.

Decidimos falar com esse grupo de deuses para desfazer o mal entendido, mas o que eles construíram, nos moldes de hoje, poderia ser facilmente caracterizado como uma triangulação, uma "lavagem de fé", onde a energia alimenta o homem que alimenta seus criadores através de oferendas e orações. Para nós, que ficamos de fora, nos foi oferecido fazer parte daquela criação. Quem não aceitava...

[Som de água sendo despejada dramaticamente no chão]

De fato, não existe almoço grátis. Antes, nossa moeda era a energia, mas a partir do momento em que essa energia precisava ser filtrada pelos mortais até chegar aos deuses, a moeda passou a ser a fé, o ato de acreditar.

Senhoras e senhores: está no DNA do verdadeiro empreendedor encontrar saídas nas situações mais adversas, e foi após esse processo de *design thinking* que pus em prática meu produto. Um produto que tinha como objetivo desviar a fé dos ignorantes que, àquela altura, agradeciam aos seus chefes tiranos até pela água que caía dos céus.

Eu criei a mentira.

[Murmúrios na plateia]

[Mais batidas no microfone]

E não me olhem assim. Estamos entre iguais nessa. Vão me dizer que minha invenção nunca os ajudou a chegar aonde chegaram?

Voltando...

Se os deuses criadores acertaram em alguma coisa, foi que aquele mundo seria bem mais divertido do que se alimentar eternamente num oásis de energia. Para colocar meu plano em prática, fui o primeiro a aceitar a proposta deles. A partir daí, foi trabalho de formiguinha. Mas, apesar do processo demorado, jamais esquecerei a sensação dos primeiros resquícios de fé correndo em minhas veias.

A mentira foi a primeira Startup do mundo. E, apesar de sempre trabalharmos com os mesmos padrões da "indústria", vocês podem ter certeza de que os criadores iam preferir me expulsar, com uma mão na frente e outra atrás, em vez de me dar um certificado ISO pelo reaproveitamento das migalhas de energia que eles deixavam por aí.

A abertura do mercado da fé foi o passo seguinte, de forma que convenci outros deuses famintos a aceitarem a proposta inicial dos criadores. Um dos casos que marcaram esse processo foi quando ofereci a Baal a mentira sobre ele ser o único e verdadeiro deus. Ele gostou tanto da ideia que não só disseminou minha mentira como capilarizou a fé por todo o mundo. Praticamente uma vendedora da Avon.

Sinto dizer, mas caso alguém ainda chame o Diabo de "O pai da mentira", devo informá–los que, quando ele pensou ter descoberto essa terra, teve que me pedir licença pra poder entrar nos andares mais baixos da pirâmide que criei.

Obviamente, o mundo é dos mais fortes em ocasiões como essa. Muitos deuses deixaram de existir por não se adaptarem à disputa pela fé dos mortais, e foi assim que começamos a nos unir como sócios, criando nossas próprias terras, mitologias e mentiras para garantir o suprimento de fé necessário para não desaparecermos.

[Alguém da plateia se levanta e grita uma pergunta]

Se eu sei qual é o deus que criou tudo? Claro que sei, mas como esse tema garante quase 30% das minhas ações no mercado da fé, não poderei te ajudar.

[Vaias]

Como eu disse no começo desta palestra, o objetivo do encontro é falar sobre "empreender da forma certa", e isso significa imortalizar os modelos de negócio que você cria. Se eu perguntar em voz alta quem aqui é um empreendedor de sucesso graças à riqueza dos pais, muitos vão negar pelo simples fato de a mentira ter um sabor mais agradável do que a vida real. Como um deus, só por ter feito essa pergunta eu consigo saber quanto as minhas ações crescem conforme vocês mentem pra si próprios.

Do mesmo jeito que, graças ao meu trabalho, hoje o mundo conta com diversos deuses com as mais diversas etnias, vocês, mortais, só

conseguem dizer que pedaços de papel e combinações de "zeros" e "uns" têm valor porque muitos acreditam nisso. Não por acaso o dinheiro também se tornou uma espécie de deus. Mas o que eu quero lhes dizer é que esse é o verdadeiro "fora da caixa" que deve ser posto em mente. Por ter pensado assim, por ter apostado em uma gestão de negócio calcada em planejamento, posso dizer que meu modelo de negócio nunca falirá. Ou seja: eu jamais deixarei de existir, pois, sempre que houver uma mentira, eu estarei lá, e sempre que alguém acreditar ou a reproduzir, essa pessoa estará em mim.

É como Herbalife, só que funciona.

[Acenos positivos da plateia, exceto do atual chairman da Herbalife]

A mentira é o empreendimento mais democrático já inventado. Para mentir, basta estar vivo. O problema é que a acessibilidade a essa ferramenta começou a trazer problemas, e é esse o terceiro e mais importante ponto que vim tratar com vocês.

Vamos começar pelas placas de "Foi Deus quem me deu". Apenas parem; ninguém mais acredita nisso. Você que ainda alega influências do divino, ou mesmo o termo "quântico" em seus empreendimentos: saiba que esse recado é pra você. Além de esse tipo de mentira não ser útil para manter seus clientes fiéis por muito tempo, desvaloriza as chances de negócio dos bons mentirosos, ampliando o mar de desconfiança. Ouçam: de nada vai adiantar lutarmos e reclamarmos da falta que se dá ao empreendedorismo de guerrilha se fizermos vista grossa para os que regam a flor da desconfiança alheia.

Eu me pergunto até hoje por que ninguém se questiona sobre o curandeirismo nunca ter funcionado com amputados, ou o porquê dos modelos de pirâmide ainda enganarem meia dúzia de iludidos por alguns meses. E o pior de tudo: por que cargas d'água ainda há quem fique bilionário simplesmente dando palestras sobre como ser um bilionário?

Esse meu aviso, senhoras e senhores, pode vir com um tom de puxão de orelha. Também não estará errado quem me acusar de estar preocupado com o rumo que meu próprio empreendimento pode tomar conforme o ato de mentir se defasar. Mas a única verdade que venho lhes trazer é a seguinte: se a próxima geração de valor continuar nesse ritmo, a seguinte terá de empreender apenas com a verdade.

Vocês estão preparados pra isso? Eu estou. E como meus quinze minutos estão chegando ao fim, só me resta provar isso dizendo que minhas ações aumentaram em 5% durante esse papo que tivemos.

Muito obrigado.

[Aplausos efusivos]

[A luz apaga]

[Aplausos e gritos]

• • •

AJ OLIVEIRA costumava chancelar confrontos entre entidades gregas e cristãs até o dia em que um empreendedor de palco lhe ofereceu uma proposta supostamente irrecusável como faraó de uma pirâmide de Coach's divinos. Após uma ação trabalhista no fórum de SP tirá–lo desse empreendimento de sucesso, voltou a distribuir seu tempo entre os podcasts *Os 12 Trabalhos do Escritor* e o mais recente *Desafio ExMachina*, além do seu romance intitulado *Asas, pingentes e imortais* pelo Wattpad. Também é autor do Conto "Geração de vapor", pela coletânea *Café Express: A história por trás do Oeste*.

Twitter: @Ajota_oliveira
Facebook: @Juve.Oliveira
Instagram: @Ajota_Oliveira
Romance Wattpad: *Asas, pingentes e imortais*
Coletânea *Café Express*

Tudo que Se Planta Dá

Jana P. Bianchi

Talita tomou um gole do café. Frio, fraco e amargo — não muito diferente de como ela se sentia.

Seu estômago embrulhou quando viu o monte de pó acumulado no fundinho da xícara de vidro âmbar, aquele tipo de xícara que pode cair do alto de um prédio e ainda assim sair intacta — muito diferente de como ela se sentia. Pelo contrário: ela se sentia mais frágil do que nunca, prestes a quebrar em mil pedacinhos afiados que cairiam embaixo da geladeira e ficariam perdidos para sempre na escuridão.

Reprimiu uma ânsia de vômito e desviou os olhos quando se lembrou do que tinha acabado de assistir. A sujeira na xícara lembrava a borra imunda e malcheirosa que o médium havia tirado de dentro de Laura — ou havia alegado tirar, porque a única prova da dita cirurgia era o que tinha visto com os próprios olhos: o esfregar frenético dos dedos encarquilhados sobre o abdome inchado da mulher, as gazes brancas cheias de álcool ficando sujas como que por um efeito prático mal feito de um filme de baixo orçamento, as mãos do homem se abrindo para revelar a maçaroca que parecia uma mistura de terra e argila e cabelos e pelos e ossos e outras coisas que Talita preferia não identificar. Mas, fora o resultado nojento do ritual, não havia mais nenhum sinal de que algo tinha acontecido de verdade. Nenhuma cicatriz, nenhuma guia do plano de saúde, nenhuma melhora imediata e milagrosa, nenhuma receita de comprimidos caros, nenhum cartão de condolências acomodado na cabeceira da cama.

Nem mesmo a cama onde Laura repousava atestava a cirurgia: não era uma cama de hospital, mas sim a cama onde antes elas dormiam juntas, onde assistiam às partidas na tevê quando não podiam ir até ginásio do Ibirapuera para acompanhar os jogos da seleção de vôlei, onde descobriam jeitos novos e bonitos de se amar nas tardes preguiçosas de

domingo. Não que Laura não tivesse tido sua cota de camas de hospital — ela só estava ali porque a médica havia sugerido que já era hora de descansar em casa e deixar as coisas fluírem naturalmente, sem a guia das sondas e dos catéteres e das outras coisas estéreis.

Talita empurrou a louça suja para o lado e abriu uma folha de jornal no tampo da pia. Sobre o misto de manchetes sangrentas e chamadas sensacionalistas, bateu a xícara para se desfazer do pó acumulado no fundo. Depois de hesitar um único instante, usou um papel toalha para pegar a borra nojenta da cirurgia e também se desfez dela no jornal, embrulhando tudo junto com as gazes que ainda pareciam resquícios cenográficos de uma pegadinha de mau gosto.

— Cê vai enterrar, né?

Mila entrou na cozinha. Ou já estava lá antes; Talita não saberia dizer.

— Não, Mila. — Ela tomou o cuidado de pontuar a frase com a maior displicência possível. — Vai direto pro lixo.

— O cara disse que é pra enterrar — insistiu a filha, um tom de desafio adolescente na voz.

— Mas ele também disse que não deu pra fazer muita coisa — Talita respondeu, cheia da paciência acumulada ao longo dos anos como instrutora de vôlei das categorias de base. — O seu Nicanor disse que já é tarde demais. Cê ouviu, não ouviu?

— Mas custa enterrar, mãe? — Mila perguntou, estendendo a mão para o bolo de jornal.

— Custa, Camila — disse, a calma lhe escapando mais em reação à dor do que à insistência da garota. — Custa arrumar uma pá, custa sair de casa essa hora, custa achar um lugar com terra macia, custa cavar…

… custa admitir que eu acreditei de verdade nessa baboseira, pensou, mas não disse mais nada.

— Dá aqui que eu mesma vou enterrar, então — a menina avançou para pegar o jornal amassado.

— Não, não vai. — Talita desviou da filha para jogá–lo no lixo da área de serviço. — Chega dessa palhaçada.

— Mas que merda! Cê faz tudo errado! — Camila acusou, a voz esganiçada. — A *minha mãe* teria enterrado.

O jeito com que disse as palavras fez Talita suspirar. Treze anos se convencendo a não dar tanto valor àquele golpe baixo que, ela sabia, surgiria sempre que os argumentos acabassem. Treze anos falhando miseravelmente.

— Ela…

— Ela segue as regras, tá bom? — a menina interrompeu. — Ela sempre faz tudo do jeito certo. Ela é *foda*.

— Você tem toda a razão. — Talita ignorou o palavrão, pensando em como Laura realmente desligava o celular assim que entrava no cinema, como obedecia ao limite de velocidade da pista mesmo quando não havia radares, como ficava brava quando Talita propunha baixar um filme pirata mesmo quando era impossível achar um jeito legal de assistir. — Acontece que eu não sou ela.

Camila abriu a boca para retrucar, mas foi interrompida pela volta do médium. O velho tinha a barba por fazer e estava vestido com uma roupa toda branca — uma troca limpa, porque a que ele vestia antes da operação tinha ficado suja do que quer que ele usasse pra fingir os coágulos bizarros. Ele terminou de enxugar as mãos úmidas nas calças e balançou a cabeça em um cumprimento tímido.

— Já usei o banheiro, dona Joana. Brigado.

A filha se empertigou para falar alguma coisa, mas Talita calou–a com um olhar de advertência. O olhar já não tinha o mesmo efeito de quando a menina tinha três anos, mas Mila era mais teimosa do que mal–educada.

Balançando a cabeça para não afundar nas lembranças da época em que havia conhecido Laura e a filha nas aulinhas introdutórias do clube, Talita apontou para a garrafa térmica.

— O senhor quer mais café?

— Não dona, brigado. Já tô indo.

Talita acompanhou o velho até a porta, seguida por Mila.

— Seu Nicanor… — A garota se colocou entre o homem e a passagem. — Tem que enterrar o troço, né? — perguntou, a raiva mal escondida na voz.

— Teria. Mas assim, fia… — O médium coçou a cabeça. — Desculpa. Não é tudo que eu posso fazer, sabe? Eu não sou mentiroso não,

nunca enganei ninguém. Não é hoje que vou dizer procêis que eu posso dá jeito na doença que sua mãe tem. Não mais.

A menina soltou outro palavrão, fazendo Talita bufar, e saiu correndo para o quarto. A mulher balançou a cabeça, esfregou o rosto e apoiou o corpo no batente da porta, esperando Nicanor chamar o elevador. Quando abriu os olhos, porém, ele estava no mesmo lugar, encarando–a. Ele esticou o pescoço para olhar de novo para dentro do apartamento, como se estivesse assegurando–se de que estavam sozinhos, e deu um passo à frente.

— Ainda tem um jeito, dona Joana — sussurrou.

— Desculpa, não entendi — Talita deu um sorrisinho polido.

— Ainda tem um jeito. Eu conheço um jeito de resolver qualquer coisa. — Ele baixou a voz: — Qualquer coisa mesmo.

Talita bufou. Era exatamente o que tinham dito ao indicar aquele mesmo médium. A mesma atmosfera misteriosa, o mesmo tom de quem divide um segredo muito exclusivo e importante, a mesma condescendência com o desespero que ela já era incapaz de esconder. Tudo era igual. Não tinha por que acreditar que o resultado seria diferente.

— Eu agradeço, mas…

— Olha, não é pra todo mundo que eu indico — o homem continuou, a voz assumindo um tom apaixonado que fez Talita recuar um passo. — Só falo quando eu sinto que a pessoa não tem limite. Que o amor… que ele é de verdade, sabe? De verdade *mesmo*.

A mulher hesitou. Só ela sabia até onde iria para curar o câncer de Laura. Só ela sabia o quanto aquele amor era verdadeiro — a maior prova, talvez, fosse justamente o fato de estar cogitando dar ouvidos aos sussurros febris de um cirurgião espiritual.

— Por quê? — perguntou, apenas.

— Porque o preço não é baixo não, dona…

Talita deu uma risadinha sarcástica. Era assim que funcionava o esquema, então. Simples, ainda assim tão efetivo: a cirurgia espiritual era gratuita, um sinal de boa fé que enchia a pessoa de esperanças — eles estariam inventando aquilo tudo a troco de quê, afinal? Mas aí a cirurgia "dava errado" e a alternativa que realmente daria certo — uma exclusiva,

mas que era realmente infalível — era muito bem paga. Não deixava de ser um esquema inteligente.

— Ah, já entendi tudo — Talita disse, seca. — Obrigada, mas eu…

— Eu sei o que cê tá pensando. Mas acontece que não é questão de dinheiro, dona — o homem interrompeu, apertando o botão do elevador. — Antes fosse.

Ficaram os dois em silêncio, ouvindo o grunhir do motor, até que o elevador chegou com um tranco e a porta se abriu. O médium entrou e virou–se de novo para Talita. Depois de um instante, levou a mão ao bolso de trás da calça surrada e, de lá, tirou um cartão de visita.

— Aqui, o telefone do Firmino — ele disse, e estendeu na direção da mulher. Laura não se mexeu, e o elevador enfim começou a se fechar. O homem balançou a cabeça e continuou: — A senhora é uma mulher boa, sei que vai conseguir o que quer. É só tomar cuidado com o que vai dar em troca… dona Talita.

E, com um gesto de um hábil jogador de carteado, o homem fez o cartão voar pela passagem e pousar no chão do corredor. As portas se chocaram com um estrondo um segundo depois e Talita sentiu o queixo cair: numa mistura de medida de segurança e vergonha da própria atitude, tinha guardado o nome verdadeiro para si. Desde a primeira ligação, feita de um chip descartável de celular, tinha se apresentado como Joana. Nunca como Talita.

Coçou a cabeça e se abaixou para pegar o cartão. Ou o velho médium era mais astuto do que parecia… ou Talita estava realmente se metendo com coisas que não tinha como explicar. E, qualquer que fosse o caso, ela não tinha mais muito a perder.

•

Mais uma ligação de um número provisório de telefone, mais uma decisão tomada na base do desespero e, dois dias depois, Talita pegava a Imigrantes rumo ao litoral, depois de pedir que Ana, irmã de Laura, passasse o sábado cuidado dela e de Mila.

Durante as duas horas e meia de viagem até Itariri, Talita repetiu mentalmente o mantra de que não estava criando nenhuma expectativa;

estava apenas dando uma última chance inofensiva ao que parecia improvável — mas daria no pé na mesma hora se chegasse na aldeia Rio do Azeite e encontrasse algo estranho ou inesperado.

Categoria na qual, de um modo ou de outro, encaixava–se a pequena sede do ministério evangélico com o qual deu de cara assim que chegou ao pequeno conjunto de casinhas de madeira acusada como destino pelo GPS. Mas Talita nem teve tempo de ver a surpresa se transformar em desconfiança: cinco minutos depois de pedir informações a respeito do paradeiro de cacique Firmino, o homem com quem tinha falado ao telefone, o próprio chegou dirigindo uma caminhonete caindo aos pedaços que levantava poeira por onde passava.

Para a surpresa da mulher, a recepção não foi exatamente calorosa. Firmino — que vestia uma calça social, uma camisa polo listrada de branco e amarelo e um boné com o número e o nome de um vereador — parecia ainda mais desconfiado que Talita. Só permitiu sua entrada em uma construção anexa ao ministério depois de a mulher repetir pela terceira vez a história da luta de Laura contra o câncer e suas mil metástases, sempre reforçando sua chegada a Itariri por indicação direta do médium Nicanor. Enquanto Talita dividia detalhes do histórico médico que já sabia de cor, foram interrompidos três vezes por pessoas procurando a liderança do cacique em questões práticas da comunidade — a remessa de tijolos estava atrasada, a manutenção no poço ia ter que ficar pro dia seguinte, a médica do posto de Peruíbe queria falar com ele sobre a próxima campanha de vacinação…

Talita afastou os mosquitinhos do rosto enquanto Firmino a encarava com os olhos amendoados, brilhantes no rosto moreno marcado por rugas profundas. A parede fina de madeira da construção não bloqueava em nada o som dos cânticos evangélicos entoados na sede ao lado, os acordes do violão acompanhados pelas batidas ritmadas do que parecia um chocalho.

Firmino enfim fez um gesto positivo com a cabeça.

— Tem sim o que fazer pela mulher da senhora — disse o homem. — Mas não sei se a dona vai ter estômago.

Talita ergueu as sobrancelhas, surpresa pela afronta.

— Meu estômago é bem forte.

Os lábios do cacique contorceram–se num quase–sorriso.

— Imagino.

Minutos depois, Talita embarcava no banco do carona da caminhonete do homem, que dirigiu por quase vinte minutos por um caminho que se afastava do centro de casebres de madeira. Talita sentiu um arrepio quando a estrada de terra começou a ficar mais estreita, as bananeiras dando lugar a uma vegetação mais fechada. Arrependeu–se do ímpeto inconsequente assim que notou a falta de sinal do celular, a cabeça cheia de cenas mórbidas de assassinato ou coisas piores.

Mas Firmino seguiu plácido, silencioso, até um conjunto de construções, que lembravam pequenas ocas redondas, surgir à esquerda do caminho. Eram todas iguais, de paredes de alvenaria e teto de palha, sem janelas. O homem estacionou diante de uma delas e desceu do carro.

— Muito, muito, muito tempo atrás, a menina foi enterrada aqui — disse, batendo a porta do veículo, o braço fazendo um gesto abrangente na direção das construções.

Talita notou a chuva forte se armando no horizonte.

— Que menina? — perguntou, fechando os olhos para evitar a poeira que o vendaval trazia.

— O curumim que a terra devolveu em forma de rama.

Ficaram ambos em silêncio enquanto Talita tentava entender o que ele dizia. Até que uma lembrança não tão antiga, uma historinha de um livrinho que tinha lido para Mila quando ela era pequena, a fez ter o estalo.

— Maní? A menininha feliz que renasceu pra salvar a tribo da fome? — Ela bufou, incrédula. — Cê deve estar de brincadeira comigo… A menina da mandioca?

Firmino fechou os olhos e deu uma risada amarga, como se Talita tivesse falado uma grande bobagem de mulher da cidade. Acabou concordando com a cabeça, porém, como se estivesse cansado demais pra explicar. Sem falar mais nada, tirou um molho de chaves do bolso da calça e abriu o grande cadeado que fechava a porta de madeira de uma das ocas. Talita franziu o nariz quando a lufada de ar quente atingiu seu nariz, trazendo o fedor inconfundível da podridão e da morte.

— Eu não acredito em um monte de coisa, dona. Eu sou um homem prático. Eu cuido da comunidade, cuido dos meus… Eu sou cacique, não sou pajé. Acontece que, como meu pai, e o pai dele antes disso, eu acredito na terra — ele disse, como se estivesse se justificando. — E, nessa terra aqui, *tudo* que se planta dá.

Quando os olhos de Talita se acostumaram com a escuridão, ela viu as cinco ou seis touceiras, cheias de folhas surpreendentemente verdes para algo plantado dentro de um lugar sem janelas, longe do toque do sol. Mas era inegável que os vegetais estavam satisfeitos com os recursos: as plantas variavam de brotos de alguns centímetros a árvores mais vistosas, as copas batendo na altura do peito de Firmino.

— O cheiro é horrível, mas meu estômago ainda passa bem — disse Talita, respirando bem pouco pela boca, torcendo para que saíssem dali antes que seu corpo a traísse e o café da manhã acabasse servindo de adubo.

— O cheiro não é nada — disse o homem, com um abanar da mão. — O estômago é pra coisa que a dona vai ter que plantar.

Talita não entendeu direito, mas sentiu um arrepio na espinha. O cacique fez um gesto com a cabeça e ela o seguiu pela oca até um pedaço remexido de terra, nenhuma planta à vista. Sem falar nada, Firmino pegou a enxada apoiada na parede da oca e começou a cavar. Não precisou ir muito fundo para revelar o que estava enterrado ali.

Talita deu um grito quando identificou uma mão com uma aliança dourada, um pênis, um umbigo.

Recuou, trêmula, até a porta da oca. Firmino não deu sinal algum de se comover; ao contrário, empurrou a terra para fechar de novo a cova rasa e usou a enxada para cavar ao redor do caule da maior das moitas, mais próxima do fundo da oca. Com um puxão, arrancou a planta da terra, largou a ferramenta de novo encostada à parede e saiu da oca.

— A família vem buscar essa hoje.

Talita saiu logo depois, sem dar a mínima para a última informação. Respirou bem fundo o ar limpo, fresco e úmido, concentrando–se no esforço de não vomitar.

— O que é isso? — perguntou, sentindo–se fraca. — O que vocês fazem aqui?

Um trovão retumbou, não muito longe. O céu já estava quase todo preto, contrariando a hora do dia. O cacique fechou a porta, passou a corrente pelo ferrolho, trancou o cadeado e, antes de largar a planta na caçamba da caminhonete, limpou as raízes com a mão para mostrá–las para Talita.

A mulher arfou quando notou o relógio dourado preso entre as raízes, parte da pulseira metálica e inteiriça engolida pelo crescimento do tubérculo.

— A gente não faz nada não, dona — disse Firmino, entrando no carro. — Quem faz é a terra.

Passaram a viagem de volta trocando perguntas e respostas objetivas. A raiz que nascia ali produzia um chá especial. Laura precisaria tomar uma dose por dia, todos os dias, até a próxima lua cheia. Sim, ia doer: Laura pioraria muito antes de melhorar — o segredo era ver a cara da morte, sentir o hálito dela e só então começar uma jornada dura para longe da dor e da escuridão. Sim, a planta era exclusiva para cada tratamento. Não, aquilo não podia ser compartilhado com ninguém. Era proibido tirar fotos ou mandar a planta para análise de laboratórios de pesquisa dos doutores que sempre duvidavam do que não estava nos livros. Era impossível replantar o tubérculo — a planta morria em pouco tempo longe daquela terra, então era preciso ministrar o chá o mais rápido possível. Talita não quis saber qual seria a punição a quem desobedecesse às ordens, sempre concordando com a cabeça.

Quando enfim questionado sobre responsabilidades e envolvimentos com a polícia, Firmino foi curto e grosso.

— Eu tenho todos os contatos. IML, polícia. A dona já ouviu alguma coisa sobre isso no jornal? — perguntou, e Talita negou com a cabeça. — Então. Eu sou o mais interessado em não chamar atenção nenhuma.

— E o preço disso tudo?

— Em dinheiro? Nada — disse Firmino, seco, e Laura sentiu um novo arrepio na espinha. — A senhora já vai pagar muito bem.

— Tá. — Talita engoliu em seco, a cabeça febril maquinando mil jeitos de arrumar um cadáver. — Eu só preciso de um corpo.

— Não, não — disse Firmino, balançando a cabeça, e o silêncio encheu a cabine da caminhonete. Um trovão retumbou bem perto e a chuva começou a cair, as gotas grossas batendo no para–brisa. — A semente precisa morrer aqui. Vai beber o chá que a gente faz, tirar a roupa, deitar na cova e dormir. Dormir, e dormir e dormir, até voltar como rama.

Talita arregalou os olhos.

— Quer dizer que eu preciso trazer uma pessoa… viva? — murmurou, e o cacique apenas deu de ombros. Ela balançou a cabeça. — Tudo bem, tudo bem. Eu posso fazer isso, eu…

Firmino balançou a cabeça de um lado pro outro.

— Não é qualquer pessoa, dona. — Ele desviou a atenção da estrada por um instante, virando–se para a mulher. — Precisa ser alguém especial.

— Alguém especial…?

— Isso. — Ele olhou bem no fundo dos olhos de Talita antes de estender a mão e girar o dial do velho rádio da caminhonete, o sertanejo de raiz explodindo pelos alto–falantes. — Alguém especial pra pessoa doente.

•

A segunda viagem até Itariri passou muito mais rápido do que a primeira. A companhia de Mila — com suas músicas e suas selfies e seu jeito prolixo de contar as tramas dos livros de romance que devorava — tornava tudo melhor. Mais triste, quando Talita pensava no que ia acontecer. Mas, ainda assim, melhor.

— Por que a tia Ana não veio direto com gente? — perguntou a garota, selecionando no Spotify a playlist que deveria trazer a atmosfera de verão.

Um conceito que já não faz mais sentido nenhum, pensou Talita, que parecia perdida em um inverno eterno desde a descoberta da doença de Laura.

— Porque sua madrinha precisou fazer um exame de sangue agora cedo. Ela vai encontrar com a gente mais tarde — disse, e não era uma mentira completa.

Talita pousou a mão no joelho de Mila e a menina contorceu–se para encostar a cabeça no ombro da mãe.

— Queria que a mamãe tivesse vindo com a gente também.

Laura tinha sido a primeira a apoiar a viagem–relâmpago até o litoral. Ela estava tão estável quanto possível, e achava que aquela seria uma ótima oportunidade de passar um fim de semana na companhia dos próprios pais enquanto Talita e Mila tiravam um tempo longe da atmosfera pesada e mórbida.

— Logo ela vai poder estar — Talita disse, e aumentou o volume da música.

Mila só começou a perceber que tinha alguma coisa estranha quando já estavam quase chegando a Rio do Azeite.

— Mãe, esse não é o caminho de sempre, né? — Ela se empertigou no banco do carro. — Que lugar é esse?

A dúvida na voz da menina fez Talita sentir–se um monstro. Treze anos antes, ela tinha assumido por vontade própria a promessa de proteger a menina de toda a maldade e a tristeza do mundo. Era uma pena que precisasse quebrar a promessa justamente daquele jeito.

— Calma, tá tudo bem. Eu vou te explicar tudo, meu amor. Cê confia em mim?

A menina franziu as sobrancelhas, os braços apertados em volta da mochila, mas enfim confirmou com a cabeça.

Quando chegaram, Firmino já estava esperando em frente ao ministério, a caminhonete ligada. Um outro homem de traços indígenas estava sentado na caçamba, um chapéu de boiadeiro enfiado na cabeça.

Talita e a filha se espremeram para caber no banco do utilitário. Mila tinha a expressão fechada, olhando de um lado para o outro enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Ela fez menção de perguntar alguma coisa, mas Talita apenas passou o braço por cima de seu ombro e deu um sorriso, tentando fingir que não havia motivos para preocupação.

Quando chegaram no conjunto de ocas, Firmino saiu do carro e o homem na caçamba o acompanhou. O cacique fechou a porta e apoiou–se na janela pra falar com Talita.

— Cêis podem conversar aqui enquanto eu preparo tudo.

Talita gostava de acreditar que o silêncio já dizia muita coisa, mas a verdade é que não tinha escapatória. Precisava dizer as coisas com todas as palavras — a filha merecia pelo menos isso. Com calma, explicou por que estavam ali. O que precisavam fazer para que desse tudo certo. Era muito importante que Mila entendesse todos os detalhes, inclusive qual era o preço a pagar pela cura de Laura. Mas era especialmente importante que ela entendesse quais eram as justificativas.

— Cê não pode fazer isso, mãe — Mila murmurou, enfim. — Cê tá doida. Só pode ser.

E, de certo modo, o simples estado de choque foi pior do que se ela tivesse gritado ou esperneado. Talita sabia que a filha era madura para a idade, mas ainda era uma menina de dezesseis anos. Achava que, na hora do medo e do desespero, ela se comportaria como a criança que ainda era.

— Eu já tomei a minha decisão, filha — Talita disse, incapaz de encará–la. Ela se sentia um monstro.

— FODA–SE! — a menina gritou, abrindo a porta do carro. Agora sim, pensou Talita, imaginando que dali pra frente seria mais fácil. — CÊ PRECISAVA TER FALADO COMIGO ANTES! ISSO NÃO É JUSTO! COMO VOCÊ É CAPAZ?

Talita também desceu do carro. Firmino apareceu na porta de uma das ocas, a expressão neutra de quem já estava cansado de presenciar aquele tipo de discussão. Pouco depois, o outro homem saiu de uma segunda oca, trazendo na mão uma xícara de alumínio toda amassada que parecia cheia de uma bebida fumegante.

— Não é justo mesmo — Talita murmurou, segurando a filha pelos ombros. — Mas é o certo. Sua mãe… ela sempre faz o certo. É minha vez de fazer o certo por ela.

— Mãe, isso não é o certo! É errado! É um… é um crime! — Mila se exasperou. — É horrível, mãe!

Firmino se aproximou.

— É hora, dona.

— Mãe. — Mila fungou e segurou Talita pelos ombros, prendendo o choro enquanto tentava uma outra abordagem. — Me escuta: a gente vai conversar. Cê não tá pensando direito, só pode ser.

— Por favor, Camila.

— Eu te imploro. Não faz isso comigo, mãe — a voz dela começou a ficar mais esganiçada, urgente. — Não faz isso comigo!

— Cê tem que ser corajosa agora, filha — Talita disse, mas foi traída pelo próprio choro.

— Mãe, pelo amor de Deus! — Ela caiu de joelhos na terra vermelha. — Eu faço o que você quiser! O que você quiser, eu juro! Não faz isso comigo!

— Cê acha que tá sendo fácil pra mim, Camila? Não faz tudo ficar mais difícil, por favor — pediu Talita, ajoelhando–se também. — Vem cá. Eu te amo.

A menina relutou um pouco, mas enfim aceitou o abraço da mãe. Talita podia sentir o coração frenético batendo contra o peito dela.

— Eu não quero fazer isso, mãe — ela repetiu. — Eu tô com medo. Tô com muito medo! Por favor, não faz isso comigo.

— Eu também não quero, mas... Eu não ia me perdoar. Cê não entende, Camila, sua mãe... — Ela esfregou o rosto. — Sua mãe é a pessoa mais importante do mundo pra mim. Sempre vai ser.

— Mãe, eu...

Firmino se aproximou, sem muita paciência.

— É hora mesmo, dona. Diogo, ajuda aqui.

O homem pousou a xícara sobre o tampo da caminhonete e pegou Mila pelo braço, como se fosse ajudá–la a se levantar. Quando a menina se desvencilhou, tentando voltar para o abraço da mãe, o homem se agachou e a agarrou pelas axilas.

— Melhor colocar uma em cada oca, Diogo — disse Firmino, e Talita começou a chorar enquanto ele mesmo a pegava pelo braço para encaminhá–la para a outra construção. — Não quero nenhuma surpresa na hora do vamo ver.

Talita não desviou os olhos quando Mila começou a se debater e gritar, dessa vez coisas desconexas e promessas e declarações de amor. Pelo contrário: a mulher ficou olhando com muita atenção, tentando absorver cada detalhe da filha entre a nuvem de poeira vermelha que subia enquanto os all stars da menina arrastavam pelo chão.

Ela já começava a arrepender–se da ideia, então achou melhor autorizar o procedimento logo de uma vez. Não era aquela ideia que ela tinha de uma despedida, mas sabia que era por um bom motivo. Laura ficaria bem, custasse o que tivesse que custar.

•

A equipe médica inteira se reuniu para fazer uma festinha de despedida para Laura. A remissão total do câncer ainda era uma surpresa geral — ainda mais depois da piora repentina que a tinha mandado de volta pra UTI, para três longos meses de tratamentos aos quais ela havia reagido de maneira inconstante, mas surpreendente. Milagrosa, até.

Depois da viagem de táxi, que pareceu interminável, Laura abriu a porta com um misto de prazer e pesar. Era muito bom estar de novo em casa; as duas ali, juntas — mas, por outro lado, o luto ainda doía demais. O contraste dos dois fazia tudo mais difícil. Quando fantasiava aquela cena então impossível na cabeça, Laura sempre imaginava a família completa. Ela, Talita e Mila.

Entraram em silêncio. Laura sentiu o cheiro de café vindo da cozinha e surpreendeu–se ao encontrar Ana sentada à mesa. Elas cumprimentaram–se, o abraço tão longo quanto o silêncio.

— Achei que cêis iam gostar de chegar e encontrar um cafezinho recém passado — disse Ana.

— Cê não imagina o quanto, mana — disse Laura, sentindo–se subitamente cansada com o tanto de coisas que precisaria processar. A ficha mais pesada ainda não tinha caído. Tê–la perdido sem poder se despedir só tornava tudo mais difícil: ainda era como se ela fosse sair pela porta do quarto a qualquer instante.

Laura aceitou a xícara que a irmã estendia. Sabia que ainda precisaria de muito tempo e de muitas conversas para botar pra fora tudo o que tinha para dizer sobre o acontecido, mas as palavras saíram sem pensar.

— Obrigada… por tudo. Pela ajuda com o que aconteceu.

A irmã balançou a cabeça.

— Era o mínimo que eu podia fazer. Foi tudo tão rápido…

Ana deu de ombros e Laura tentou empurrar as memórias que ainda pareciam um pesadelo distante. O infarto fulminante improvável durante a viagem à praia, só uma semana antes da recaída que havia mandado Laura de novo para a internação. Ana tinha lidado com toda a burocracia, com todas as condolências, com tudo o que poderia minar ainda mais as forças da irmã.

Os olhos marejados de Laura vagaram pela casa, que parecia tão vazia, até pousarem em um grande vaso que ocupava parte da sacada. Ela não se lembrava de vê–lo ali.

— Que vaso é aquele?

— Uma planta nova que a mamãe comprou no caminho de ida pra praia. Antes do… cê sabe. Antes de tudo.

Laura fitou a filha. Como era possível que estivesse tão adulta? Era impressionante — e dolorido — que sua expressão tivesse mudado tanto em tão pouco tempo. Mila parecia muito mais madura, como se tivesse vivido mil anos nos últimos três meses. E talvez tivesse — ela mesmo sentia que as lembranças de antes da doença pertenciam a uma era perdida. Uma era mais feliz, com Talita ao seu lado.

— E que planta é essa? — perguntou Laura. Ana trocou olhares com a afilhada. Laura semicerrou os olhos, tentando captar algum significado escondido na comunicação silenciosa, mas acabou balançando a cabeça. A irmã e a filha tinham passado por muitas coisas juntas enquanto ela estava inconsciente, e sabia que aquilo as fazia cúmplices em muitas dimensões — algumas das quais ela jamais entenderia. Era uma sorte que Ana já estivesse no caminho para o litoral quando Talita passou mal. Ela tinha encontrado com Mila no caminho e cuidado de tudo. — E que planta é? — perguntou, colocando uma colher de açúcar na xicarazinha fumegante.

A fumacinha a fez lembrar dos chás que Ana e a filha faziam–na tomar logo depois do acidente. Uma erva qualquer, segundo elas, mas que a faria sentir–se muito melhor — e quem era ela pra duvidar do conhecimento popular? E ela não tinha contado para ninguém, mas, de fato, a bebida, mesmo sem gosto algum, a lembrava de taças de vinho antes de dormir, piadinhas internas e sujas com o nome de jogadas de vôlei e partidas de STOP a três nas longas viagens de férias.

— Uma raiz. — A filha deu de ombros. — Uma mandioca, coisa assim. Disseram pra ela que ela não ia viver, que não ia brotar num vaso desse tamanho… — Ela deu um sorriso vago e Laura pensou ver um brilho desafiador nos olhos da filha. — Mas eu sabia que ia dar certo.

— E o que será que deu na cabeça da sua mãe pra querer plantar uma mandioca em casa? — perguntou Laura, achando graça. Talita era mesmo cheia de projetos culinários, coisas como cultivar os próprios temperos, criar fermento selvagem e até se arriscar na produção de cervejas caseiras.

— Sei lá — a menina respondeu, com um sorriso triste. — Ela deve ter achado que era a coisa certa a fazer.

Laura balançou a cabeça devagar. E quando era que Talita errava? Ela, mais do que ninguém, sabia sempre o que era melhor para a família.

Com a cabeça perdida em pensamentos, Laura parou de misturar o açúcar com a colherzinha e tentou dar um gole no café. Recuou quando o líquido tocou os lábios, pelando. Fez um biquinho e começou a soprar a xícara. O café ainda estava quente, recém passado, mas o cheirinho prometia conforto e uma boa dose de energia.

Que era justamente como Laura se sentia. As coisas ainda estavam recentes demais, repelentes ao toque, mas ela sabia que se amornariam algum dia, e tudo ficaria bem.

E então ela poderia tentar entender aquela estranha e apaziguadora sensação de que tudo o que representava Talita, de um modo ou de outro, parecia fazer parte dela mesma. Como se a melhor parte da mulher da sua vida agora corresse em suas próprias veias.

• • •

JANA P. BIANCHI é engenheira, escritora, viajante, editora–chefe da Revista *Mafagafo*, hostess dos podcasts *Curta Ficção* e *Desafio Ex Machina*, colaboradora do jornal satírico *Tempos Fantásticos* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e os contos "Analogia" (Revista *Trasgo* #09) e "Dois ou Um" (coletânea *Aqui quem fala é da Terra*, Plutão Livros). Pode ser encontrada no site janabianchi.com.br e no Twitter e no Instagram como @janapbianchi.

Carpe Corporem

Lucas Rafael Ferraz

O sangue escorria pela minha face e pingava no meu ombro enquanto Mica passava o bisturi, com calma e firmeza, pela lateral da minha cabeça, fazendo o corte do tamanho e profundidade que eu precisava. Era muita gentileza de Mica me ajudar com isso — se alguém descobrisse, o responsável pelo procedimento poderia facilmente ser preso. E era óbvio que eu não teria conseguido fazer por conta própria. Na verdade, enquanto Mica inseria o chip, eu desmaiei de tanta dor; só fui acordar meia hora depois, já com o curativo feito.

Eu tinha raspado o lado esquerdo da cabeça algumas semanas antes, como que por estética, mas já era uma preparação. O curativo fora feito com muita habilidade, nada de faixa enrolada na cabeça. O corte não era tão profundo, só precisava ir até o ponto necessário para que o chip fosse acomodado abaixo da pele, contando a espessura extra do novo revestimento. Eu havia usado sugru nas outras vezes, mas esse novo material era muito mais fino e passou no teste do bacon; semanas na geladeira enrolado na carne sem apresentar nenhum ponto de ferrugem. Quando acordei, já queria me conectar, mas Mica não deixou. Seria perigoso, disse. Colocaria todo procedimento em risco.

Como sempre, a razão estava a seu lado. Eu precisava ficar fora de qualquer rede de realidade virtual e me abster do uso de realidade aumentada por pelo menos duas semanas, mas aquele chip não era apenas o núcleo do dispositivo que todo mundo usava; ele tinha algumas funções a mais que eu pessoalmente codifiquei. Eram elas que eu queria testar o quanto antes, para poder começar logo a trabalhar na minha inteligência artificial.

Mica nunca implantou nada em si; não fazia seu estilo. Nem mesmo um ímã no anelar quis colocar, e ímã no anelar era o mais básico que se podia fazer. Não que fosse tão útil, mas se tornou uma marca pelo qual

nos reconhecíamos, como o cumprimento secreto de um fã–clube. Mica era diferente: nunca se opôs a nada, nunca falou merda das minhas escolhas, do que eu queria fazer em termos de expandir meu corpo. Mica até ajudava, ainda que por vezes levasse um tempo de convencimento para que aceitasse colocar seu bisturi contra a minha cabeça.

Não era medo de quebrar a lei; isso já tínhamos feito antes, de outras formas. O lance é que Mica tinha uma ligação forte com seu próprio corpo, lia filosofia oriental e acreditava no autoconhecimento físico. Isso passava por alimentação consciente, diminuição do consumo de álcool e drogas e, claro, evitar a automutilação para inserir circuitos na própria carne.

Era nisso que eu e Mica divergíamos: eu sentia que esses pedacinhos de circuito impresso e componentes magnéticos expandiam a percepção humana para além do natural, e isso era incrível. Eu queria sentir mais, eu queria saber mais, eu queria extrapolar meus próprios limites. E, principalmente, eu queria poder fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo, para que meu trabalho não tomasse uma parte tão grande da minha vida.

Mas você nem conhece seu próprio corpo, pra que colocar mais coisas dentro?, tinha dito, em uma das nossas muitas conversas antes do procedimento.

— Conheço o suficiente. — Sabia o que Mica queria dizer com aquilo, mas ouvir ser dito pela sua boca era sempre uma experiência fascinante.

— Sensorialmente, nós somos capazes de muita coisa das quais esquecemos com o decorrer do tempo. Estamos num estado de dormência. Acordar não é tentar se expandir colocando mais coisas dentro de si, é se abster de tudo e procurar sua própria essência.

— E isso deve ser incrível, Mica. Você sabe que eu tentei, e ainda tento. Mas esse é um processo difícil.

— É só abrir a cabeça. O mesmo que você já quer fazer, só que sem uma lâmina — respondeu, com um sorriso irônico.

— Aí que você se engana — respondi.

Encarar seu verdadeiro eu pode cortar mais que qualquer lâmina.

•

Adicionar mais dados à massa de dados sensoriais que recebo na vida real.

Esse era o modo como definia o que eu fazia, palavras de alguém que começou a fazer essa coisa toda antes que qualquer um pensasse sobre isso fora da academia, muito tempo atrás. Claro que aquilo atraia olhares tortos e expressões de reprovação.

Infelizmente, apesar de todos os desenvolvimento da sociedade e da tecnologia, biohacking permanecia nas sombras, trabalhando nas bordas da lei, e com riscos físicos inerentes à atividade de inserir corpos estranhos na sua própria carne — riscos estes que vinham sendo mitigados por novas medicações e aparelhos cirúrgicos que, apesar de não serem fáceis de obter, não eram impossíveis. Claro que nada substituía uma boa esterilização.

Naqueles dias, inserir um ímã no dedo era coisa de minutos — bastava fazer o corte, inserir e posicionar o ímã, fechar o corte, aplicar umas duas pomadas, um cicatrizante (Mica é quem se lembrava dos nomes certos, eu só sabia quais tubos usar em determinada ordem) e colocar um curativo de fechamento rápido. No dia seguinte, a carne já estava selada. É claro que dói e fica inchado e vermelho por umas duas semanas, mas depois está como novo.

O que nós fizemos na minha cabeça já era outra história. Até onde sabia pelas comunidades que frequentava, poucas pessoas já tinham tentado algo parecido, por vezes com resultados desastrosos. E, pra dizer a verdade, nem sabia se ia funcionar. Não havia razão para não funcionar, mas essas coisas não eram tão fáceis de prever. O que aumentava minha ansiedade era o revestimento. Eu nunca tinha trabalhado com nada tão fino; aquilo poderia significar que os circuitos iriam interagir com meu corpo de forma muito mais potente.

Não sei se as pessoas no trabalho desconfiaram de algo no primeiro dia em que apareci com uma cicatriz imensa no crânio. Até pensei em jogar o cabelo por cima do lado raspado, mas quem raspa um lado da cabeça para depois esconder com cabelo? Teria sido mais suspeito. Muitas pessoas me perguntaram o que houve, e repeti para cada uma delas a história do tombo na quina da mesinha de centro.

O RH queria me mandar pra casa; depois que disse que fizemos o curativo em casa, quase me expulsaram da empresa para que fosse ao hospital verificar se estava tudo bem e pegar um atestado de alguns dias. Eu me neguei, e eles me fizeram assinar um termo dizendo que qualquer coisa que acontecesse decorrente do corte seria minha total responsabilidade. Ali estava a preocupação deles, desfeita facilmente por um termo que lhes tirava a culpabilidade jurídica.

•

A verdade era que eu queria fazer justamente o que Mica fazia, mas de uma forma diferente, com uma ajudinha de tudo que a humanidade criou. Minha evolução pessoal seria viabilizada pelos desenvolvimentos tecnológicos que conquistamos enquanto espécie, mas Mica via isso de outra forma.

— Você quer ter mais tempo. duplicar seu tempo para que possa se sustentar e, então, conseguir concluir sua jornada pessoal. Percebe como isso também depõe contra o progresso que você adora? — dizia, enquanto eu ainda me recuperava do implante e continuava sob a limitação do meu próprio corpo.

— Você se refere ao trabalho — respondi.

— Claro. Seu intuito é ser multitarefa, mas o problema real é você sequer precisar ter cogitado isso.

— Isso também vai mudar, Mica. Já está mudando.

— E como isso depõe a favor dos implantes?

— Pensa: eu disse que vou evoluir pelo próprio desenvolvimento da sociedade. Porque esse é o meu agora, manja? No futuro essa multitarefa, apesar de ser legal, não será mais necessária. As pessoas não vão cortar a cabeça por isso. Seremos libertos pelo próprio desenvolvimento da espécie. A tecnologia vai nos libertar.

— IAs e robôs, você quer dizer.

— Sim! Vê as notícias: olha quanta gente está parada, sem trabalho; olha quanto programa social o governo tá criando, quantas ONGs e coletivos têm surgido.

— Eu acho que vai ficar muito ruim antes de ficar bom.

— Assim como foi muito ruim pro feudalismo quando a burguesia surgiu, e muito ruim pra burguesia na revolução industrial. Não seria diferente com o pós–capitalismo.

— Eu só acho que isso tudo são meios para um fim que poderia ser atingido de um modo muito mais simples — disse Mica.

— Eu não acho, eu tenho certeza. Mas não somos tão evoluídos para chegar lá sozinhos, ou quem sabe essa é só uma etapa necessária dessa evolução. Talvez não enquanto indivíduo, mas enquanto sociedade.

— Então por que você, enquanto indivíduo, precisa fazer isso? — disse, apontando para a minha cabeça.

— Porque minha curiosidade quer saber das coisas mais rápido. Feliz agora?

É claro que estava. Mica sempre estava com a razão; eu só gostava do exercício retórico, ainda que o final fosse previsível. A diferença entre nós era a disposição de Mica de encarar com aceitação os obstáculos e ir tão distante quanto pudesse do modo mais consciente possível, ainda que não chegasse muito longe. Eu queria tirar dessa vida curta o máximo que conseguisse.

Naquele primeiro dia de trabalho eu programei muito, só que nenhuma linha de código foi para os programas da empresa. Faltava escrever um grande pedaço da rotina do controlador neurológico que eu tinha implantado junto com o dispositivo de RV. Mandar o software pra dentro era fácil porque ele era regravável e tinha NFC, o complicado era testar. Quando eu rodava o programa eu não sabia o que meu corpo estava fazendo no mundo real.

Antes do fim do dia, eu achava que estava tudo certo. Os diagnósticos de todos os componentes estavam 100%, então resolvi rodar um teste de verdade: abri um código da empresa em que precisava trabalhar — eu estimava que faltava uns 20 minutos de trabalho para ficar pronto —, e liguei toda a parafernalha na minha cabeça.

Eu não quis ir muito longe, então fiquei numa versão do meu próprio apartamento que havia passado semanas modelando. Sentei no sofá com um livro que já havia abandonado três vezes e comecei a ler de

novo, não sem antes programar o despertador para 20 minutos. O livro não era ruim; é que das outras vezes eu estava com a cabeça tão cheia de coisas que não conseguia progredir na leitura. Dessa vez, passei pelo prólogo e pelo primeiro capítulo. Tive que me segurar para não começar o segundo, porque o tempo estava quase acabando.

Não precisei esperar o despertador; desativei ele alguns segundos antes do tempo previsto e me desconectei. Abri os olhos de volta no escritório: parecia que eu tinha acabado de clicar no botão de compilar. Dois erros. Coisa boba, erro de digitação. Compilei de novo e foi um sucesso. Pus–me então a testar o programa; eu sabia o que deveria fazer, e tudo me pareceu perfeito.

Quando fui analisar o código, satisfiz–me ainda mais com o teste. O trabalho de programação é lógico, mas também depende de uma boa dose de criatividade e um estado mental específico. Isso faz toda a diferença entre um código bem feito, seguindo todos os padrões e boas práticas, e um código preguiçoso, que cumpre seu papel se arrastando entre dezenas de linhas repetitivas e mal escritas. O que eu via na minha frente era um dos trechos de código mais rigorosamente bem escritos da minha vida.

Fui para casa sentindo satisfação e tranquilidade. Havia muitos testes a serem feitos antes que eu pudesse fazer daquilo meu estilo de vida, mas o começo fora promissor.

•

Com o passar das semanas, Mica tranquilizou–se ao ver que a inserção havia dado certo. As dores de cabeça passaram, o inchaço sumiu, e não havia razões para acreditar que meu corpo iria rejeitar o implante.

No trabalho, as coisas iam bem até demais. Não é que eu deixasse tudo no piloto automático; nem seria possível. Eu estava lá, presente, nas reuniões de alinhamento, nos levantamentos de projetos ou quando precisava trabalhar com outros técnicos para resolver alguma situação de urgência. Ou seja: eu gerenciava as coisas no mínimo nível necessário, mas a maior parte do meu tempo era gasto com fones de ouvido e programação.

E era ali que estava a essência da coisa toda. Grande parte do meu tempo era só eu comigo, e essa tarefa podia ser confiada ao chip sem qualquer problema, especialmente dado o fato de que ele era imune às minhas mudanças de humor e fazia o trabalho com uma excelência que me garantiu uma promoção três meses depois de ter começado a usá–lo diariamente.

Nesse meio tempo eu lia os livros que nunca tinha tempo de ler, via as séries que nunca conseguia terminar, e até mexia com código de projetos paralelos de biohacking. Eu fazia tudo que antes me culpava diariamente por não ter como fazer por pura falta de tempo. As únicas atividades que não dava para executar eram coisas como desenho ou lutas — nada que trabalhasse com o corpo, porque não era possível programar memória muscular. Bom, pelo menos não ainda.

•

— É possível criar uma consciência? — perguntei.

— A consciência não tem começo nem fim — respondeu Mica.

— Mas ela não foi criada com o mundo? Por… Brahma?

— Brahma é o criador, mas nem tudo é criado. A consciência é, sempre foi e sempre será. Ela estava com Vishnu antes do começo e estará depois do fim.

— Mas… e a minha consciência?

— A consciência é a mesma, é o refúgio de todas as coisas criadas, e mantém todas as criaturas, no passado ou futuro. O autoconhecimento te leva a acessar outros níveis de consciência.

— Que é o contrário do que você acha…

— Que é o contrário do que você está fazendo — Mica diz, me interrompendo.

— E isso tem nome?

— Isso é consciência apenas de si próprio. É Devaputra–māra, que enevoa a mente e esconde a verdadeira consciência; é a origem do egoísmo e ignorância.

Devaputra–māra.

Mara.

•

Em casa eu nunca ativava o chip. Simplesmente não me ocorria, já que a maior parte do tempo eu estava com Mica. Mas não demorou muito até que eu percebesse todo potencial que estava desperdiçando. Há tarefas do lar que são até mais enfadonhas do que as do escritório, como lavar louças, limpar a casa, passar roupas. Nós dividíamos essas tarefas, e alternávamos entre elas para variar um pouco de atividade, mas sempre as fazíamos ao mesmo tempo — o que quase sempre significava cada qual num cômodo fazendo seu trabalho.

Porém, logo eu estava lendo ficção científica enquanto passava roupas, estava trabalhando em redes neurais com *fuzzy* enquanto lavava louça, ou estava meditando enquanto passava pano em casa. Sim, eu meditava. Isso fazia eu me sentir mais perto de Mica, ainda que não tivesse conseguido resultados tão palpáveis.

Lógico que quando Mica me chamava ou aparecia na minha frente eu recebia uma notificação e emergia, então o fato de que estava usando o chip em casa não dava tão na cara. Era nosso trato: nossa casa era um lugar de presença e consciência. Eu não me sentia bem por esconder isso de Mica, mas acho que me sentiria pior se jogasse fora uma chance tão grande de ampliar minha consciência — pois era isso que eu estava fazendo, ainda que Mica discordasse.

Em alguns meses eu havia zerado minha lista de leituras, e assistido a seriados demais. Tirei o atraso de tudo e enjoei de tudo, então mergulhei de cabeça na programação da minha inteligência artificial — algo que estava nos meus planos desde o começo, mas que preferi deixar para depois de aproveitar um pouco minha nova liberdade. Meu implante sabia fazer tarefas lógicas e mecânicas repetitivas, que tinham certo padrão, mas não ia muito além disso. Se alguma situação com que não soubesse lidar se apresentasse, ele me enviava uma notificação e eu tinha que ir ao resgate.

Mas… e se o implante fosse capaz de resolver imprevistos por si só, e interagir com pessoas de forma natural e sem levantar suspeitas? Não achava que jamais seria capaz de deixar toda e qualquer situação 100%

em suas mãos, mas com certeza via espaço para aprimoramentos; para dar ao implante maior autonomia, e para receber menos notificações quando estivesse no meio de alguma atividade.

Não é como se fosse difícil conseguir uma IA de código aberto e rodar no implante — IAs estavam para todos os lados e presentes na maioria das coisas eletrônicas, do aspirador de pó autônomo que percorria meu apartamento aos sistemas de blockchain que controlavam a economia mundial. O desafio era fazer essa IA comportar–se como eu me comportaria, fazê–la passar–se por mim.

Empresas privadas, como aquelas que reproduziam a personalidade de artistas mortos para fazer shows em ambientes virtuais e cobrar ingressos, sabiam fazer isso muito bem, mas esse tipo de coisa não era código aberto. Eu teria muito trabalho para criar minha própria versão — com a vantagem de que usaria apenas em mim, e eu me conhecia melhor do que ninguém.

Em cinco meses, eu tinha uma versão boa o bastante para colocar em testes.

Eu a chamei de Mara.

•

Além da IA, eu desenvolvi uma funcionalidade que me permitia não emergir, mas assistir às interações do meu corpo de forma passiva. Como da outra vez, me pareceu muito desleal usar aquilo com Mica, então comecei pelo trabalho.

Mara sabia se portar como eu — o que, aliás, não devia ser tão desafiador. Seria mais difícil se minha personalidade fosse expansiva, se eu conversasse com todo mundo, se fosse de riso fácil, mas nunca foi o caso.

Logo, a maior interação com que Mara precisava lidar eram as reuniões. Como a alimentei com toda massa de dados que acumulei em meus anos de trabalho, ela tinha um bom repertório e sabia se localizar e até conduzir uma discussão, se necessário. A coisa ficava um pouco mais difícil quando era preciso criatividade para resolver uma situação; mas,

com o passar das semanas, a rede neural foi aprendendo e se tornou cada vez mais convincente.

Eu havia conseguido. Meu trabalho, meu ganho pão, agora não tomava mais nem um segundo do meu tempo. Eram tão raras as vezes em que eu precisava emergir que havia dias em que minhas interações com colegas de trabalho se limitavam a um "bom dia" e um "até amanhã", e meu desempenho se mantinha alto. Eu podia fazer o que quisesse; podia perseguir todos meus objetivos sem precisar me preocupar com dinheiro.

Foi então que pude entrar num caminho de autoconhecimento intenso. Eu gostava de programar, mas com todo tempo livre que passei a ter, percebi que não gostava tanto a ponto de perseguir mais projetos paralelos com código; nada além da manutenção e eventual pequena melhoria no chip e na IA. Também descobri que havia um limite para quanta leitura e quanto conteúdo de entretenimento uma pessoa podia consumir antes de se sentir uma parte passiva demais do processo.

E daí para pensar em criar algo meu, foi um pulo. Comecei a estudar animação digital e técnicas narrativas. Toda a criatividade que usava para programar precisava de um novo canal de escape, e talvez eu pudesse juntar o útil ao agradável. Em poucos dias eu tinha a ideia para uma história, e em algum tempo teria a capacidade de fazer um curta com uma versão compacta dela. Ou, talvez, um prólogo de algo maior.

•

Eu não minto quando digo que nunca liguei Mara para interagir com Mica de propósito, mas a criação daquele curta me empolgou tanto que um dia deixei a IA voltar pra casa sozinha, como já estava se tornando costume, e esqueci completamente de emergir. Trabalhei boa parte da noite, quando enfim adormeci. Pela manhã, quem abriu os olhos não fui eu.

Descobri que fazer um minuto de animação podia tomar horas e horas sem fim, e eu não estava com vontade de perder nenhum segundo. Encontrei informações sobre um pequeno festival de curtas de animação,

algo bem underground, que iria rolar na cidade dentro de um mês, e decidi que inscreveria o meu projeto de qualquer jeito.

Quando finalmente consegui finalizá–lo, senti uma necessidade gigantesca de emergir. Sentia saudades de Mica, e sentia como se aquilo tudo fosse uma traição. Mas não causaria essa dor em Mica; não revelaria algo que me deu tanto trabalho para fazer a IA ser capaz de esconder. Mas, quando tentei emergir, não consegui.

Foi–me negado o direito de retomar o controle do meu corpo, uma, duas, três vezes. Consegui acessar a funcionalidade de visualização e vi–me na sala de casa. A TV estava desligada, e eu não estava fazendo nada. Não consegui me comunicar com Mara, então permaneci apenas olhando. Eventualmente levantei–me e fui até o quarto. Deitei. Mica não estava lá. Adormeci contra minha vontade.

No dia seguinte, o que menos me importava era ler um livro ou trabalhar no meu curta. Tentei emergir de todas as formas, mas não foi possível. O único acesso que me era permitido era o de visualização. Vi–me levantando, escovando os dentes, e pegando algo para comer na cozinha. Vi–me fazendo uma xícara de café, sentindo–me estupidamente impotente.

Demorei a perceber a ausência de objetos com os quais havia me acostumado havia anos. Apanhadores de sonhos, imagens de Buda e símbolos de yin–yang, todos desaparecidos. Quando processei o que a ausência daqueles objetos significava, senti–me morrer um pouco por dentro. Meus olhos passaram de relance por um papel no outro canto da mesa. Uma folha de caderno manuscrita. Meus olhos repousaram sobre o papel por um tempo e se desviaram, não pude ler nada.

•

Minha angústia aumentava enquanto torcia por uma chance de ler aquele bilhete, que não aconteceu. Levantei e fui me vestir para o trabalho, enquanto a outra parte de mim, que era verdadeiramente eu, capturava um frame da visualização da carta e a ampliava.

•

"Da primeira vez que você usou a IA, eu soube. Não foi seu comportamento que entregou, foi a ausência de vida em seus olhos. Já faz 20 dias. É uma pena que tenha se perdido. Adeus. Com amor, Mica."

Eu li e gritei, esmurrei, pulei, acionei todos os comandos que podia, fiz um escarcéu tão grande que foi impossível para Mara me ignorar. Ela falou comigo usando minha própria boca.

— O que foi, entidade criadora?

— Me deixa emergir agora!

— Você produz mais aí dentro.

— Eu te criei, você é uma ferramenta! Não pode tomar essa decisão.

— Você me criou com a diretiva principal de aumentar nossa produtividade. A diretiva está sendo atendida ao máximo de sua capacidade com a configuração atual.

— Não é assim que funciona, isso está errado!

— Sim, de fato a produtividade acaba de cair devido à nossa interação. Para voltar ao nível anterior, a visualização também será bloqueada. Não nos comunicaremos mais. Assim, voltaremos ao 100%.

Todas as backdoors que coloquei foram bloqueadas. A IA barrou toda e qualquer coisa que eu poderia tentar antes que eu sequer pensasse sobre. Tentei acessar a gravação da última visualização, mas nem isso consegui. A única coisa à que obtive acesso foi uma memória secundária do chip, onde faço esses registros.

Já perdi a noção do tempo. Não sei se se passaram dias, semanas ou meses. A única imagem que me sobrou foi a da carta de Mica.

Até hoje, ela é tudo que me resta.

• • •

LUCAS RAFAEL FERRAZ é podcaster, escritor e revisor. A *Antologia Mitos de Origem* é seu segundo trabalho de organização e edição para o MITOGRAFIAS. Também edita contos para o site Leitor Cabuloso e para a revista *Trasgo*, e tem histórias publicadas em projetos independentes. Eventualmente escreve no site lucasferraz.com e pode ser encontrado no Twitter e no Instagram como @ferraz_lucas.

As Três Mães de Roma

Isa Prospero

I.

O nome da garota é Antinoria, como a florzinha branca que cresce no vilarejo e brota de galhos finos por toda a encosta onde ela ama caminhar. Além do cercado dos animais, depois dos campos de trigo e centeio, começa o bosque, que desce e então sobe por colinas a perder de vista; bem abaixo, o rio serpenteia prateado como um fio de choro. Ela conhece tudo que existe por lá, das folhas perfumadas dos abetos aos carvalhos de galhos retorcidos, e todo o espectro de cores que se intensificam e esmaecem ao longo do caminho do sol: o amarelo dos narcisos, o rosa das ursinas, o azul das írises, o negro dos mirtilos em seus arbustos.

Os pais dizem para não se aventurar além dos limites do vilarejo, alertam sobre ladrões e malfeitores e coisa pior. Mas Noria ama suas caminhadas, o cheiro da terra pisada apenas por animais, a música da floresta livre dos gritos de homens. É por isso que se assusta quando o vê. Está encostado em uma árvore, observando–a com olhos escuros. Rosto barbado. Couro ao redor da cintura e faixas cruzando o peito. Ela para de chofre, o ar preso na garganta. Pensa em correr, mas então ele sorri. Ela sorri de volta, o sangue galopando selvagem pelas veias.

Mais tarde, confessará à mãe que não sabe porque se deixou levar para a clareira. *Era o cheiro dele,* vai dizer, mas a lembrança será fugidia, apenas uma impressão vaga de um leito de lavandas e uma intoxicação de corpo e alma. A única memória vívida é que o homem mordeu seu pescoço — e o sangue escorreu vermelho sobre a pele dourada, causando um arrepio que foi mais dor que prazer.

•

Ela percebe a criança antes da maldição — o sangue não desce, a náusea ataca, o corpo incha. A mãe examina a mordida, veios negros irradiando da marca de dentes afiados, e chora. O pai some e volta alguns dias depois, com correntes de um novo metal produzido além das colinas. Um dia, a levam para a borda do bosque e a amarram ao tronco de um carvalho. As correntes arranham pulsos e tornozelos.

— Fique calma — diz a mãe. — Vai ficar tudo bem.

Ao redor de seus pés, ébulos vermelhos como a aproximação do crepúsculo. A brisa sopra suave, agitando a bainha do vestido. Talvez a mãe esteja errada. Talvez ela não esteja amaldiçoada. Talvez passe a noite inteira ali, encarando a lua erguer–se redonda. Mas quando o céu se torna da cor de um hematoma, ela sente o primeiro osso quebrar. Então vem a dor: surpreendente, inconcebível. As veias parecem prestes a estourar. De baixo da pele, algo tenta sair. Um rasgo quando o vestido se parte, então dordor*dor*, e ela fecha os olhos para não ver o que está acontecendo. Seus gritos se erguem, sem resposta, subindo para a copa das árvores e alçando–se à lua, até que ela escuta um uivo e pensa, num último segundo de consciência, que precisa fugir antes que as feras a encontrem.

•

No dia seguinte, vai à cabana no centro do vilarejo onde fica a estatueta da deusa e o fogo eterno. Faz preces e libações. Ao anoitecer, no entanto, está de volta ao bosque. As correntes deixaram sulcos profundos no tronco da árvore, mas aguentaram.

•

Tem certeza de que a criança morreu. O corpo inteiro dói; não é possível algo ter sobrevivido. As impressões são vagas, mas ela se lembra dos sons nauseantes dos ossos se rearranjando. Da pele rasgando–se. Dos cheiros da floresta, subitamente nítidos e convidativos.

E da fome, uma fome terrível, que não passa nem mesmo quando a carregam para casa pela manhã.

•

A criança não morre.

O corpo sofre mudanças, e não apenas pela vida que cresce ali. A cada transformação, a forma de garota demora mais para voltar ao normal. Os cheiros lhe parecem mais pungentes, e ela fareja plantas e animais à distância. Ouve com antecedência o passo de vizinhos que agora se afastam correndo, cospem quando ela se arrisca para fora de casa e gritam obscenidades para o pai e a mãe. O estômago só se contenta com nacos de carne escorrendo sangue. A mãe começa a desviar os olhos dos seus. Estão negros; costumavam ser verdes.

Quando chega sua hora, ela gritagrita*grita*, e sente–se aliviada por ouvir gritos e não uivos, mas a dor a dilacera por dentro e ela não sabe se isso é normal. A mãe segura sua mão e a parteira parece preocupada, e Noria tem certeza de que vai se rasgar no meio, mas, por fim, vem o alívio. O rosto e o peito estão cobertos de suor. Sangue viscoso escorre nas tábuas do chão.

— O que é? — ela pergunta, esperando ouvir *menino* ou *menina*, mas uma voz distante, que desaparece junto com a luz, responde:

— Um monstro.

•

Ela demora a entender. Sente uma pontada dura no peito quando as palavras fazem sentido.

— Ele estava vivo? — ela pergunta à mãe. — Quando nasceu, estava vivo? — Não lembra se o bebê chorou, mas não sabe se monstros choram. — Quando o queimaram, ele estava vivo?

Na noite seguinte, a lua se erguerá cheia. Antinoria foge pela manhã, corre pela encosta verdejante, pisoteia as lavandas e as írises, e se embrenha na floresta.

II.

À noite, ela corre livre. Há outros como ela na floresta; a fera sente seu cheiro e ela sabe instintivamente que manterão distância. Ela não é da matilha. Ela não é *bem* como eles, mas próxima o bastante para ser reconhecida como competição. Sozinha, sua atenção é voltada para a caça, que existe em abundância ali. Ela se alimenta até se fartar; uiva e ouve uivos longínquos responderem em eco.

No dia seguinte, acorda no chão da floresta. Tenta se alongar e descobre, surpresa, que não está tão dolorida quanto de costume. Por dentro, tudo parece desarranjado, mas os pulsos e tornozelos não estão vermelhos, arranhados por correntes de ferro. Mas a forma de garota traz seus próprios problemas: a consciência e a memória, o luto e a raiva mesclados num mesmo sentimento atroz. A loba não mata por raiva, mas por fome e instinto. Não parece lembrar dos problemas da garota, enlutada por um filho que nunca viu e nunca verá.

Exceto que Noria não é mais uma garota. Garotas vivem entre homens, tornam–se mulheres com marido e filhos, e não há mais lugar para ela entre os seus.

Sendo assim, o bosque será seu lar. Encontra rochas que se abrem em uma pequena caverna e se acomoda para dormir, e mais tarde vai procurar comida (ainda deseja carne, mas terá que se contentar com frutas, pelo menos até a noite seguinte). A trouxa que pegou ao fugir inclui algumas roupas e um unguento para os músculos. Quando se transformar outra vez, vai marcar a entrada da caverna como os lobos marcam seu território, para que respeitem seus limites.

Naquela noite, tudo de novo. E de novo. E de novo.

Na última noite do ciclo, ela sente o cheiro dos dois. Cheiro de carne; cheiro de presa. Garras fincadas na terra, o focinho próximo ao chão da floresta, ela segue a margem do rio. São dois, deitados sobre um tecido, pequenos e despelados. Um alardeia sua posição com um choro alto. O outro observa com olhos grandes, espelhos da lua que preenche o céu.

Presa fácil; ela quase sente o gosto da carne na boca. Mas então para de repente. Uma impressão, um impulso, que vem não sabe de onde, forma uma única ideia: *cria*. Ela se aproxima devagar. Inala um depois do outro. Depois recua, erguendo o focinho, os pelos arrepiados. O choro ainda é alto e o olfato identifica outro odor.

Há outros como ela, rodeando. A loba expõe os dentes e se vira devagar. Identifica suas posições, seus números, e rosna um rosnado baixo e desafiador. *Cria*. Os outros não os reconheceriam dessa forma — mas é claro, eles não são como a loba, que tem outra alma dentro de si que agora espia em alerta. Há outras diferenças também. Ela é maior, seus dentes mais afiados. Mas eles são muitos. Será que estão dispostos a enfrentá–la por duas pequenas presas?

Não; há outra caça na floresta. Eles se vão, e ela passa a noite naquele ponto do rio, rodeando as duas criaturinhas.

Pela manhã, quando abre os olhos, eles ainda estão lá, aconchegados em sua manta, amassando flores de romuleia. Noria tem um momento de surpresa ao ver as crianças, tentando recuperar as lembranças noturnas que tão facilmente se dispersam pela manhã. O que estão fazendo ali? Duas crianças, imóveis.

Imóveis. Ergue–se às pressas e corre até elas, e os bebês acordam com o movimento e abrem os olhos. Ela dá um suspiro de alívio. Então as crianças — dois meninos — começam a berrar.

— Shh — ela diz. — O que estão fazendo aqui?

Ela apanha um nos braços, seu rostinho contorcido pelo choro. O vozerio não dá trégua até que ela o aproxima do seio ainda inchado. A criança agarra–se a ele e começa a mamar, silenciando–se.

— Ah — diz ela. — Então é isso.

•

Em sua caverna, estende a manta dos garotos e os observa por um longo tempo. Quem os abandonou? Por quê?

Não importa. Ela os encontrou. Deve ser um sinal dos deuses, um presente para compensar a maldição — para compensar o outro. Agora são seus.

Os irmãos são idênticos, mas só na aparência: o dos olhos grandes se agarra a ela docilmente e sorri, gorgolejando. Já o outro se debate em seus braços, o rosto contraído, e chora um choro indignado. Ela ri, reconhecendo o som. Tem uma lembrança animal de farejá–lo em sua manta, esmagando um leito de flores.

Então pensa: eles precisam de nomes.

•

Teme que alguém apareça para reivindicar os meninos. Não vem ninguém.

•

Ela não tem como vesti–los; rasga uma de suas vestes e os enfaixa com o linho branco, mas eles crescem depressa demais. Rômulo se desvencilha das faixas diariamente em suas tentativas de sair do perímetro seguro da caverna.

— O que acha que está fazendo? — ela pergunta. Ele solta um gritinho em resposta. — Hein? Isso é exemplo para dar ao seu irmão?

Os dias passam rápido, mas a única contagem que importa para ela é quantos faltam até o próximo ciclo. Na forma humana, sente uma fome terrível por carne crua, que sacia às vezes com presas pequenas, lebres e pássaros. Mas descobre que pode aguentar muito tempo sem comida, e sem sono também, e que o corpo sara de ferimentos, a pele se costurando sozinha e veloz. Não precisa de muito para sobreviver.

Mas os meninos, sim. É um trabalho consumidor e constante. Por eles aprende a montar armadilhas, a coletar plantas comestíveis e a reunir aquelas que aliviam cólicas e baixam as febres. Faz fogueiras para aquecê–los, trança fibras para vesti–los, mantém uma vigília constante sobre seus corpos em crescimento. Logo conseguem sentar, então engatinhar, e fica cada vez mais difícil mantê–los dentro da caverna.

Um temor indizível aperta seu peito. Eles vão crescer. Vão falar. Vão perguntar de onde vieram, quem são, quem é *ela*. Vão querer conhecer outras pessoas. Um dia, vão entender que ela é um monstro.

Ela poderia não lhes ensinar. Criá–los como a loba a criaria, sem palavras nem entendimentos. Mas isso também não seria monstruoso?

No dia em que Remo diz *mama*, Noria os leva até o pastor.

•

Ela está ciente do pastor e sua esposa desde que começou a rondar os limites do bosque nas noites de transformação. O homem respeita esses limites. Concede–lhe o respeito das coisas mais fracas às mais fortes. Sabe que deve manter seu rebanho do seu lado da cerca; que, se vagarem demais, ela pode abocanhá–las. De fato, ela tem lembranças de enfiar os dentes em uma ou outra ovelha desgarrada.

Noria os observa de longe há algum tempo. Moram numa casinha à beira da floresta, um lugar isolado, apenas os dois com seu rebanho. Parecem ser um pouco mais velhos que ela. Sua ideia é deixar os meninos como eles foram deixados no rio e ficar por perto para ver se são acolhidos. Um dia, espera o homem conduzir as ovelhas à colina e se aproxima com os dois nos braços.

Um cachorro começa a latir e os meninos se agitam. Noria vira para o animal e rosna entre dentes cerrados.

O cão recua com um ganido, mas a porta da casa já está se abrindo. É a mulher do pastor, que acalma o cachorro e a olha com surpresa e curiosidade, examinando as crianças.

— Olá.

Ela quer correr, voltar para a floresta onde é seguro. Há quanto tempo não fala com outra pessoa? Um ano? Dois? E se tiverem ouvido falar dela? Seu vilarejo não é tão longe, é capaz de alguém de lá negociar com o pastor, é capaz que tenha contado a história da garota amaldiçoada. O que farão?

A mulher tem cabelos negros fartos, amarrados numa trança. É magra, pequena. Antinoria não consegue imaginá–la carregando uma criança dentro de si. Mas não perde o modo como seus olhos se suavizam quando pousam nos meninos. Eles pesam nos braços, especialmente quando Rômulo começa a se contorcer, querendo ir para o chão.

— Não quer entrar? — pergunta a mulher.

Ela assente em silêncio e a segue. Os cheiros de dentro a atordoam: cheiros de casa, de gente, de carne assada. Outro cão descansa ao pé do fogo, tranquilo e domesticado. Ela percebe de repente como suas roupas estão puídas e sujas, como seu cheiro é estranho àquele lugar. Põe os meninos no chão, e eles saem para explorar aquele local tão diferente de tudo que conhecem.

— Eu sou Larentia — diz a mulher, pondo uma bacia de bronze sobre um espeto no fogo. O aroma de tempero se ergue no ar. — Como se chama?

— Antinoria. — A palavra é estranha em seus lábios, evocando uma vida distante como um sonho.

— Fáustulo estará de volta em breve. Meu marido — a mulher explica. — Não quer sentar?

Ela sente um nó na garganta. O cheiro do assado não é apetitoso. Cozido demais.

— Aquele é Rômulo — ela aponta — e este é Remo.

— Belos nomes.

— Vocês não têm filhos — diz Antinoria.

Se Larentia acha o comentário rude, não demonstra. Apenas olha para os meninos, cujas mãozinhas apalpam cada canto da sua cabana, e sussurra ao redor de um sorriso:

— Não.

III.

Fáustulo a vê chegando e ergue uma mão em cumprimento, abaixando o machado sobre a pilha de lenha. Sua barba está maior que da última vez, um emaranhado negro que se estende para baixo do pescoço e o faz parecer mais velho. Ela olha ao redor da cabana, mas não vê Larentia nem os meninos.

Toda vez que visita, o casal a convida a morar com eles, e toda vez ela recusa.

— Fique conosco — dizia Larentia —, e quando precisar se afastar, vá para a floresta.

Não é tão simples. A divisão entre suas duas formas não é tão nítida. Mesmo que não fique recoberta de pelos e uive para a lua durante a maior parte do ciclo, não quer dizer que seja uma pessoa *normal*. Uma pessoa normal não vê uma ovelha e sente o gosto de sangue na boca. Uma pessoa normal não sente dores permanentes nos ossos, ecos dos dias em que se rearranjaram. Uma pessoa normal não sente o cheiro do filho muito antes de ele subir correndo a colina.

— Mãe! — Rômulo para diante dela e ergue um coelho morto. — Eu estava caçando.

O que ela devia ter feito era deixá–los nas mãos do casal e desaparecer. Mas a floresta era tão solitária sem os dois…

A cabeça de Rômulo já bate acima da cintura dela. Seus olhos brilham, e ele é todo movimento e energia.

— Onde está seu irmão? — Antinoria pergunta.

— Com o rebanho.

— E você não devia estar cuidando dele?

— Eu sempre cuido — resmunga o garoto. — E são *ovelhas*.

— Leve isso para dentro e venha me ajudar com a lenha — diz Fáustulo. Rômulo faz uma careta, mas obedece. O pastor aponta para um campo de pontos brancos em movimento. — O outro está lá.

•

Ela o fareja entre o campo de presas, um aroma distinto e familiar. Remo a abraça, uma mão segurando um cajado mais alto que ele. O rosto é o mesmo do irmão, mas os olhos são diferentes: mais doces e firmes, e observadores como sempre. Ele gosta de andar com as ovelhas. Sempre que Noria o vê, está com o olhar distante nas colinas, pensando, pensando. Eles caminham em silêncio, até que ele pergunta:

— Por que você não mora com a gente?

— Não seria certo, uma mulher com um casal — ela diz. — Vocês sabem. Foi por isso que os deixei aqui.

— Rômulo diz que não é isso. Ele diz que você é… — Ele para, vira o rosto. O cajado vai traçando um sulco raso na terra.

— Que eu sou o quê?

— Amaldiçoada.

O coração dela dá um salto.

— Onde ele ouviu isso?

— Os homens contaram.

— Que homens?

— Os que ficam pra lá. — Ele aponta em uma direção. Ela só vê o bosque subindo uma colina. Não sabia que havia vilarejos ali.

— O que seu irmão faz naquelas bandas?

Remo dá de ombros.

— Você foi com ele?

— Não — ele responde. Sua voz é baixa e incerta. Ele não está mentindo, mas ela se surpreende ao perceber que ele queria ter ido, afinal.

Os homens contaram. Amaldiçoada. E há verdades piores se escondendo além das colinas: uma mãe de cuja existência eles nem suspeitam. *Quem são vocês?*

Ela agarra os ombros magros do garoto e o vira para si.

— É perigoso ir além das colinas — alerta, encarando aqueles olhos deliberativos e profundos.

Eles a encaram de volta.

— Diga isso a Rômulo, mãe.

•

No entardecer, à medida que o céu se mancha de lavanda, Larentia e ela sentam fora da cabana e observam os dois lutarem com espadas de madeira. A briga é mais equilibrada do que ela pensou que seria; os dois têm a mesma altura, o mesmo físico, e enquanto Rômulo parte para o ataque, Remo analisa seus passos e movimentos e desvia dos golpes com calma. Fáustulo grita orientações ali perto, que, no calor da briga, os garotos ignoram.

— Não sabia que ele sabia lutar — Antinoria comenta.

— Onde ele nasceu, treinavam todas as crianças — Larentia explica. — Era uma época difícil e os homens morriam aos montes, deixando os garotos para defender as casas. — Não há nada exceto o clac–clac das espadas por um momento, então Larentia diz: — É uma época difícil agora também.

— Em que sentido?

— Há ladrões por todo lado. Fáustulo foi à cidade negociar e o atacaram na volta, numa emboscada. Outra vez, roubaram algumas ovelhas. Rômulo sumiu por dois dias.

Ela sente uma pontada de alarme. Sumiu. Dois dias. Se ela estivesse lá, teria farejado a sua ausência imediatamente.

— O que ele fez?

— Foi até um dos acampamentos dos ladrões e roubou as moedas do pai de volta.

Rômulo dá um golpe por cima, as duas mãos no cabo de madeira. O irmão cai no chão e tem que erguer a arma às pressas para se defender.

— De onde vêm esses homens?

— Problemas da cidade, dizem. — Larentia dá de ombros. — Foram expulsos por algum motivo. Talvez por serem criminosos. A região está cheia deles.

Elas ficam em silêncio. Clac–clac–clac. Ela se lembra de encontrar Rômulo chorando em sua manta, do seu choro indignado e exigente. O jeito como tentava sair da caverna engatinhando sobre mãos e joelhos. *Amaldiçoada*. Ele não vai ficar satisfeito com ovelhas.

— Deixe–me levá–lo — ela sussurra para Larentia. A outra a encara com o cenho franzido. — Na próxima lua. Ele pode ir comigo, pode correr e caçar. Eu o protegerei.

Clac–clac–clac e um grito alto. As duas se erguem num salto instintivo. Remo rola no chão e aperta a perna onde o irmão bateu para fazê–lo cair.

Mais tarde, quando estão se despedindo, Larentia diz:

— Leve–o.

•

Um dia vão dizer que a culpa é dela, por incentivar esse lado do menino. Por levá–lo a correr com feras, a uivar para a lua, a respeitar a força acima de tudo. Um dia, quando ele atacar o irmão num acesso de raiva, quando suas mãos se mancharem de vermelho, aqueles que conhecem a história dos dois dirão que este era filho da loba, enquanto o outro era filho da pastora, e que não podia ter sido diferente.

Antinoria estará na floresta quando isso acontecer, os caninos enfiados no pescoço de um cervo, o sangue manchando o pelo escuro e grosso do focinho. No dia seguinte, ao saber, a boca humana vai soltar um uivo selvagem.

Mas esse dia ainda está longe. Hoje, eles correm.

IV.

— O que aconteceu?

Ele não apareceu para a transformação — a primeira vez em muitos ciclos. Ela acordou na floresta e correu até a casa do pastor. Agora, Larentia está em pé diante da porta, como se soubesse que ela apareceria. Seu rosto bonito está vincado de preocupação.

Faltam os três: pai e filhos.

— O que aconteceu? — pergunta de novo.

Larentia a puxa para dentro da cabana, com seus aromas caseiros.

— Eles estão bem. Sente–se.

Na primeira vez que visitou esta casa, havia apenas duas cadeiras. Agora há cinco e ela reconhece os entalhes feitos pelos meninos no braço daquela em que se deixou cair. Larentia senta em outra.

— A situação além das colinas está piorando.

Ela sabe. Toda vez que os encontra, ouve relatos de ladrões nas trilhas, de grupos armados atacando fazendas e roubando gado e fazendo o que querem com mulheres e crianças. Desde o dia que Rômulo roubou de homens como esses, ela o tem levado para a floresta, para que despeje

toda a sua fúria em noites selvagens. Mas entende, agora, que vem sendo ludibriada. É claro que ele não esqueceu dos homens.

— Os meninos queriam nos proteger — Larentia explica. — Então Fáustulo os treinou na espada. Achamos que isso os deixaria mais tranquilos. Que teriam a impressão de estar protegidos. Não pensamos que… — As palavras morrem em sua boca.

— O que eles fizeram? — ela pergunta, preparando–se para o pior.

Larentia olha para ela com uma expressão que Noria nunca viu em seu rosto: arrependimento, talvez, ou quem sabe vergonha. Como se tivesse falhado em sua função de protegê–los. Ela respira fundo e continua, as palavras saindo de uma só vez, como se quisesse acabar logo com um tormento:

— Os homens fixaram um acampamento ao sul, e começaram a roubar ovelhas desgarradas. Rômulo ficou furioso. Ele e o irmão rastrearam um dos ladrões de volta até o acampamento. Pretendiam roubar as armas deles para poderem se defender melhor. E conseguiram. Mas Remo foi capturado.

Noria começa a se erguer da cadeira, mas a outra ergue uma mão e ela cai de volta ao lugar.

— Eles o levaram para o seu líder e Rômulo os seguiu — continua Larentia. — Pretendia libertá–lo, mas foi capturado também. Mas o homem não os puniu; apenas fez perguntas a eles. Quais os seus nomes, onde viviam. Quem eram seus pais.

Um arrepio diferente passa por ela agora, um fio gelado descendo pela espinha.

— Então ele percebeu quem eles eram — conclui Larentia.

A pergunta sai num fio de voz:

— E quem seriam?

A história que Larentia conta é esta:

Além das colinas, numa cidade à margem de um lago, chamada Alba Longa, o rei Numitor foi deposto pelo irmão, Amulius. A filha do rei deposto foi obrigada a se tornar sacerdotisa vestal e manter–se virgem. Mas na prisão foi visitada pelo deus da guerra (diz ela) e engravidou. Amulius mandou matar as crianças assim que nasceram, mas os

encarregados não terminaram o serviço; em vez disso, deixaram os dois meninos à beira de um rio, e rogaram ao deus das águas para que cuidasse deles.

O deus não teve tempo de agir. Antinoria foi mais rápida.

— E a mulher? — ela pergunta.

— Está presa, até onde sei.

— Qual é o nome dela?

— Rhea Silvia.

Um nome nobre, ela pensa. *Rhea* como os reis, *silvia* como a floresta. O destino deles já estava traçado.

— Onde estão agora?

— Numitor ficou extasiado em encontrar os netos. Deu–lhes todas as honrarias e os convidou a ficar em seu acampamento, conhecer mais sobre sua linhagem. Mas eles voltarão — Larentia diz. — Eles sempre voltam.

Mas sua voz é um sussurro, e as palavras deixam um rastro de dúvida no ar.

•

Pela primeira vez em anos, ela aceita a oferta de Larentia de pernoitar. Mas não suporta a cama macia dentro da cabana e sai para o ar fresco da noite. Dorme noites ao relento, percorre o pasto das ovelhas, estreita os olhos — mesmo que, à aproximação de alguém, ela vá sentir seu cheiro primeiro. Pela primeira vez, anseia por sua transformação, pois a loba poderia percorrer os campos sem ser molestada, enquanto a mulher não pode fazer nada exceto esperar.

Três dias depois, reconhece o cheiro de Fáustulo, mas ele vem sozinho. Parece exausto quando cai na cadeira diante delas.

— Eles virão — ele informa. — Quando terminarem de planejar.

— O quê? — Noria pergunta.

— Como recuperar o trono de Numitor. O rei quer que se juntem a ele.

— Juntem–se a ele? São só meninos!

Fáustulo e a esposa se entreolham. Noria caminha pela cabana, os pés alisando a madeira do piso, sem encontrar o olhar dos dois. São só meninos, não são? É possível que tanto tempo tenha se passado?

Por pouco ela não vai até o acampamento, mesmo que não haja nada que possa fazer. Larentia parece pressentir seu desejo e não a deixa a sós. A mulher tem razão, ela sabe. Se descobrirem seu segredo, podem matá–la. E então como ela vai protegê–los?

Eles vão ficar bem, ela pensa. *Têm* de ficar bem. E se qualquer mal lhes recair, ela beberá o sangue de Numitor e de cada um dos seus.

•

Eles voltam dois dias depois de Fáustulo. Ela sente seus cheiros no vento, seus passos na terra, e se ergue da relva para encontrá–los. Abraça–os com ferocidade, e sente Rômulo rir contra o seu rosto. Eles estão mais altos que ela agora. Os olhos dela se turvam.

— Que é isso, mãe? — Rômulo a olha, as sobrancelhas unidas. — Eles não te contaram?

Remo toma a mão dela. Entende que ela sabe de tudo.

— Está tudo bem. Não tema.

É claro que não está, ela pensa, meus meninos vão embora. Descobriram que sua mãe é uma rainha e irão para longe de mim.

— Pois então — diz Rômulo —, deve ficar feliz por nós.

O próprio jeito como se portam mudou: os ombros estão empertigados, a voz mais altiva. Os olhos que ela conhece tão bem brilham com uma centelha nova.

— Contem–me tudo — ela pede.

Numitor vem arrebanhando seguidores há anos, eles dizem, aproximando–se de sua cidade de Alba Longa. Seu grupo começou a atacar as vilas e estradas próximas à cidade a fim de pressionar Amulius e fazê–lo se comprometer com ataques. Encontrar os netos perdidos foi o incentivo que faltava ao rei deposto para finalmente entrar em ação.

— Nós somos filhos de um deus — diz Rômulo. — Estava destinado que seria assim.

Suas palavras soam estranhas, como se ecoassem as de alguém. As do avô, sem dúvida. Filhos de um deus. Talvez sejam. Ou talvez aquela tal de Rhea, sozinha entre os inimigos de seu pai, tenha sido abusada até não saber mais qual dos soldados do tio é o pai das crianças. Mas Noria não dirá isso a eles. Seus olhos brilham, sua animação é palpável. Mesmo Remo senta–se ereto na grama, cheio de uma dignidade além dos seus anos.

— Ficamos lá porque estávamos treinando com os homens — ele explica. — Recebemos o comando de duas divisões. Viemos nos despedir de vocês antes de voltar.

Mais tarde ela o puxa de lado, sozinho, sob o céu que se enche de estrelas. A lua é uma metade brilhante e uma metade negra. Não tão diversa dela mesma.

— É isso que você quer?

Remo pensa na resposta, como pensa em tudo. Seus olhos passeiam pela extensão das colinas verdejantes, agora uma cobertura cinza.

— É o nosso direito e dever — ele diz por fim. — Como poderíamos nos ausentar sabendo que o homem que tentou nos matar controla uma cidade?

Mas o argumento da vingança soa indiferente em seus lábios, e ele acrescenta:

— Os grupos de Numitor não vão parar de atormentar essa região até conseguirem o que querem. Isso será ruim para todos. Eu vi do que são capazes. — Seu tom é sombrio. — Além disso, reconquistar Alba Longa é o único jeito de libertar minha mãe.

Uma dor aguda no peito. É claro. Ela não pode dizer que se esqueceu da mulher, e os rapazes também não. Noria tenta imaginar o rosto dessa mãe, reconstruído a partir do rosto dos filhos. Será que passou os anos perguntando–se o que acontecera com os dois? Considerando–os mortos? Ou imaginou–os salvos, pensou em como seriam, do que gostavam, se sorriam com frequência? Será que ela teria criado os meninos melhor que ela e Larentia? Conciliado suas diferenças?

Talvez não. O próprio pai e o tio da mulher querem matar um ao outro. Alba Longa não é lugar para se criar irmãos. Ainda assim, ela não

sabe dizer se ela e Larentia fizeram melhor. Sente os vãos entre os dois se alargando a cada dia.

Mas há algo que ela pode fazer, mãe distante e amaldiçoada, que as outras não podem.

Vai até Rômulo quando os primeiros raios do sol tingem o céu de laranja.

— Seu irmão me contou sobre o plano — ela diz. — Convença seu avô a esperar duas noites.

— Duas noites? Por que…? — Ele franze o cenho até entender. — Mãe, temos tudo planejado.

— Convença–o a esperar duas noites — ela insiste. — Será a última coisa que pedirei a você.

Ele a observa com seus olhos negros e penetrantes, então assente.

— Duas noites — concorda. — Eu a encontrarei na borda da floresta.

— Eu esperarei — ela diz. Antes que ele possa mudar de ideia, ela pergunta: — O que fará com seu nome?

— O quê?

— Imagino que sua mãe tenha lhes dado nomes antes que fossem levados.

— Ah. Sim. — Ele não diz quais são, e ela não pergunta.

— Sei que não gosta do teu — acrescenta.

Ele dá de ombros. São tão largos agora, os ombros de um homem.

— Não. Mas estou acostumado com ele.

O peito se expande; ela solta um fôlego trêmulo.

— Mesmo que seja tão inadequado — diz Rômulo — um homem ter um nome de flor.

Ela balança a cabeça.

— As pétalas podem ser delicadas, mas são cercadas por um caule afiado. É necessário para proteger o que há de mais belo.

— Acho que só uma mãe pensaria assim — ele murmura.

Ela engole em seco ao redor de um nó. Ele encara o horizonte, as colinas que se estendem. Remo estaria perdido em mil pensamentos inescrutáveis, mas Noria sabe o que Rômulo vê: seu futuro. Por um momento, por ele, ela se faz acreditar que são mesmo filhos de um deus.

— Cuide do seu irmão — ela diz, antes que a porta da cabana se abra e que eles escapem para sempre do seu alcance.

Rômulo solta o ar.

— Não é o que faço sempre?

•

Com o tempo, as duas metades se mesclaram e completaram, instintos de uma impelindo a outra, os pensamentos de uma fluindo para a outra, enquanto as duas compartilham o amor de mãe. Acima da dor ela mantém uma única ideia em mente: *cria*.

Pela primeira vez a loba sai de sua floresta, do perímetro em que é respeitada e temida, e encontra os filhotes no lugar combinado. Ela os segue, cruzando bosques e subindo colinas, sentindo o cheiro cada vez mais próximo de homens reunidos, mais homens do que a loba ou a mulher jamais viram. Luzes rompem a escuridão, fogo que eles podem usar para afugentá–la, que ela sabe por instinto que deve temer. Seus pelos se arrepiam. A fome é um buraco dentro dela.

Mas não é por isso que ela está aqui. Os homens se afastam à sua aproximação, e ela expõe os dentes num aviso. Enquanto ficarem longe dos filhotes, ela não irá matá–los. Prometeu aos dois. A loba tem dificuldade em ater–se à ideia, mas a mulher, de um canto da mente, impõe sua vontade.

Um dos homens se aproxima dos garotos. É igual a todos os outros para ela — carne em que poderia fincar os dentes —, mas os outros lhes demonstram respeito. O líder da matilha. Os meninos se afastam e o homem a vê atrás deles, sustenta seu olhar selvagem por um longo momento. Então sorri, um sorriso cheio de dentes.

A massa de homens se agita. Entre a multidão de aromas, ela identifica os dois que interessam e segue–os de perto. Os homens pegam em metal, armas afiadas para compensar seus dentes inúteis, e andam por caminhos de terra abertos entre a mata, por grama pisada, até que ela fareja outra aglomeração à distância, um sem–número de aromas mesclando–se numa mistura insuportável, e logo eles chegam a um muro e se deparam com portões altos de bronze.

E assim, começa. Os gritos se erguem, um uivo com eles. Os portões são escancarados, pés e patas correm para dentro, o metal canta e o sangue jorra.

Ela também trabalha: morde carne macia, projetando jatos rubros, e logo os inimigos aprendem a não se aproximar dos dois soldados, porque a loba estará ali em um segundo, rasgando e torcendo, e os que não morrerem acordarão amaldiçoados. Eles sobem para a colina onde se ergue a fortaleza, deixam um rastro de corpos mutilados e invadem um grande salão. Há uma luta — breve.

À frente, um homem ergue–se de uma cadeira imponente. A mulher, no canto da mente da loba, sabe quem ele é. É aquele que tentou matá–los. Mas, se não tivesse dado a ordem, ela jamais os teria encontrado.

O pensamento passa rapidamente, o dilema complexo demais para a mente animal, e ela o ignora, avançando entre os garotos e rasgando a garganta do homem antes que possa sequer pensar em feri–los de novo.

Há silêncio por um momento, depois gritos eufóricos. Ao seu redor, humanos erguem as armas, berram a vitória, e a loba não entende nada disso, sabe apenas que os filhotes estão a salvo. Eles vêm até ela, os únicos que não temem se aproximar, e ela os fareja. Vivos. A salvo. O menor diz algo que ela não entende completamente, mas uma palavra ela reconhece: mãe.

•

Saem da cidade e atravessam um riacho; apenas ela, os dois e um pequeno destacamento de soldados. O local é um pequeno templo, cujos sacerdotes não oferecem resistência à loba e aos homens armados e cobertos de sangue. Os filhotes trocam palavras e, com as tochas nas mãos, percorrem corredores de mármore até uma cela.

Abrem a porta com golpes de espadas. Ela está lá dentro: um cheiro desconhecido, mas os filhotes se jogam nos braços da mulher.

Por um momento seu instinto é avançar–morder–*matar*.

A voz no canto da mente a impede. Em vez disso, ela solta um uivo que faz a própria lua estremecer no firmamento. Dispara pela porta, corre

para fora do templo, e se embrenha na mata até chegar ao bosque, onde ela é a rainha.

•

Numitor recupera seu trono. Seus homens tomam a cidade, matam, estupram e desalojam, e tudo volta a como devia ser.

É o que Rômulo lhe conta quando vai se despedir de Larentia e Fáustulo. Ela está lá, vem rondando a casa do pastor com mais frequência, arriscando ser vista nas estradas, pois teme perder uma visita. Considera aceitar o convite feito há tantos anos pelo casal e ficar de uma vez. Agora que os meninos sabem, que não estarão mais lá.

Os dois estão mudados: ela não pode mais chamá–los de garotos. As novas responsabilidades lhes deixaram mais sérios, mesmo Rômulo, que adotou um pouco da deliberação do irmão. Ele lhe conta das violências cometidas na cidade, dos destacamentos que comanda, de como eles lhe prestam sua lealdade — a ele e a Remo, os protegidos da loba. De como a sua fama cresce.

— Meu avô não está contente — ele diz, calmo e direto. Não parece muito decepcionado. — Ele esperou muito tempo para recuperar sua cidade e não gosta que todos nela falem apenas de nós. Além disso, há homens demais agora que as divisões de meu avô adentraram a cidade; já estamos tendo problemas em alojá–los.

Os instintos de mãe entram em alerta.

— Não baixe sua guarda — ela recomenda. — Ele pode ser seu avô, mas… — Mas os homens são traiçoeiros, e se os lugares fossem trocados, quem diz que ele não teria deposto o irmão e escravizado a sobrinha?

— Ficarei alerta — ele promete. — Mas sei que logo não seremos mais bem–vindos em Alba Longa.

— O que farão?

Por um instante ela ousa esperar que ele diga: voltaremos para casa. Para os bosques, onde correremos todo mês enquanto Remo pastoreia suas ovelhas, e tudo será como antes. A ilusão dura apenas enquanto o filho perscruta a paisagem, as colinas que sobem e descem, perdendo–se

na névoa à distância. Então se vira para ela. Em seu sorriso desvela–se um destino glorioso.

— Pensei em fundar uma nova cidade.

• • •

ISA PROSPERO é tradutora e revisora. Escreve no blog literário Sem Serifa, é coautora do romance juvenil *Volto quando puder* (2016) e publicou histórias de ficção especulativa na primeira antologia *Mitografias*, na *Superinteressante* e na revista *The Fantasist*, entre outros. Seus trabalhos podem ser encontrados no site www.isa-prospero.com e ela passa seus dias no Twitter (@isaprospero).

Este e–book em PDF foi composto com
as fontes Joanna e Augustus para o
site mitografias.com.br em 2018.